



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PPGEHIS/PROFHISTÓRIA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA

DANIEL LEDA DE ARRUDA

**DOS BALAIOS ÀS TIRINHAS: O ENSINO DE HISTÓRIA DA BALAIADA
POR MEIO DOS QUADRINHOS EM FORMOSA SERRA NEGRA – MA**

ARAGUAÍNA – TO

2024

DANIEL LEDA DE ARRUDA

**DOS BALAIOS ÀS TIRINHAS: O ENSINO DE HISTÓRIA DA BALAIADA
POR MEIO DOS QUADRINHOS EM FORMOSA SERRA NEGRA – MA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), como parte para dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Braz Batista Vas.

ARAGUAÍNA – TO

2024

L472d Leda de Arruda, Daniel

Dos Balaios às Tirinhas: o Ensino de História da Balaiada por meio dos quadrinhos em Formosa da Serra Negra - MA / Daniel Leda de Arruda – Araguaína – TO, 2024.
180f.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Campus universitário de Araguaína – Curso de Pós-graduação (Mestrado) Profissional em Ensino de História, 2024.

Orientador: Braz Batista Vas

1. Balaiada. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Ensino de História.
4. Tirinhas. I. Título

CDD 980

DANIEL LEDA DE ARRUDA

**DOS BALAIOS ÀS TIRINHAS: O ENSINO DE HISTÓRIA DA BALAIADA POR
MEIO DOS QUADRINHOS EM FORMOSA DA SERRA NEGRA – MA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Data de aprovação: 19/03/2024

Banca examinadora

Prof. Dr. Braz Batista Vas

Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT (Orientador)

Prof. Dr. Janailson Macedo Luiz

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA

Profa. Dra. Vera Lúcia Caixeta

Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT

Dedico à minha mãe, Sônia Maria Leda de Arruda

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Norte do Tocantins, campus de Araguaína, pela oportunidade de realizar essa etapa acadêmica e por todo apoio técnico. Aos professores do PROFHISTÓRIA, minha imensa gratidão pelas aulas fantásticas ministradas ao longo do curso, pela generosidade e pelos vários momentos de reflexão em sala de aula e corredores da UFNT. Muito obrigado!

Ao meu estimado orientador Prof. Braz Batista, que durante todo o percurso demonstrou gentileza, responsabilidade e paciência para comigo. Obrigado por acreditar na minha proposta de pesquisa e contribuir, ricamente, para que ela se tornasse realidade e até mesmo mais que isso. Agradeço também pela disponibilidade e pelo bom toque de humor durante as reuniões de orientação, pois as piadas e as risadas tornaram o trajeto mais leve e cativante.

À minha família, em especial meus pais Sônia Maria Leda de Arruda e Cloves Vale de Arruda, e meus irmãos Rafael, Raquel e Gabriel, agradeço pelo amor incondicional, suporte diário e compreensão nos momentos difíceis e desafiadores desta jornada. Agradeço também à minha cunhada Irislene do Carmo e ao meu sobrinho Rafael Júnior pela parceria de sempre. Obrigado por dividir comigo minha experiência social no mundo e fazer o ciclo da vida ser muito mais prazeroso.

Aos meus colegas de trabalho, tanto da rede municipal quanto da rede estadual, minha eterna gratidão pelos constantes aprendizados dentro e fora da sala de aula. Vocês foram essenciais para o meu amadurecimento profissional e sempre demonstraram gentileza e companheirismo nos momentos que precisei estar ausente. Sou grato por cada palavra de incentivo. À turma do 8º ano Vespertino da Escola Municipal Eliza Moreira Ferraz pela colaboração neste trabalho. Grato pela cooperação e troca de saberes. Aprendi muito com cada um de vocês e me sinto honrado de ter realizado um sonho junto com essa turma incrível.

À minha eterna professora e amiga Vera Lúcia pelos infindáveis momentos de conversa e compartilhamento de experiências. Sou muito grato por seus ensinamentos no meio acadêmico e para a vida. Não poderia deixar de agradecer-lá pelos puxões de orelha, sinceridade e pelo incentivo constante desde a graduação. Você é luz!

Aos meus colegas de curso, obrigado pelas vivências e colaboração. A nossa união foi essencial para que todas as etapas do Mestrado fossem realizadas da melhor maneira, Em especial, agradeço aos meus queridos amigos Thamires e Dionathan pela parceria nos momentos mais desafiadores dessa jornada. O companheirismo de vocês demonstra o quão importante é o compartilhamento de saberes. Gratidão!

À Banca Examinadora que participou do Exame de Qualificação e sugeriu preciosas contribuições para o desenvolvimento do trabalho. À secretaria e à coordenação do PROFHISTÒRIA pelo auxílio essencial para minha permanência no Programa e por todo acolhimento e receptividade.

Nada é enviado dos céus sem um propósito

Golden Kamuy

RESUMO

Essa dissertação tem como proposta ampliar as dimensões de Ensino de História da Balaiada com o apoio didático das histórias em quadrinhos na sala de aula, em especial como fonte histórica para problematizar conceitos, temporalidades, sujeitos e espaços, a fim de conectar os estudos em torno da História Regional às reflexões dos discursos e das representações da Balaiada em 2024. Como um percurso analítico e metodológico, os elementos presentes na linguagem dos quadrinhos, como o uso dos balões, os traços dos desenhos e sua intenção cômica ou dramática, servem não apenas como uma reprodução de fatos, mas consequentemente como uma ponte de inquietações para se entender a política imperial oitocentista, revoltas populares, racialidade, classe e gênero. Para isso, foram realizadas experiências em torno da análise e produção de quadrinhos sobre a Balaiada em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Eliza Moreira Ferraz, em Formosa da Serra Negra – MA, destacando aportes metodológicos e teóricos que contribuiriam para a criação da série de tirinhas “Balayôs” por parte dos estudantes. Por fim, foi elaborado uma sequência didática contendo abordagens de análise e criação de tirinhas no âmbito do Ensino de História da Balaiada.

Palavras-chave: Ensino de História. Balaiada. História em Quadrinhos.

ABSTRACT

This dissertation aims to broaden the dimensions of Balaiada History Teaching with the didactic support of comics in the classroom, especially as a historical source to problematize concepts, temporalities, subjects and spaces, in order to connect studies around Regional History to reflections of discourses and representations of Balaiada in 2024. As an analytical and methodological path, the elements present in the language of comics, such as the use of balloons, the traces of drawings and their comic or dramatic intention, serve not only as a reproduction of facts, but consequently as a bridge of disquiet to understand the imperial politics of the nineteenth century, popular revolts, raciality, class and gender. For this, experiments were carried out around the analysis and production of comics about the Balaiada in a class of 8th grade of Elementary School of the Eliza Moreira Ferraz Municipal School, in Formosa da Serra Negra - MA, highlighting methodological and theoretical contributions that contributed to the creation of the series of strips "Balayôs" by the students. Finally, a didactic sequence was elaborated containing approaches of analysis and creation of comic strips in the scope of Balaiada History Teaching.

Keywords: History Teaching. Balaiada. Comics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Representação de Raimundo Gomes em quadrinho de 1970.....	48
Figura 2 – <i>Site</i> de entretenimento do mundo dos quadrinhos "Universo HQ"	70
Figura 3 – <i>Site</i> de comercialização de autores independentes “Gibizada”	72
Figura 4 – Página inicial de compra de HQs, Mangás e Graphic Novels da <i>Amazon</i>	73
Figura 5 – Capa da HQ “Balaiada - A Guerra do Maranhão”	75
Figura 6 – Pontos destacados da review do site Universo HQ sobre o quadrinho “Guerra do Maranhão”	78
Figura 7 – Localização do município de Formosa da Serra Negra - MA.....	85
Figura 8 – Fachada da Escola Municipal Eliza Moreira Ferraz	89
Figura 10 – Nuvem de palavras dos personagens mais citados pela turma.....	97
Figura 11 – Pôster dos personagens da tirinha BALAYÔS.....	110
Figura 13 – Título/seqüência das tirinhas BALAYÔS	111
Figura 14 – Tirinha 01: Iceberg de Balaio	112
Figura 15 – Tirinha 02: Revolta?!	113
Figura 16 – Tirinha 03: Mulheres em revolta	114
Figura 17 – Tirinha 04: Negro Cosme em Cosmos	116
Figura 18 – Tirinha 05: Facão x Baioneta x Espingarda	117
Figura 19 – Tirinha 06: Populares Impopulares	119
Figura 20 – Tirinha 07: MAPICE.....	121
Figura 21 – Tirinha 08: A Vila da Manga	122
Figura 22 – Tirinha 09: O Jogo do Pega.....	124
Figura 23 – Tirinha 10: A casa Bem-Te-Vi.....	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Razões e argumentos para a utilização de quadrinhos	63
Quadro 2 – <i>A review</i>	77
Quadro 3 – Atividades realizadas em sala de aula.....	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Indicadores de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) – Eliza Moreira Ferraz.....	90
Gráfico 2 – Contato dos estudantes com HQs.....	93
Gráfico 3 – Disciplinas escolares que mais utilizaram HQs como forma de ensino.....	95
Gráfico 4 – Gêneros de HQs mais consumidos.....	96
Gráfico 5 – Consumo de HQs nacionais e estrangeiras.....	99

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CE – Estado do Ceará

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

HQ – História em quadrinho

HQs – Histórias em quadrinhos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IHGB – Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa

MA – Estado do Maranhão

MEC - Ministério de Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PEE - Plano Estadual de Educação

PI – Estado do Piauí

PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola

PNE - Plano Nacional de Educação

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 NEM TUDO NO MESMO BALAIIO: CONTEXTUALIZANDO A REVOLTA DA BALAIADA (1838-1841)	32
2.1 A Guerra da Balaiada além dos aspectos políticos: protagonizando sujeitos	32
2.2 Os Balaios descoloniais: enfatizando a luta ontem e hoje.....	42
3 ENSINO DE HISTÓRIA E OS QUADRINHOS: CONSTRUINDO NARRATIVAS 52	
3.1 O Ensino de História: um trajeto pouco inclusivo, porém múltiplo	52
3.2 A disciplina de História no Ensino Fundamental e suas intencionalidades	55
3.3 Percursos das histórias em quadrinhos e o que representam	60
3.4 De passatempo à ferramenta didática: percepções e usos das HQs na educação	62
3.5 Comercialização e divulgação de HQs no contexto nacional.....	69
4 O ENSINO DE HISTÓRIA DA BALAIADA: ANÁLISES DE QUADRINHOS E PRODUÇÃO DE TIRINHAS NA ESCOLA ELIZA MOREIRA FERRAZ	83
4.1 Contextualizando Formosa da Serra Negra - MA	84
4.2 A Escola Eliza Moreira Ferraz.....	89
4.3 Os sujeitos	91
4.3.1 Primeiras impressões e o acesso às HQs	92
4.3.2 Aulas expositivas e debates sobre a origem e os gêneros das HQs	94
4.4 A Balaiada no Livro didático e a análise da HQ “A Guerra do Maranhão”	100
4.5 A produção das tirinhas “BALAYÔS”	108
4.6 Experiências dos alunos no processo criativo das Tirinhas Balayôs	128
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	137
APÊNDICE	141

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado “Dos Balaios as tirinhas: o Ensino de História da Balaiada por meio dos quadrinhos em Formosa da Serra Negra – MA”, tem como proposta ampliar as dimensões de ensino de História da Balaiada com o apoio didático das histórias em quadrinhos em sala de aula, em especial como fonte histórica para problematizar conceitos, temporalidades, sujeitos e espaços, a fim de conectar os estudos em torno da História Regional às reflexões dos discursos e das representações da Balaiada ontem e hoje.

Como principal proposta, trabalhou-se, com o apoio das narrativas das histórias em quadrinhos, uma perspectiva múltipla da Balaiada além da dimensão política. Por isso, foi-se necessário tecer críticas às narrativas tradicionais¹ presentes nos materiais didáticos, ou seja, apontando diferentes olhares a histórias outras que muitas vezes são invisibilizadas. É comum nas obras didáticas a seleção de conteúdos previamente estabelecidos por uma base educacional, como é o exemplo da BNCC. Sendo assim, ao se utilizar da potencialidade crítica e criativa da linguagem dos quadrinhos, criou-se uma alternativa de expandir o horizonte de conteúdos que, como já mencionado, são ignorados. Os estudos do conflito regencial permitem, portanto, enriquecer o debate em torno da Balaiada, assim como gerar uma forma nova de se ensinar história utilizando um material tão rico e chamativo como as HQs².

Temos como questão primordial neste trabalho compreender como a narrativa da Balaiada a partir de uma história em quadrinhos é representada e de que forma essas interpretações auxiliam no processo de ensino-aprendizagem histórica? A partir dessa questão, mobilizei metodologias didáticas através de aulas-oficinas, permitindo uma relação de ensino e aprendizagem sobre a Balaiada, ampliando o debate não apenas em relação ao processo do conflito, mas principalmente abordando a perspectiva das camadas populares em contraponto com os grupos elitistas, que por muito tempo tornaram sua narrativa única e “oficial”.

Uma das alternativas para a problematização dessas questões é o livro didático. Considerada a principal ferramenta de seleção e de transmissão de conteúdos, é responsável por legitimar algumas tradições escolares. Historicamente, foram criados heróis e o protagonismo era dado a homens brancos, libertos, pertencentes às elites dominantes, deixando de fora as camadas populares. Por isso, há a necessidade de se ter um ensino de História que combata esses heróis – como salvadores da pátria -, mas que, também, dê ênfase na participação popular. A Balaiada é um exemplo de uma expressiva participação das massas. Dessa forma, mesmo que

¹ Compreende-se como narrativas de memorialistas, as quais são adeptas às ideias políticas historiográficas.

² No corpo do texto este termo significa histórias em quadrinhos.

a historiografia maranhense, ou até mesmo o ensino de história dos conflitos maranhenses, tenha poucos estudos, é perceptível compreender a realidade centro-sul maranhense atrelada à vivência dos estudantes. Para Cabral (1987, p. 30) é importante haver uma “elevação do nível de ensino de História do Maranhão”, mesmo sendo uma “tarefa árdua, lenta, que exija o esforço e a participação, sobretudo, dos professores e dos alunos, elementos mais envolvidos nesse processo”.

O interesse em pesquisar a Balaiada surgiu pelo que costumo dizer, de um “não contato”. As narrativas em torno do conflito nunca estiveram presentes nas aulas de História no Ensino Fundamental - nem no Ensino Médio -, nem aos menos em materiais paradidáticos, os quais possuem a fama de “complementaridade”. A questão é que, deixar de narrar histórias ensinadas e aprendidas, que são tão próximas de nós e que nos remetem a um sentido histórico localizado, se torna um desafio além do contar e ouvir. O “não contato”, por assim dizer, acaba se tornando o meio de trazer ao cotidiano da prática escolar o como ensinar e o como aprender temáticas que há muito foram pinceladas à nível de curiosidade. Por isso, há a necessidade de ir em busca de outros materiais que funcionem como apoio didático, sobretudo para o ensino da Balaiada em sala de aula.

A iniciativa de discutir a Balaiada e de como trabalhá-la – por meio dos quadrinhos – pressupõe também alguns objetivos específicos que potencializam o processo de ensino. As reflexões sobre os conceitos de ensino de História, análise/representação, produção/divulgação são pontos constantemente trabalhados ao longo dos três capítulos. Tais discussões teóricas são apresentadas em meio as metodologias ativas, lidando com a fonte principal e na criação de novas fontes para o produto final. Dessa maneira, ao utilizarmos quadrinhos para se ensinar a Balaiada também abrimos espaço para pensar questões em torno das temporalidades, das representações dos personagens e nas propostas de se ensinar o regional.

O caminho foi construir, junto aos estudantes, um percurso analítico e metodológico das histórias em quadrinhos, principalmente aquelas que buscam representar, através de sua narrativa acessível - no sentido processual - os trâmites dos personagens, compreendendo a Balaiada como um processo imerso de narrativas, sejam elas elitistas ou populares. De certa forma, tais elementos presentes na linguagem quadrinística, como o uso dos balões, os traços dos desenhos e sua intenção cômica ou dramática, serviram não apenas como uma reprodução de fatos, mas consequentemente como uma ponte de inquietações para se entender a política imperial oitocentista, revoltas populares, racialidade, classe e gênero quando se trata de sujeitos historicamente inseridos num espaço e num tempo. Estes pontos se tornaram muito mais interpretativos quando as constantes indagações surgiram por parte dos estudantes sobre como

a disciplina de História se propõe em “viabilizar” certas histórias, enquanto outros grupos tiveram suas lutas “silenciadas”.

Antes de comentarmos sobre o percurso deste trabalho, se faz necessário compreender minha (pequena) trajetória profissional inserida na realidade de uma instituição municipal maranhense. O interesse pela educação nunca foi algo tão nítido em minha vida, uma vez que ingressar em um curso superior da área da Licenciatura só aconteceu por conta da efetivação da segunda escolha, que era justamente o curso de História. Aos poucos fui entendendo o propósito do curso e aprendendo que os caminhos do profissional da educação no Brasil são desafiadores, mesmo por, na época, não ter tido a experiência de lecionar.

Enfim, o ato de lecionar, portanto, finalmente chegou e com ele a vontade de aplicar as possibilidades empreendidas durante a graduação. Não muito esperançoso de adentrar no mercado de trabalho, consegui uma vaga na rede municipal de Formosa da Serra Negra, no Colégio Eliza Moreira Ferraz, e curiosamente, é a mesma escola em que estudei. Os desafios no início de carreira são muitos: a inserção no mundo dos planejamentos, diários, organização de carga horária; a “dose” de preocupação na prática constante de conhecer a realidade dos vários alunos presentes e ausentes, suas especificidades, afinidades e desafios. De qualquer forma, o âmbito da educação é um universo, o qual rotineiramente deve ser lapidado, levando em conta suas condições subjetivas e físicas.

Levando em consideração sua condição física, a escola, como muitas outras, não tem uma grande estrutura, mas que na medida do possível tenta receber os alunos. Como vamos ver ao longo desta pesquisa, a ausência de salas de apoio, leitura e até mesmo espaços de lazer são alguns dos pontos a serem mencionados quando se trata da valorização da instituição. As dificuldades estruturais, de certa forma, atingem paralelamente o processo de ensino e aprendizagem, mas não se limita apenas a essa questão. Portanto, é importante inferir que os desafios no campo escolar são resultado da soma das condições estruturais e sociais.

Tornar-me um professor muito cedo me fez acreditar que enfrentar a realidade da sala de aula já seria um desafio por conta da idade. O que acabei aprendendo é que a idade seria um dos últimos problemas. Na universidade se teoriza bastante sobre o conhecimento histórico enquanto saber, e assim, o Ensino de História seria apenas um campo de aplicação desse conhecimento. Sendo assim, percebe-se que o saber construído de forma mútua (aluno, professor e comunidade escolar) compreende uma problematização não apenas de conteúdos, mas de vivências que se conectam às teorias e métodos. Portanto, a interação com os alunos forneceu uma condição mais propícia para dialogar com a História, mas não qualquer uma, a História “emergente” capaz de abraçar seus sujeitos históricos.

Como efeito do saber histórico, algumas questões sempre surgiram na prática docente. A interação com os estudantes permite pensar e repensar muitos pontos que durante a trajetória acadêmica não seria possível, sobretudo quando se trata de temas históricos. Os questionamentos podem parecer simples, mas são essenciais para se pensar de que forma a História vai impactar na vida dos alunos e na sua relação com o professor. Perguntas como “Pra que estudar História?” ou “No que esse tema importa pra minha vida?”. Ou enfatizando o nosso objeto de análise: “Por que estudar Balaiada?”, “é daí que vem a expressão ‘tudo no mesmo balaio’?”. São muitos os questionamentos, mas que possibilitam estratégias para conectar a história às histórias da realidade de nossos alunos.

Nesse sentido, considera-se o Ensino de História da Balaiada como uma maneira que oportuniza aos estudantes a dinamização de conteúdo para aprender sobre questões raciais, de classe e gênero, numa linguagem que proporcione um maior interesse dos estudantes pela História Regional. Apoiado nas histórias em quadrinhos, a Balaiada pode levantar interesse e curiosidade por parte dos estudantes principalmente pela presença de personagens. Assim sendo, foi discutido noções gerais de “protagonistas históricos”, questionando-os com perguntas do tipo: Quem são os heróis? Quem são os vilões? Por que essas histórias devem ter um herói e um vilão? De onde essas categorias vieram? Quais os intuítos por trás dessas narrativas que humanizam um certo personagem e “demonizam” outro? Sendo assim, a construção do conhecimento pelo estudante é parte essencial na análise de diferentes fontes que reportam determinadas narrativas numa época em que os debates em torno da diversidade ganham repercussão.

Um dos pontos que a Nova História Cultural³ se preocupou foi justamente trabalhar com fontes diversas, não se limitando às condições positivistas do século XIX. O interesse por temas específicos mobilizou metodologias inovadoras no processo construtivo de narrativas regionais. Quando a HQ “Balaiada ‘A Guerra do Maranhão” foi lançada em sua primeira versão, em 2009, serviu como ponto de partida para pesquisas que envolvessem estudos sobre a representação do conflito além do campo escrito - artigos, dissertações, livros -, o que encadeou a proposta de se trabalhar múltiplas linguagens nas aulas de História, tornando-a a principal fonte de estudo desta pesquisa. Tendo, portanto, a história em quadrinhos como um elemento didático e viável, a construção de narrativas junto aos alunos é peça fundamental para impulsionar as investigações do conflito e seus personagens no tempo presente. Sendo assim, as HQs não se

³ Proposta historiográfica francesa do final do século XX em que se aproximou dos estudos de objetos relacionados à cultura. Elementos como linguagem, costumes, sentimentos passaram a ser problemáticas na pós-modernidade para pensar uma história além dos elementos políticos.

limitam a uma forma de apresentação de conteúdo, mas também podem ganhar um novo *status*, explorando seu potencial de análise e o seu uso em promover e compreender a aprendizagem histórica dos estudantes.

O alcance da história em quadrinhos escolhida desencadeou não apenas um papel de divulgação, mas principalmente como fonte de análise para fins pedagógicos de ensino e aprendizagem do conflito maranhense no tempo presente. A Balaiada, portanto, marca uma etapa fundamental das histórias dos conflitos latino-americanos, brasileiros e maranhenses que concebem a resistência popular. Aconteceu entre os anos de 1838-1841 e marcou um intenso movimento de resistência dos sujeitos da região centro-sul do estado, mas não só, atingiu também algumas áreas do estado do Piauí e Ceará. As reivindicações populares foram historicamente alvo dos projetos elitistas que as excluía de uma historiografia que tinha como alvo o progresso e a evolução da nação. Uma nova releitura da Balaiada tem sido feita justamente para compreender as lutas populares numa região que também foi estereotipada pela historiografia dominante do século XIX.

Nesse sentido, o interesse em realizar este trabalho, através do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), foi colaborar para o processo de ensino da História Regional, no tocante à Balaiada e seus aspectos identitários e políticos, num sentido não apenas didático, com o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, mas com um potencial propósito de dinamizar as narrativas que encontramos além do livro didático, apresentando outras faces da História. Além disso, cria-se um eixo estabelecido por parte dos estudantes em conhecer as nossas próprias realidades e atrelá-las a um sentido histórico, o que demonstrado neste texto, lhes oportunizou pensar sobre suas origens e identidades auxiliando numa prática escolar mais inclusiva, plural e socialmente experienciada.

Tendo como orientação os objetivos do Mestrado em Ensino de História, minhas indagações e todo o processo mobilizado neste trabalho, decorre, inicialmente, da problemática da ausência de se trabalhar, ou deixar de lado, os conteúdos de História Regional/Local. No que compete ao debate em torno do “regional”, compreende-se que não se limita a apenas um conceito geográfico, mas se apresenta como uma categoria subjetiva. Por isso, a região acaba se tornando o caminho, e não o obstáculo para se entender a totalidade que a incluem. (BARROS, 2005). Partir de um lugar se torna, portanto, uma maneira de refletir e enxergar o mundo, principalmente a partir de indagações do presente que nascem dos saberes mobilizados em sala de aula.

Os estudos sobre História Regional e Local ganharam ênfase nos últimos anos com novos compromissos com objetos de pesquisa na História. Em termos historiográficos, essa concepção evoca, em meados do século XX, com a chamada Nova História, abrindo caminho para uma história plural e dinâmica, pensada a partir de temas específicos em sua diversidade, como aponta o historiador Peter Burke:

Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem, como por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira, os gestos, o corpo. (...) O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural” sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço (BURKE, 1992, p. 11).

A emergência dos usos da História Regional nos últimos anos, portanto, viabilizou uma diversidade de temas a serem explorados em sala de aula. É certo que os livros didáticos, possuem seu viés técnico e conteudista pautados numa lógica não apenas comercial, mas sobretudo, de um caráter pré-estabelecido por meio dos documentos curriculares. Estes, por sua vez, acabam universalizando temas de História Geral e do Brasil, muitas vezes interpretados pelos alunos como “sem utilidade”. A inutilidade posta pelo discente, na verdade, se caracteriza como tal, tendo em vista que suas experiências, desejos e expectativas são ignoradas, tornando sua aprendizagem desconexa de suas práticas de vida.

O Ensino de História, numa ênfase popular, influencia os estudantes para atuarem nas transformações sociais cotidianas. Chamando atenção para a História Regional, ou seja, partindo da realidade do aluno como protagonista de sua própria história, há a falta e necessidade de materiais didáticos atualizados num sentido mais inclusivo e próximo. A falta de interesse por parte dos estudantes por História, e principalmente pela História que se aproxima de suas vivências – história regional –, acaba por desencadear um distanciamento crítico dos estudantes do conhecimento histórico aquém da História dos grandes homens e, conseqüentemente, destes como produtores de tal.

A aprendizagem histórica se apresenta, como uma complementaridade, sendo uma atividade essencial para as manifestações culturais, uma vez que oportuniza diversos olhares sobre diferentes temporalidades. Nesse sentido, a cultura histórica, proposta por Jörn Rüsen, acaba por se manifestar de forma expandida, destacando não apenas os saberes presentes nos materiais didáticos e narrativas de docentes, mas também por se incorporar às outras dimensões experienciais da vida. (RÜSEN, 2015). Sendo assim, pensando na variedade de interpretações

é possível identificar a forma crítica que se pode ter ao conhecer a narrativa dos conflitos, por exemplo, atrelados à experiência local, protagonizadas por seus próprios sujeitos.

Com o intuito de fugir das narrativas hegemônicas do Brasil e possibilitar uma dinamicidade na aprendizagem histórica, a pesquisa parte do pressuposto metodológico da pesquisa participativa dos estudantes no processo de análise da HQ “Balaiada – a Guerra do Maranhão”, através de procedimentos de leitura apresentados por Barbosa (2022). O método apresentado pelo autor contribuiu para refletir muito além de uma mera aplicação, mas principalmente na mobilização da análise, no ensino da narrativa sobre a Balaiada numa perspectiva crítica, abordando a diversidade de personagens do conflito.

Mattias Rohrig Assunção (1998) discute no artigo “Histórias do Balaio – historiografia, memória oral e as origens da Balaiada”, sobre uma das primeiras revoltas camponesas no Brasil: a Balaiada. Partindo da ideia de que foi uma revolta importante para a formação do campesinato maranhense, Assunção defende que a Balaiada se estendeu até o estado do Piauí e até mesmo em algumas áreas do Ceará. Por conta de sua pouca atenção por parte da historiografia, a Balaiada, então, acaba por deixar em aberto várias questões, como o fato de que “por conta da amplitude geográfica, ela teve características diferentes em cada revolta.” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 69).

Nesse sentido, a diversidade de sujeitos envolvidos no Balaio, assim como suas regiões, contribuiu para o fato de ser considerada uma das primeiras grandes revoltas camponesas no Brasil, principalmente no Maranhão, estado que continua tendo um dos maiores índices de população camponesa do país. Dessa forma, Assunção apresenta que os envolvidos na revolta no sul do Maranhão e em grande parte do Piauí eram fazendeiros liberais; já no Maranhão Oriental, foi preferencialmente uma revolta protagonizada por escravos e camponeses.

A Balaiada, portanto, pode ser considerada uma revolta multiclassista, assim como a Farroupilha, a Sabinada, a Cabanagem e tantas outras revoltas do Período Regencial e/ou do século XIX. Uma das diferenças, defende o autor, é o fato de que a Balaiada contou com lideranças populares desde o início e, além disso, “esboçou uma aliança – efêmera, sem dúvida – entre camponeses livres e os escravos” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 69).

No decorrer de seu trabalho, o historiador busca confrontar fontes escritas sobre a Balaiada com a memória de moradores da região oriental maranhense. Num terceiro nível de pesquisa oral, buscou-se entender uma “memória oral mais geral”, uma espécie de memória regional. Nesse sentido, é lembrado alguns momentos do evento, tais como o “Tempo do Cativo”, o “Tempo do Pega”, que era o recrutamento forçado de homens. A potência da

memória oral, como defende o autor, deve ser considerada “porque ela apresenta não somente uma ótica fundamentalmente diferente da história ofícosa, mas claramente discorda em muitos pontos desta última” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 70).

As linhas historiográficas sobre a Balaiada podem ser divididas em termos cronológicos, políticos e em função das fontes que usaram. Neste primeiro momento estão os autores que participaram do evento, tais como João F. Lisboa (chefe do partido liberal), Domingos J. G. De Magalhães, secretário do futuro Duque de Caxias, os quais em seus escritos tem-se uma memória seletiva a partir de cartas particulares e entrevistas com rebeldes. Em consequência, essa visão desfavorável aos rebeldes foi sendo construída a partir dessa memória oral minuciosamente articulada com as decisões elitistas do conflito.

A partir da segunda metade do século XIX, as interpretações sobre a Balaiada começam a surgir seguindo uma lógica de polarização: os partidos do Império, um conservador e o outro, liberal. Um dos primeiros alvos dos revoltosos foi justamente a lei dos prefeitos, medida tomada no governo provincial para articular melhor o poder com os “nomes de confiança”. Os balaios, portanto, foram sendo taxados como baderneiros, sem nenhum ideal, orientados pelo crime. O caráter depreciativo em relação aos balaios se justificava pela ideia da raça inferior associada a esses sujeitos. É válido ressaltar que ao longo de suas primeiras representações nos oitocentos, a Balaiada esteve sempre voltada a um olhar político, e que os únicos personagens que apareceriam na História eram homens brancos, elitistas e ligados à administração da província, muitos caracterizados como salvadores da pátria. Mas “salvadores” para quem e para que pátria?

Já em relação à memória oral a respeito do Balaio, o autor mostra como as entrevistas com moradores ajudaram a construir uma outra versão do conflito, partindo, por exemplo, do início do balaio com a revolta em si. “Segundo a versão mais difundida, tudo começou quando um lavrador da comarca do Brejo, o Balaio, libertou seus filhos recrutados à força” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 77). Partindo desse confronto de fontes, portanto, Assunção levanta uma ampla discussão em relação aos vários sentidos que a Balaiada teve, levando em consideração suas localidades e agentes, mostrando que a escrita sobre o conflito acabou passando por algumas mudanças tendo influências da Nova História, incluindo novos sujeitos como objetos de análise na historiografia dos fins do século passado.

As HQs como um produto ligado à uma lógica mercantilista, como é mostrado no primeiro capítulo, possuem muitas especificidades, porém neste caso será atribuída a análise da obra como um documento histórico. Inicialmente, o procedimento se desdobra desenvolvendo algumas questões. Quem é o autor? Diante desta primeira indagação, foi possível elaborar um

roteiro de apresentação do autor da HQ a ser analisada. Posteriormente, levantou-se outros questionamentos como: Quando e onde a obra foi produzida? Quais as temporalidades que nossa fonte contempla? Assim como a necessidade de apresentar o contexto histórico na qual a HQ foi criada e investigar a fonte que se faz presente no momento de leitura. Tais procedimentos permitiram uma maior compreensão do contexto de elaboração de quadrinhos em diferentes épocas, lugares, tamanhos, linguagens e narrativas que acabam por se conectarem umas com as outras, possibilitando diferentes interpretações.

Vale ressaltar que a linguagem dos quadrinhos acaba proporcionando uma noção de linearidade temporal. Quando se trata de compreender o tempo, a concepção cronológica dos fatos se ampara em sua essência singularizada que se resume em: início, meio e fim. Essa tradição europeia é cotidianamente alimentada na sala de aula, principalmente no ensino de História quando se menciona os Períodos Históricos e seus marcos definidores de transição de Eras. Elza Nadai e Circe Bittencourt, pensando a noção de tempo nas primeiras séries do ensino básico afirmam que:

[...] o tempo histórico ensinado nas escolas não se limita ao cronológico, à localização nos séculos e à periodização. O professor, mesmo sem uma reflexão sistemática e mais cuidadosa, desenvolve na escola uma determinada noção de tempo qualitativo. Predomina, nessa transmissão, o tempo linear e evolutivo, segundo os dados apresentados [...] (NADAI; BITTENCOURT, 2006, p. 85).

Tido muitas vezes como uma forma “mais fácil” de ensinar a História, os professores acabam optando por utilizar a proposta linear de tempo, o que acaba ocasionando na criação de uma noção evolutiva dos processos históricos. José d' Assunção Barros, ao analisar o processo de escrita da História e seus usos de temporalidades, permite refletir que os historiadores continuam se restringindo ao lidar com determinadas formas estereotipadas de tratar o tempo, “o que vai desde uma determinada maneira de representar o tempo ou de narrar os eventos sob a forma de uma sucessão frequentemente linear e progressiva, até às possibilidades demasiado restringidas de elaborar recortes temáticos para a pesquisa histórica” (BARROS, 2005, p. 145-146).

Refletindo no sentido da escolha do objeto de estudo, neste caso a Balaiada e sua representação nos quadrinhos, é possível inferir que há uma intenção não apenas da simples narração dos fatos, mas principalmente o intuito de problematizar os sujeitos envolvidos na Revolta maranhense pensando questões de classe, gênero e raça. Tais problemáticas foram levantadas, portanto, a partir de meu próprio tempo, o qual se objetiva trabalhar com fontes

didáticas – a HQ – de uma forma que oportunize um ensino da Balaiada crítico voltado a esses marcadores sociais. Por isso,

Os historiadores mais tradicionais nos seus modos de escrever a história esquecem-se de que, ao elaborar o seu texto, eles mesmos são os ‘senhores do tempo’ – isto é, do seu ‘tempo narrativo’ – e de que não precisam se prender à linearidade progressiva ao ocuparem o lugar de narradores de uma história ou ao se converterem naqueles que descrevem um processo histórico. Se o texto historiográfico é como um mundo regido pelo historiador, por que não investir no domínio de novas formas de dizer o tempo? Por que tratar o tempo sempre da mesma maneira, banal e estereotipada, como se estivéssemos tão presos a este tempo quanto os próprios personagens da trama histórica que descrevemos ou como se fôssemos mais as vítimas do discurso do que os seus próprios criadores? (BARROS, 2005, p. 147).

Os caminhos para se pensar o ensino da Balaiada estão ligados a uma iniciativa nova de tratar o tempo, e não como um simples ato narrativo e descritivo do evento histórico, como pondera Barros. Inicialmente, cabe colocar em xeque as dimensões geográficas do conflito maranhense para que os estudantes busquem identificar a região onde se deu o conflito e como a dinâmica geográfica foi essencial para que a revolta acontecesse. Dessa forma, portanto, há uma análise mais detalhada do espaço, não somente ligada à indicação do lugar – compreensão geográfica –, mas também uma preocupação em se entender que a Balaiada não fora apenas uma revolta maranhense, mas também piauiense, o que pressupõe que os balaios se relacionavam entre as duas províncias, estabelecendo laços e compartilhando técnicas de resistência.

Discutir a Balaiada (1838-1841) nos dias de hoje pressupõe refletir diretamente com o que François Hartog (2015) entende por “regimes de historicidade”. Estes regimes são a forma como uma sociedade se relaciona com o tempo e como esse tempo (passado, presente ou futuro) tem predominância sobre os outros. Hartog infere que as relações dos sujeitos ao longo da História permitiram inclusive pensar em proposições a partir de seu tempo, dialogando com Koselleck (2006) e seu “horizonte de expectativas”.

O tempo histórico é produzido pela distância criada, levando-se em consideração as reflexões de Koselleck (2006), entre o campo da experiência, de um lado, e o horizonte de expectativa, de outro; ele é gerado pela tensão entre os dois lados. É essa tensão que o regime de historicidade se propõe a esclarecer, e é dessa distância que essas páginas se ocupam [...] a estrutura temporal dos tempos modernos marcada pela abertura do futuro e pelo progresso, caracteriza-se pela assimetria entre experiência e expectativa. (apud HARTOG, 2015, p. 39).

As visões temporais podem ser classificadas na esteira dos regimes de historicidade através do âmbito da História Quadripartite (Antiga, Medieval, Modernidade e Contemporânea).

Na Antiguidade, a chamada História Mestra da Vida ocupou-se de uma visão de que no regime de historicidade passadista havia uma preocupação da sociedade aprender com os erros do passado para não os cometer no presente. Um exemplo de escritos são as próprias biografias de grandes líderes que serviam como ensinamentos a serem seguidos na História.

A mudança dos regimes não é instantânea, o que infere pensar a dinamicidade do tempo na Modernidade e na Contemporaneidade. Hartog defende que essa mudança se deu na Revolução Francesa. Por mais que ainda existisse na época da Revolução uma exemplificação do passado, mas ao mesmo tempo também quebraria com o passado justamente pela difusão da ideia do “novo”, intenção do evento revolucionário. A mudança, portanto, acaba por gerar a concepção de progresso mencionada no parágrafo anterior.

Sendo assim, o “presentismo” defendido por Hartog funciona como uma hipótese. Nas últimas décadas do século XX ocorreu uma quebra de paradigmas, principalmente por conta do momento histórico nacionalista e ideológico pós Guerra Fria. As ideias de Hartog permitem problematizar que o conceito é ainda muito eurocêntrico e que, mesmo o autor afirmando que não tinha intenção de se tornar “universal”, percebe-se que o presenteísmo está muito associado à uma realidade específica vivenciada pelo historiador. Nesse sentido, o debate ajuda a refletir diferentes regimes de historicidade inclusive na prática da sala de aula.

Levando em consideração essas ideias, pôde-se trabalhar a Balaiada nas aulas de História do 8º ano, por exemplo, quando o conteúdo aparecia de forma rasa dentro de um conteúdo geral. A discussão sobre o local/nacional é muito abrangente, mas permitiu analisar de que forma certos eventos são forçados a serem lineares a partir também das escalas. Ao mencionar a Balaiada é perceptível já imaginar de que se trata de um conflito ocorrido durante o Brasil Regencial, e não demandas locais principalmente a resistência de afrodescendentes escravizados nas províncias do Maranhão e Piauí. A História dos grandes homens – positivista e que dá atenção aos documentos escritos – fiel às questões políticas, dá a entender que a melhor forma de apresentar a História ao estudante é mencionando nomes e datas, os quais forcem a linearidade.

Os processos de análise de histórias em quadrinhos foram divulgados aos estudantes no formato de aulas-oficinas, planejadas com o intuito de aproximar o estudante à problemática e ao professor, assim como estruturar o passo a passo do processo de análise a fim de pontuar a importância dos quadrinhos no ensino e aprendizagem da Balaiada, no Maranhão e no Brasil. Dessa forma, como abordagem interativa, colaborou diretamente para a construção do produto, uma sequência didática para o uso das tirinhas produzidas pelos próprios estudantes, uma HQ que intercala as duas temporalidades, dos oitocentos e do século XXI. Dessa maneira, a

interação entre esses marcos se fez importante para debater de forma dinâmica através de uma narrativa sobre as problemáticas dos sujeitos envolvidos no conflito, bem como os que estão estudando.

As aulas-oficinas realizadas, tiveram o objetivo de aproximar os estudantes do universo das histórias em quadrinhos, além de contribuir com processos teóricos e práticos para aprender sobre a História da Balaiada e seus personagens. A construção das HQs, neste caso de uma série de tirinhas, é o ponto fundamental para viabilizar a condição dos estudantes com criatividade significativa em relação à Balaiada. Ao pensar as ambientações, por exemplo, foi possível identificar as condições do conflito através dos mapeamentos, ou seja, do reconhecimento geográfico dos mapas, sendo, portanto, a primeira abordagem reflexiva levantada, deixando em evidência a eficiência metodológica das aulas-oficinas também enquanto ferramenta didática para se discutir narrativas históricas ao gerar novos produtos acessíveis, locais e pedagógicos e, posteriormente, contribuir com a divulgação dessas tirinhas como fonte alternativa no ensino de História do Maranhão.

Em termos gerais de análise, nosso trabalho significou um impulso da Balaiada em relação a seus níveis de representação da diversidade do conflito embasando as diferentes indagações criadas a partir do presente, as quais ocuparam-se de teorias críticas da pós-modernidade, incrementadas com reflexões que visaram compreender as narrativas ali contadas por epistemologias não dominantes. Vale ainda lembrar, que durante o processo de análise foi-se necessário, a primeiro instante, uma apresentação geral das histórias em quadrinhos, objetivando conhecer os sujeitos da comunidade escolar e traçar uma proposta inicial para a aplicação de questionários socioeconômicos, como facilidade ou inviabilidade de acesso às histórias em quadrinhos físicas. Nessa investigação, algumas perguntas com esse cunho foram mobilizadas. Perguntas como: “Você costuma ler histórias em quadrinhos?”, “Seus pais costumam comprar livros?”, “O que te interessa numa história em quadrinhos?”, “Acha importante estudar através de HQs?”.

A partir desses questionários, foi possível compreender o contato que esses estudantes possuem em relação ao universo das HQs. Posteriormente foi realizada a aproximação de conteúdos históricos retratados nas histórias em quadrinhos “mais conhecidas” (citadas em sala) e mais próximas à realidade do alunado. Tirinhas conhecidas nacionalmente, gibis e HQs norte-americanas e sul-americanas, além dos mangás japoneses, que apesar de apresentarem propostas diferentes das ocidentais, carregam também um valor simbólico e representativo de territórios que historicamente foram alvo de conflitos.

Nosso trabalho também contempla alguns pressupostos teóricos que serviram como caminhos epistemológicos na prática de ensino e aprendizagem. Pensadores como Circe Bittencourt (2018), por exemplo, nos norteia pela pesquisa destacando a importância do ensino de História e sua prática para o estabelecimento de saberes escolares. Já com Aníbal Quijano (1992), foi possível colocar em voga as preocupações das teorias críticas da pós-modernidade, a permanência das colonialidades e suas implicações na aprendizagem histórica escolar. Nesse sentido, para uma maior compreensão da aprendizagem histórica, levamos em consideração a teoria da consciência histórica de Jorn Rüsen (2015), a qual, fomentada por essa ideia, implica em saberes práticos e cotidianos dos estudantes através das experiências do tempo e das narrativas históricas.

O Ensino de História está sempre em diálogo com as questões de seu tempo. A própria prática de se ensinar também é considerada uma forma de saber que é praticada na experiência construída em sala de aula. Uma História Escolar concebida como “pedagogia do cidadão” mantém-se em currículos do século XXI como importante instrumento educativo de formação para o exercício da democracia, mas em confronto com as novas tendências de uma educação tecnicista cuja prioridade é formar o “cidadão do mundo capitalista global” sob novas formas de individualismo submetido aos ritmos do mundo digital.” (CRARY, 2014, apud BITTENCOURT, 2018, p. 127-128).

Portanto, toda experiência histórica é possível de ser teorizada, e isso pode fortalecer o protagonismo de intelectualidades além do Ocidente. As potencialidades do ato de aprender, não apenas em sala de aula, mas principalmente, propiciar uma união universal de saberes diversos. Nos últimos anos, no campo de Didática da História, o pensador Jörn Rüsen (2010) tem contribuído para as análises do professor-pesquisador e suas implicações no cotidiano. Em relação a seu arcabouço teórico, vamos destacar suas contribuições sobre a consciência histórica, logo, no processo de aprendizagem da História em sala de aula. Por consciência histórica entende-se “a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática” (RÜSEN, 2010, p. 57).

Nota-se, portanto, que as argumentações de Rüsen possibilitam a construção da consciência histórica a partir do próprio ensino de História escolar. Em decorrência dessa prática, o conhecimento histórico produzido promove orientação de tempo e espaço, elementos fundamentais inclusive na legitimação de identidades dos estudantes enquanto sujeitos históricos. Em relação à interação do tempo, o autor defende que:

Pode-se descrever a operação mental com que a consciência histórica se constitui também como constituição de sentido da experiência do tempo. Trata-se de um processo de consciência em que as experiências do tempo são interpretadas com relação às intenções do agir e, enquanto interpretadas inserem-se na determinação do sentido no mundo e na auto interpretação do homem, parâmetros de sua orientação no agir e no sofrer (RÜSEN, 2010, p. 59).

Dessa forma fica claro que as interações – passado, presente e futuro – são essenciais no processo de intuição de sentido pela consciência histórica.

Os caminhos para uma prática escolar mais inclusiva são fundamentais para a construção de uma consciência histórica, principalmente partindo das experiências. Logo, não poderia ignorar uma das pensadoras negras que, com fortes influências de Paulo Freire, intensificou os debates sobre educação libertadora. Bell Hooks elaborou em seu livro *Ensinando a transgredir* (2017) uma interação que envolve a pedagogia em três olhares: crítico, feminista e anticolonial. Nos atentamos para discutir os caminhos para uma pedagogia crítica, a fim de enriquecer os percursos de aprendizagem para além da pesquisa.

A prática libertadora defendida por Hooks perpassa por experiências enquanto professora e quando mais nova, como aluna. A identidade está sempre interligada em seus estudos, evidenciando o quão os marcadores sociais são objetos pensados no cerne dos debates de educação para a liberdade. Raça, classe, gênero, sexualidade e amor. Dentre estas amplas categorias, a última é uma adição de Hooks, a qual entende que os caminhos para transgredir são também enviesados por amor, onde o professor se torna um agente de cura.

Em busca da aprendizagem crítica, Hooks entende que ela se dá a partir do momento que passamos a romper com as relações hierárquicas existentes na sala de aula, e ao mesmo tempo reconhecendo na diversidade da turma e nas individualidades e particularidades de cada grupo que compõe a sala (HOOKS, 2017). Dessa forma, a pedagogia engajada proposta pela autora indica que:

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizagem será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos (HOOKS, 2017, p. 35).

Através dos diálogos entre as autoras e autores mencionados, foi possível construir os oportunos caminhos dentro e fora da sala de aula, nos atentando para a diversidade de experiências de toda comunidade escolar. Estas, por sua vez, são demandas do nosso tempo e proposições engajadas por professores e estudantes que juntos colaboram por um saber da sala

de aula em constante alinhamento com problemáticas locais. Buscar a ausência e a partir dela abrir novas trajetórias investigativas acaba proporcionando um leque de possibilidades de se pensar os sujeitos.

Dessa forma, ao analisar a história em quadrinhos “Guerra do Maranhão” muitos questionamentos foram levantados, desde a questão espacial, até às situações dos sujeitos envolvidos no conflito e seus papéis representativos na época. Nessa mesma abordagem, a preocupação de quebrar com os padrões eurocêtricos de tempo, as práticas de ensino na História demonstraram trazer fontes e discuti-las a partir do nosso tempo indagando-nos de questões que são demandas que envolvam protagonismos raciais, classicistas e de gênero, os quais são amplamente representados na narrativa da HQ analisada, pois assim como o processo de escrita dos historiadores deve ser constantemente observado, o hábito de ensinar deve ser atentado a diferentes temporalidades para que a aprendizagem histórica se torne crítica e não uma repetição de fatos.

Para discutirmos a validade de tais questionamentos, procuramos dividir este trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, que tem como título “Nem tudo no mesmo balaio: contextualizando a Revolta da Balaiada (1838-1841)”, tratamos de uma discussão bibliográfica de alguns principais pesquisadores sobre História/historiografia da Balaiada e suas variadas perspectivas em torno do conflito. Assunção (2020) e apresentam uma visão popular da revolta, dando ênfase em personagens e como estes foram sendo representados pela escrita oficial/imperialista oitocentista. Além disso, pesquisadores como Alhadeff (2022) trazem à tona o debate sobre a aparição da temática da Balaiada em materiais didáticos e como estes podem contribuir para emergir o tema no ensino básico. Marcando elementos identitários, Assunção (2022) e se preocuparam e analisar a resistência do povo camponês e escravizados a partir dos aspectos sociais de racialidade e gênero, dando atenção a sujeitos que resistiram à lógica repressiva dos governantes imperialistas perante a revolta.

Já segundo capítulo, que chamamos de “Ensino de História e quadrinhos: construindo narrativas” apresentamos algumas discussões acerca da trajetória do ensino de História até os dias de hoje, em diálogo com o percurso das histórias em quadrinhos e sua linguagem. Para isso, iniciamos com uma abordagem sobre os caminhos e disputas da História enquanto campo autônomo no Brasil, seguido da necessidade de se pensar o processo de aceitação das HQs como proposta didática no campo da educação. Para essa empreitada dialogamos com intelectuais ligados ao campo do ensino de História, tais como Circe Bittencourt (2009), Selva Guimarães Fonseca (2003), Maria Auxiliadora Schimidth (2007), dentre outros, além dos pensadores que

refletem os desafios e possibilidades das histórias em quadrinhos como ferramenta didática, como Palhares (2008) e Araújo et al (2008).

Em seguida, no terceiro e último capítulo, trouxemos o desenvolvimento da pesquisa efetuada na Escola Eliza Moreira Ferraz com os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental na cidade de Formosa da Serra Negra – MA. Tendo como título “O Ensino de História da Balaiada: análises de quadrinhos e produção de tirinhas na Escola Eliza Moreira Ferraz” contempla a análise da HQ “Guerra do Maranhão” e, posteriormente, a produção da série de tirinhas “BALAYÔS”, tendo como produto uma cartilha destinada para professores intitulada “O Ensino de História da Balaiada através de HQs: análise e produção de tirinhas”.

2 NEM TUDO NO MESMO BALAIO: CONTEXTUALIZANDO A REVOLTA DA BALAIADA (1838-1841)

2.1 A Guerra da Balaiada além dos aspectos políticos: protagonizando sujeitos

O trabalho do historiador Matthias Röhrig Assunção foi um dos escritos que mobilizou metodologias e fontes (escritas e orais) que se preocuparam em entender a revolta da Balaiada (1838-1841), por diferentes sujeitos em múltiplos espaços. Parte do problema de que tal movimento, mencionado por ele como sendo uma “insurreição”, demanda de interpretações difundidas através de uma perspectiva oficiosa, ou seja, narrativas criadas baseadas em documentos escritos do Império e de suas instituições. Dessa maneira, o autor buscou confrontar as versões historiográficas contando com o discurso da memória oral e pesquisas documentais, em especial analisando o papel dos líderes da rebelião, bem como sua origem.

Primeiramente, Assunção destaca que a temática da Balaiada não tem sido, ao longo do século XX, muito abordada pela historiografia, tendo em vista sua zona considerada periférica quando comparada com a escala nacional. Ainda, discorre que se limita à espacialidade maranhense, porém abarcou regiões do estado do Piauí e Ceará. Segundo ele,

Em geral, os manuais de história dizem que aconteceu no Maranhão, quando na verdade, abarcou apenas uma parte, se bem que a mais importante, desta província, mas além disto se estendeu por quase todo o Piauí e chegou mesmo a alguns municípios do Ceará. Por causa dessa amplitude geográfica, ela teve características diferentes em cada sub-área da revolta de fazendeiros de gado liberais. No vale do rio Itapecuru e na região conhecida como Maranhão Oriental, pelo contrário, foi acima de tudo revolta de escravos e camponeses (ASSUNÇÃO, 1998, p. 67-68).

A dimensão espacial da Balaiada de fato foi muito mais ampla do que se deixava registrado por memorialistas décadas após o conflito, em especial porque o palco dito como “principal”, a cidade de Caxias, localiza-se no estado do Maranhão e em decorrência da difusão da história oficial, o imaginário local esteve imerso na narrativa do Duque de Caxias, um dos “grandes homens”, há muito homenageado pela elite por ter sido considerado aquele que pôs fim à rebeldia dos balaios que iam contra a organização do Império Brasileiro. Vale mencionar que Assunção entende a pluralidade de espaços do conflito, mas direciona sua pesquisa para o que ele considera como sendo “a mais importante”, ou seja, a região oriental do Maranhão, que mais tarde defende como a zona que há a presença dos camponeses e escravizados.

A historiografia da década de 1990 no Brasil esteve, potencialmente à luz dos estudos marxistas, contribuindo com diversas pesquisas que destacaram as camadas populares numa

perspectiva de classe. O artigo de Assunção, por exemplo, pode ser considerado como um trabalho, que buscou, na época, um olhar trabalhista do conflito, tanto em dimensões políticas, quanto sociais, destacando a resistência do campesinato maranhense e como estes “vem sofrendo outra vez o impacto violento de um modelo modernizador que ameaça a sua sobrevivência enquanto grupo, ou modo de vida distinto (ASSUNÇÃO, 1998, p. 68).

De um modo geral, o historiador apresenta a especialidade da Balaiada em relação aos outros conflitos da época do Período Regencial Brasileiro (1831-1840), importantes elementos para se entender a luta camponesa mobilizada por múltiplas classes sociais:

A Balaiada foi, como muitas outras revoltas do tempo da Regência, ou seja, a Farroupilha, a Sabinada, a Cabanagem e a Cabanada, uma revolta multiclassista. Ela também envolveu fazendeiros de gado, vaqueiros, e mesmo escravos. Há, no entanto, dois aspectos que a diferenciam das demais (talvez com exceção da Cabanagem). Primeiro, à diferença das outras, contou com uma liderança popular desde o início. Segundo, é também exemplo pouco comum na história do Brasil de um movimento onde se esboçou uma aliança – efêmera, sem dúvida – entre camponeses livres e os escravos (ASSUNÇÃO, 1998, p. 68).

A importância estabelecida em torno dos sujeitos protagonizados pela ótica camponesa, neste caso, é especificado pelo autor. Vaqueiros e fazendeiros de gado se unem aos escravizados, considerando uma rede de apoio durante a guerra, ainda que uma união “efêmera”, ou seja, mesmo que temporariamente, provocou significações múltiplas no imaginário local de quem era ou não protagonista, heróis, vilões. Numa perspectiva histórica de classe, os 12.000 participantes da revolta regencial, considerados por muitos historiadores do século XX, como “doze mil homens”, implica implicitamente a presença mulheres e crianças, que em trabalhos da década de 2010, buscaram aprofundar seus estudos sobre a presença feminina na Balaiada de acordo com as ideias de gênero.

Como fonte principal, Matthias Assunção utilizou-se de uma pesquisa de campo realizada no ano de 1982. Com uma duração de nove meses, tal abordagem concentrou-se na região do Maranhão Oriental, nas microrregiões: Baixada Oriental, Itapecuru, Baixo Parnaíba e Alto Munim. Foram reunidos elementos da memória oral em 20 dos 35 municípios, entrevistando aproximadamente 600 pessoas idosas (ASSUNÇÃO, 1998). Dessa maneira, o autor interpretou tais memórias em três diferentes níveis: a) memória individual, com enfoque em informações biográficas familiares; b) memória coletiva, priorizando origens e envolvimento da/na Balaiada destacados pela comunidade, exercendo a função de pertencimento ao local (posse da terra); c) memória oral geral, ou seja, interpretada como uma “memória regional”, difundida em diferentes municípios da região oriental que contam histórias sobre a Balaiada e suas influências, como destacadas a seguir:

Do “Tempo do Cativoiro”: é lembrado o trabalho diurno e noturno, as atrocidades nas punições dos escravos ou as malandragens destes para conseguir alguma vantagem.

Do “Tempo do Pega” (o recrutamento forçado): é recordado o fato que os homens andavam escondidos nos matos e que havia caboclos com rezas fortes capazes de se transformar num capim ou num toco para escapar da tropa.

Do “Tempo da Guerra”: contam-se as fugas generalizadas (inclusive de mulheres e crianças) para os matos e das crianças aparadas na ponta da espada pela tropa. Esta memória permaneceu viva em virtude do trauma que representou a guerra para o campesinato maranhense (ASSUNÇÃO, 1998, p. 69-70).

Fontes de memória entraram em contraponto à História Positivista, que considerava que os documentos escritos, em especial as fontes primárias, eram as únicas bases de estudo possíveis para a construção da história nacional, empreendida por discursos que defendiam que o historiador – ou aquele que escreve histórias – agia, frente o seu objeto, como imparcial, objetivo e metódico. Os documentos oficiais, portanto, contribuíram para o desenrolar da esteira de contação de histórias limitadas, as quais as deixavam não “invisíveis”, mas sim no esquecimento. O que querem que seja narrado, enfim, sustenta a base de uma guerra de narrativas que inclusive esteve presente durante as estratégias difundidas pelos balaios e está presente nas representações criadas sobre seus participantes nas décadas posteriores. Na contemporaneidade, ainda impulsiona recordações e elementos que só justificam que ainda não se tem – e dificilmente teremos – a história “oficiosa”, nos termos de Assunção, da guerra da Balaiada.

São várias as formas de ter o primeiro contato com o tema da Balaiada dentro e fora da sala de aula. Entretanto, é notório que a difusão de saberes acadêmicos e saberes escolares, juntos, podem ser aliados para se pensar uma temática histórica – como ensiná-la e como aprendê-la. Compreender a trajetória da historiografia do conflito regencial é fundamental para se familiarizar com processos históricos, cronologias, sujeitos, conceitos e espacialidades, tendo em vista seus contextos, os quais essencialmente influenciaram para a criação dessas narrativas. Nesse mesmo sentido, os saberes substancialmente espalhados no contexto escolar também entram em evidência se considerarmos os agentes que os mobilizam – professores, estudantes, comunidade escolar -, os quais, diariamente, constroem a incipiente ideia de que todo saber é fruto de um local e de realidades culturais específicas.

Posteriormente, Matthias Assunção prioriza a apresentação de linhas historiográficas da segunda metade do século XIX ao final do século XX, enfatizando as interpretações de autores/autoras que desempenharam papéis memorialísticos e históricos. Primeiramente, a distinção utilizada para compreender os estudiosos da Balaiada se segue em termos

cronológicos e políticos, sobretudo em ocasião da utilização de fontes naquele contexto. Por isso, os primeiros autores a falarem sobre Balaiada foram aqueles que participaram diretamente do conflito, criando suas interpretações de maneira seletiva. É o caso de João Francisco Lisboa, um dos chefes do partido liberal de São Luís, e Domingos José Gonçalves de Magalhães, até então secretário do que conhecemos hoje por Duque de Caxias, Luís Alves de Lima. (ASSUNÇÃO, 1998). Mais que mencionar nomes, é relevante assimilar que as fontes encontradas em seus acervos pessoais (cartas particulares), e ainda, escritos oficiais, demandas de seus cargos, funcionaram como informações de apoio ou repulsa, mobilizando certos grupos e excluindo outros.

Lisboa recebeu uma carta do chefe rebelde Raimundo Gomes, pedindo-lhe apoio. Magalhães pode interrogar Raimundo Gomes depois que se apresentou. O suposto desentendimento entre Gomes e o chefe quilombola Cosme, este mantendo aquele preso, é baseado na Memória histórica de Magalhães, onde esse autor afirma que foi o próprio Gomes que narrou-lhe este episódio [...] assim a memória oral está desde o início associada à escritura da história da Balaiada (ASSUNÇÃO, 1998, p. 70-71).

Portanto, a memória oral, segundo o autor, desempenha o papel de fornecer as ditas “primeiras” noções sobre a guerra da Balaiada, em especial seu conturbado alinhamento de posições e grupos específicos, tais como o desentendimento entre os líderes quilombola e camponês em pleno conflito. Por isso,

O uso da memória oral pela primeira e mesmo pela segunda geração de autores foi sempre seletiva. Eles usaram o depoimento de pessoas consideradas por eles fidedignas, ou seja, quase sempre agentes da repressão ou membros da elite. A exceção é o aludido depoimento de Raimundo Gomes e Magalhães. Mas neste caso tratou-se mais de um interrogatório. Além do mais, serviu sobretudo para reforçar o argumento de Magalhães de que a estratégia do Duque de Caxias de dividir rebeldes livres e escravos tinha dado certo (ASSUNÇÃO, 1998, p. 71).

As próximas gerações não deram muita importância à memória oral e se debruçaram em pesquisas de arquivo. A nova geração de estudiosos da Balaiada, a partir da década de 1970, conseguiu utilizar novos documentos, como exemplo o depoimento de Cosme e manifesto de balaios. Dessa forma, Assunção (1998) enfatiza que a memória dos descendentes dos balaios não tem sido mais considerada.

As versões que se sucederam como primeiras noções da Balaiada se associavam bastante em relação a divisão partidária que se encontrava na corrente revolta: partidos liberal e conservador. Como já explicado nos parágrafos anteriores, com as interpretações memorialistas de Magalhães (1848), pôde-se observar o caráter político desse movimento, e, conseqüentemente, sua versão da história dos chamados por ele “homens ociosos”. Assunção,

assim, discorre a respeito da condição de privilégio do partido conservador que era dominante na época, em escala regional com os cargos de prefeitos, quanto em âmbito nacional. Dessa forma, a lei dos prefeitos e a forma de governo da província naquele contexto foram as primeiras causas da revolta (MAGALHÃES, 1848, p. 71). Nesse sentido, a tentativa de invisibilizar as condições revoltosas daqueles que lutavam por direitos, culminou em um violento processo de negação do caráter político da Balaiada por parte dos conservadores.

Mas de que forma então Magalhães interpretou essa “não-condição” política do conflito? Segundo Matthias Assunção (1998, p. 71), “a revolta expressa a eterna cobiça do pobre, incapaz por si de alcançar pelo trabalho os frutos da abundância de que gozavam os honestos e pacíficos escravistas. Meio século depois, a descrição ainda é a mesma”. Nota-se, portanto, a tentativa, mesmo um século após a posição de Magalhães, que a representação daqueles que decidiram se unir para confrontar a ordem imperial vigente, manteve seu *status* de rebaixamento das classes populares. A “pacificidade” dos que detinham o poder de escravizar não mais permanecia serena, sobretudo porque eles mesmos se identificavam como homens adeptos da civilização, logo, parceiros do Império. Afinal, o jogo de interesse também imperava.

A imagem, ou a ideia dos “homens ociosos”, sanguinários, sem civilidade, se tornaram comuns no espaço conservador, ao mesmo tempo que o caráter depreciativo se estendeu à condição de raça – ou cor, utilizando o termo da época. Dessa maneira, começou a ser alvo dessa ridicularização e depreciação a condição étnica dos rebeldes, inferindo, segundo Assunção, uma noção de “raça inferior” dos habitantes do interior do Maranhão:

Homens ociosos, sem domicílio certo, pela mór parte de uma raça crusada de Índios, brancos e negros, a que chamam de *cafusos*, os quais são mui amantes desta vida meia errante, poucos dados a outros misteres e muito à rapina e à caça, distinguindo-se apenas dos selvagens pelo uso da nossa linguagem. São esses homens de cruel índole pelo hábito de pastorar e matar o gado, consumindo o resta da vida em ócio ou em rixas. Desta gente bruta há grandes manadas nesta província, e assim nas do Piauí e Ceará, análogas a esta pelos usos e costumes [...] Esta é a gente que incitada nos fez a guerra, é ela e que compos o exército da rebeldia” (MAGALHÃES, 1848, p. 267).

Os personagens envolvidos no processo, na perspectiva do autor citado suscita a realidade depreciativa a qual os principais líderes locais visavam difundir na sociedade local e até nacional. Esta perspectiva conservadora contribuiu também para que Raimundo Gomes, principal força dos revoltosos, fosse taxado como um delinquente, apenas como um “instrumento estúpido”, nas palavras de Magalhães (1848) do partido liberal, que orquestrava então o líder como uma espécie de “mão oculta”. Vale ainda mencionar que a condição de usabilidade de Gomes se mistura às condições raciais para subjugar sua condição enquanto

líder, ao analisar a inferioridade defendida por Magalhães a respeito dos moradores interioranos do Maranhão e demais províncias vizinhas. Quanto às suas projeções territoriais, generaliza os sujeitos interioranos ao tratar da mesma forma diferentes grupos sociais/raciais do MA, PI e CE, bem como suas sub-regiões.

Ainda em relação à linha historiográfica apresentada por Matthias Assunção, as origens e causas da Balaiada também se construíram a partir da ânsia pela Independência e da questão nativa dos brasileiros contra os portugueses, ainda considerando um caráter de lutas de classe e racial. Para isso, o autor menciona a memorialista Cartola Carvalho, que foi adepta dos revoltosos e que defendia a ideia do embate patriótico luso-brasileiro. Em seguida, menciona o trabalho de Maria Januária Vilela Santos (1983), que em plena década de 1980 decide enfatizar a necessidade de pesquisa da relação ideológica entre rebeldes livres e escravizados, e como tais ligações perpetuaram a omissão do problema da escravidão por parte dos Balaios (ASSUNÇÃO, 1998, p. 73).

Pensar a Balaiada, portanto, requer não apenas “contar a história da Balaiada”. Da mesma forma de que não é possível levantar um grande escopo do início ao fim, em termos cronológicos, de como se desdobrou tal revolta. Seja pela ausência de fontes, ou seja, por limitações impostas por momentos historiográficos predominantes de um período – no caso as abordagens e métodos positivistas do século XIX -, pensar um conflito muito específico, mas predominante em escalas regionais e nacionais, permite destrinchá-lo por diversas óticas, através de variados objetos. Vale ressaltar que certo objeto só se torna possível de investigação quando o historiador ou a historiadora fazem perguntas a ele. As indagações partem de um problema pensado numa época sobre outra época. No ensino sobre a Balaiada, o maior enfoque deste trabalho, soa, portanto, como uma porta de entrada para se compreender como se ensinar um processo que envolveu sujeitos de seu tempo, indagações, ações, representações, política e ideologias de uma região consideravelmente extensa e ao mesmo tempo tão diversa em questões geográficas e culturais.

Uma das perspectivas mais aceitas e, portanto, mais difundidas dentre a historiografia, em relação às origens da revolta da Balaiada, está a tomada à Cadeia da Vila da Manga. Sendo assim, pode-se refletir que o próprio ato de chegar até à cadeia é potencialmente interpretativo. Levando em consideração o debate linguístico e conceitual sobre os processos de colonização nas aulas de História, a utilização dos termos evoca muitas intenções de quem age a respeito de seus anseios. Ao mencionar o termo “chegada”, por exemplo, é muito comum ainda nos depararmos, nos livros didáticos, com narrativas que se referem à descobrimento/descoberta do Brasil ou das Américas. Nesse sentido, a “tomada” da cadeia, pode também ser enfatizada como

apenas uma “chegada”, dependendo das condições em que os revoltosos se encontravam. A tomada, nesse caso, foi mais utilizada justamente por ter se efetivado, sobretudo inaugurando o processo da guerra.

Em dezembro de 1838, a conhecida Vila da Manga foi palco do começo da guerra quando Gomes e demais revoltosos tomaram a cadeia, o que sugere muitas significações naquele contexto, em especial ligadas a ideais patrióticos, partidários, de valores e moral ética. A narrativa contada segue os princípios dos partidos, sobretudo em meio a uma guerra também de narrativas, a qual pode fornecer posicionamentos que explicam o episódio como uma união de bandidos, atrelando sempre a imagem de “covarde” a Gomes. Por outro lado, a linha liberal defende que Gomes era um vaqueiro, e não um criminoso. O motivo da invasão seria, portanto, o salvamento de seu irmão que fora recrutado à força pelas tropas conservadoras quando estava “tocando” uma boiada. Os conservadores, por sua vez, defendiam a incapacidade de Gomes em liderar todo esse movimento sozinho, tendo como base a inspiração de políticos liberais, ou seja, da oposição, relatada por eles como a “mão oculta”.

A disputa de narrativa em torno da origem da Balaiada estabelece um amplo jogo de poder que criou protagonistas e antagonistas. Tal qual nas histórias em quadrinhos, onde os elementos visuais se unem aos aspectos textuais, a representação de personagens considerados bons ou más não é apenas um jogo de dualidade, mas essencialmente uma maneira de estabelecer interpretações de mundo seguindo ideais (ou ideologias) de que as conta. Deste modo, pode-se assimilar que o episódio da tomada da cadeia na Manga sugere que:

O que dá sentido a este evento como “origem da Balaiada” não é tanto o fato de Gomes ter liberado recrusas presos na cadeia, mas sim o fato de ele ter justificado esta ação como um manifesto, que não somente legitimava a sua ação, mas situava-a numa tradição liberal revolucionária que vinha desde as lutas pela Independência no Maranhão, e que apelava para a mobilização geral contra o poder conservador, identificado com “os portugueses” e os seus representantes mais odiados, os prefeitos. De fato, ele apenas deu sentido político a uma revolta que já tinha começado antes [...]” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 76).

Seguindo nessa mesma linha, é significativo entender que a origem da Balaiada pode ser em muitos casos resumido ao fato de libertar presos numa cadeia por aqueles que se sentem injustiçados. Decerto, é uma das maneiras as quais se pode iniciar a trabalhar a temática em sala de aula, criando as primeiras impressões para que posteriormente o episódio seja destrinchado, expondo sua complexidade política, identitária e social.

Outra questão que se pode refletir acerca de suas origens, é em relação ao personagem (ou personagens) “Balaio”. Na historiografia, segundo Assunção, a figura do Balaio foi enfatizada em duas versões: vingador das filhas estupradas e libertador dos filhos recrutados.

As duas noções foram sendo difundidas no decorrer dos anos e chegando ao imaginário popular (ou memória oral, na perspectiva do autor), estabelecendo ligações entre as histórias contadas passadas de geração em geração nos municípios da região.

Partindo da ideia linear de que o “Balaio” precedeu a revolta antes de Gomes, a primeira menção a esse nome foi encontrada também nos escritos de Magalhães (1848). A vingança pelas filhas estupradas pelo oficial Guimarães é considerada o motivo de sua insurreição e Assunção analisa que “não é preciso divulgar por completo desta história do Balaio, porque ela é plausível. Afinal, o estupro de mulheres escravas fazia parte do cotidiano das fazendas do interior, assim como a humilhação da população ‘de cor’ livre por brancos ou portugueses como Guimarães” e ainda complementa que “a história do estupro pode explicar a sede de vingança de um indivíduo, mas não necessariamente a mobilização de uma multidão seguindo o Balaio” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 77).

Já a memória oral do Balaio era diferente, como aponta o autor (1998) ao analisar nos relatos de moradores (Antônio Rampa e Boaventura Santos), os quais contaram sobre o Balaio enquanto um lavrador da região do Brejo, que libertou seus filhos “pegados” à força, iniciando assim a guerra do Balaio. Em pesquisa ao Acervo Público de São Luís, Matthias Assunção se deparou com documentos escritos que mostram a veracidade dos relatos. “No dia 30 de outubro de 1838 prestaram juramento dez novos recrutas no brejo. Entre os recrutados a força constava um Francisco Ferreira, 18 anos [...] poucos dias depois saíram os recrutas e quatro desertores [...] dos quais um desertou” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 78).

É notório que em decorrência das diversificadas versões sobre a figura do Balaio, pode-se considerar que, para Matthias Assunção (1998), existiam dois Balaio, na qual funcionou como um apelido chegando aos relatórios oficiais. Em detrimento disso, ao longo das décadas, uma versão se tornou predominante na historiografia oficial, enquanto a outra nos relatos memorialísticos de parentes de balaio. Em análise, o autor demonstra que:

No discurso oficial, a história do vingador das filhas estupradas mostra como o erro individual de um soldado contribuiu para a eclosão da revolta. Mas não toma em consideração os conflitos mais abrangentes que dividiam a sociedade maranhense neste momento. Destarte, a elite podia explicar a revolta sem contudo admitir as razões estruturais que levaram a ela. Na versão da memória oral, pelo contrário, a história do Balaio libertador do ou dos filhos “pegados” põe em relevo o que é visto pelos rebeldes e seus descendentes camponeses como a principal razão da revolta, o “Pega”. O Balaio, liberando não somente o seu filho recrutado, mas propagando que ia soltar “a quantos recrutas passarem” eleva a sua resistência individual a um nível mais alto, coletivo. A partir deste momento a resistência passiva ao “Pega” transformou-se em resistência ativa, em revolta aberta. Todas as famílias camponesas viviam sob a mesma ameaça do recrutamento, por isto as ações do Balaio, e subseqüentemente a de Raimundo Gomes tiveram grande ressonância, mobilizando milhares de homens contra o governo provincial e os prefeitos recrutadores (ASSUNÇÃO, 1998, p. 79).

Dessa maneira, não é à toa que a expressão “no Tempo do Pega” tenha se popularizado na região. As causas da guerra da Balaiada podem ser difundidas por diferentes ou semelhantes óticas, mas integrando de forma dialógica, os ideais enviesados propostos pelo povo camponês e por personagens que de certa forma ganharam destaque nas narrativas orais e escritas. A difusão da resistência dos balaios, neste caso, pode provocar uma análise, no presente, tanto nos ideais de classe, quanto em termos raciais, este último ganhando mais ênfase no século XXI. Todavia, não tem como ignorar seu potencial interpretativo para a compreensão de sujeitos historicamente inseridos em seu tempo e como estes lidam com a revolta contextualizando-os com as problemáticas sociais que enfrentamos no tempo presente.

Seguindo com sua análise historiográfica, o historiador no tópico “massacres balaios e massacres legalistas” faz uma breve reflexão sobre o contexto e a influência dos atos violentos para as diferentes classes sociais envolvidas. É inadmissível também falar em violência e não associar à dicotomia do certo ou do errado. Levando isto em consideração, a historiografia conservadora é a que mais caracterizou os rebeldes balaios como facínoras e brutais. Em relação à essa caracterização, Assunção discorre que:

Enquanto a historiografia conservadora lamenta as atrocidades dos rebeldes como calamidades naturais, flagelos divinos ou simplesmente o resultado da barbaridade da ralé, a liberal insiste mais sobre as causas concretas que provocaram as atrocidades dos rebeldes. Entretanto, os dois comungam na visão elitista das classes populares vítimas de seus baixos instintos. Não quero negar aqui que os rebeldes tenham matado e saqueado. Mas é preciso colocar essas ações no seu contexto, para ultrapassar o lamento sobre os “costumes bárbaros” ou os “instintos grosseiros” tão comum na historiografia clássica sobre a Balaiada (ASSUNÇÃO, 1998, p. 80).

A violência, é, grosso modo, o que sempre sustentou a ideia de revolucionar, afinal o próprio ato de ser rebelde já é o de ir contra algo ou alguém. Na História, vimos e ainda vemos diversos conflitos se desenrolarem tendo em vista as condições de vida das pessoas, que submetidas a situações incômodas, geravam conflitos onde quer que estivessem. Por isso, ao falar sobre a violência na Balaiada cabe a reflexão sobre quem estava sendo alvo dessa violência, ligando assim à questão da escravidão, os quais bem-te-vis clamavam por justiça. “A Balaiada foi um autêntico momento de inversão onde o perseguido de ontem virou perseguidor, e vice-versa [...] Os Bem-te-vis não fizeram nada mais do que satisfazer as aspirações de justiça das classes mais oprimidas da sociedade [...]” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 82).

Matthias Assunção nas conclusões de seu trabalho, refletiu que as representações dos rebeldes Bem-te-vis vão além da imagem comumente divulgada na época pela escrita da história oficial. Para isso, deu atenção à questão da memória oral, os relatos de conterrâneos

das regiões onde foi palco da guerra para sistematizar, de maneira crítica, em comparação com a documentação da província, um leque de informações que deixaram rastros de identidade para aqueles que ainda rememoram. Os rebeldes que pegaram em foices e catanas⁴, eram camponeses que conheciam a rotina da mata, e “para elas se dirigiam os migrantes nordestinos, os escravos libertos, os quilombolas e os índios aculturados, que constituíam os diferentes segmentos do campesinato em formação” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 83).

Ainda, o autor defende a importância de estudar a Balaiada por essa outra ótica, uma vez que a memória oral pode enriquecer as causas do conflito. Causas objetivas como a fome, a pressão, a arbitrariedade não dão conta de explicar a complexidade de um movimento social, sobretudo porque para compreender os motivos dos sujeitos saírem de suas rotinas para intervir no processo é necessário entender a mentalidade dos caboclos” (1998). Por fim, vale ressaltar que ainda no Maranhão, a memória elitista sobre a Balaiada ainda permanece, homenageando líderes como Duque de Caxias e priorizando conteúdos escolares que ainda se remetem à visão deturpada daqueles que faziam parte da massa de revoltosos balaios.

Os estudos sobre a História do Maranhão em sala de aula são, em sua maioria, ignorados pela amplitude nacional de livros didáticos e paradidáticos, privilegiando dessa forma, conteúdos que historicamente foram dados como os “mais importantes”. Como os materiais didáticos são ferramentas bastante utilizadas nas aulas, cabe questionar quanto às suas influências e direcionamentos que proporcionam para a construção do conhecimento escolar dos estudantes maranhenses.

Nesse mesmo sentido, a construção do conhecimento de história do Maranhão esteve sempre presente nas instituições educacionais regionais. A historiografia maranhense foi se moldando desde o Maranhão Império, os quais priorizavam a ligação ao eixo sul-sudeste do Brasil onde o centro monárquico se encontrava. Os eventos dos grandes homens, muitas vezes estrangeiros que pouco desbravaram o estado, encadearam protagonismos limitados e sempre ligados aos interesses imperiais. No caso da Balaiada, não foi diferente. Quando tratada apenas num viés político, representa a revolta popular como sendo significativa para o Brasil porque porta em sua essência um movimento que vai contra a ordem regencial da época.

Ademais, os conteúdos relacionados à Balaiada em si ou em outros casos as temáticas ligadas ao estado, geralmente tratam de uma construção unilateral tipicamente nortista. Ou seja, as pesquisas históricas que têm como objeto elementos sociais e culturais da ilha de São Luís possuíram e ainda possuem um lugar privilegiado na historiografia. Por isso, as preocupações

⁴ Expressão popular maranhense que se refere a espadas e/ou facas antigas.

em se estudar a dinâmica regional devem ser constantes, sobretudo porque quando se trabalha a História, sempre partimos de um lugar, de uma ideia, de uma narrativa.

2.2 Os Balaios descoloniais: enfatizando a luta ontem e hoje

As abordagens em torno da trajetória de poder do ensino de história escolar no Brasil, articulam-se com as indagações proporcionadas pelas teorias críticas da Modernidade. O mundo contemporâneo é herdeiro de um sistema colonial que contempla em sua herança a dominação cultural epistêmica. A própria noção de colonialidade pensada pelos estudiosos decoloniais do grupo Modernidade/Colonialidade, nos faz pensar a concepção de tempo de continuidades, ou seja, alguns parâmetros sociais, políticos e culturais permaneceram ao longo do processo de colonização e inclusive depois de seu “fim” formal. Portanto, as estruturas de dominação estão sendo denunciadas por esses estudiosos, que entendem que a dominação epistêmica parte da Europa e dos EUA, sistemas que criaram o “outro”.

Os dominadores europeus ocidentais e seus descendentes euro-norte-americanos são ainda os principais beneficiários. Os explorados e dominados da América Latina e da África são as principais vítimas (QUIJANO, 1992, p. 1). Nesse sentido, mesmo com o fim do colonialismo político, a relação entre a cultura europeia sobre o outro é uma dominação cultural com intensidade e profundidade. Consiste, inicialmente, em uma colonização do imaginário dos dominados. Isto é, atua na interioridade desse imaginário. Em alguma medida, é parte de si (QUIJANO, 1992, p. 2).

Na tentativa de ressignificar o “outro” pejorativo, as teorias críticas, em especial as epistemes decoloniais, estão engajadas num interesse político no sentido de tornar as zonas periféricas objetos a serem explorados pelos sujeitos cognitivos. Tais grupos sociais marginalizados não teriam o único papel de “vítimas”, mas capacitadores e insurgentes de seus próprios saberes localizados. Nessa perspectiva, a relação entre cultura europeia e as outras culturas se estabeleceu e, desde então, se mantém como uma associação entre “sujeito” e “objeto”. Nas palavras de Aníbal Quijano (1992, p. 6-7), “o paradigma europeu de conhecimento racional não somente foi elaborado no contexto de, mas como parte de uma estrutura de poder que implicava a dominação colonial europeia sobre o restante do mundo.”

Importante frisar a conexão entre estas teorias e de como elas podem potencializar o exercício do professor-pesquisador. Tratando-se do pensamento pós-colonial, muitas vezes é entendido como uma “teoria de superação”, tendo em vista seu caráter político e de ações diretas no cotidiano. A episteme decolonial não se caracteriza como uma superação das epistemes

ocidentais, mas visa alinhar e buscar diálogo com as variadas dimensões, inclusive as ocidentalizadas, de pensamento e experiência.

Levando em consideração os estudos de Farid Alatas, o debate pautado nas epistemologias não-ocidentais contribui para a construção de um projeto de “indigenização”. Este, visa contribuir para a universalização das ciências sociais não apenas reconhecendo, mas insistindo que todas as culturas, as civilizações e as experiências históricas podem ser consideradas como fontes de ideias. Isso é realizado a partir da autoconsciência a respeito da dependência cultural e do etnocentrismo. Em outros termos, nas Ciências Sociais as experiências e as tradições periféricas devem se tornar universais, paulatinamente inspirando condições conceituais, uma espécie de comunhão epistêmica. Dessa forma, não teremos uma ou outra epistemologia universal, mas sim uniões horizontalmente dispostas (ALATAS, 2010, p. 229).

Juntamente com o projeto de indigenização, Alatas traz a categoria de discursos alternativos. Num sentido coletivo, assim como o conceito anterior, esta ideia impõe pensar a condição dos sujeitos periféricos não apenas como vítimas ou sentimentalistas da revolta, mas também serem entendidas de forma crítica e essencial. Sobre isso, o autor comenta:

A ciência social dominante e suas alternativas críticas, que vieram então a se tornar parte do próprio *mainstream* emergiram na Europa Ocidental e nos Estados Unidos como respostas originais e criativas às condições nas quais surgiram. Para além do fato de que essas teorias eram, das mais diversas formas, excessivamente eurocêntricas, as condições no Ocidente, e em quaisquer outros lugares, não eram comparáveis às existentes nos séculos XVIII e XIX. Os novos contextos exigem que se criem alternativas ao *mainstream*. [...] Se entendermos discursos alternativos dessa forma, é possível imaginar que há uma necessidade do seu uso no próprio estudo das sociedades ocidentais, à medida que os problemas de falta de originalidade e criatividade afligem em geral também o Ocidente (ALATAS, 2010, p. 230).

Um dos desafios docentes, sobretudo na área de História, é dinamizar as concepções de temporalidade e espaço. Ora, uma vez que os estudantes se questionam acerca de que época estamos nos referindo e em qual local determinada ação aconteceu, a investigação histórica se fortalece e abre um leque de possibilidades para que o discente compreenda esta ciência de forma crítica. Dessa maneira, o conhecimento é construído já com uma pré-noção da temporalidade cronológica. Ou seja, a partir do momento que algum conteúdo/objeto é selecionado, cabe ao professor tentar “localizar” o que quer trabalhar, mas ao mesmo tempo, deve proporcionar uma dimensão temporal ligada à uma contextualização, interligando pontos.

O autor Mathias Assunção (2022) é um pesquisador da Balaiada desde os anos 1990 e desde aquela época vem se propondo a entender as complexidades dessa revolta que por sua

vez foi tão significativa para a região, para o país e para o mundo. Dessa vez, preocupou-se em estender a visão da luta do “povo camponês”, como se referia em seus primeiros trabalhos, para analisar por uma outra ótica: a racial. Seu texto intitulado *Antirracismo no Brasil Império: Raimundo Gomes e a luta pelos direitos do “Povo de Cor” na Balaiada*, publicado pela coletânea *Histórias e memórias da Balaiada* (2022) apresenta interpretações raciais mais específicas acerca não somente de Raimundo Gomes, um dos líderes balaios, mas sobretudo da sociedade mobilizada em torno do conflito, além de analisar algumas representações do que o autor chama de “povo de cor”, termo utilizado na época.

Sendo assim, pensando no ensino de história da Balaiada para além de uma narração de fatos, muitas vezes políticos e reservados a um grupo, cabe alargar o debate para além do político, uma vez que é no ambiente escolar que se torna possível estabelecer um sentimento de pertencimento à história, interligando-a ao cotidiano dos estudantes. As discussões em torno de raça, gênero e sexualidade vêm ganhando visibilidade nos currículos, porém, ainda não muito trabalhadas pelas instituições, que, de qualquer forma, inserem essas temáticas muitas vezes por obrigação. Por isso, o interesse de compartilhar o debate sobre raça especificamente na Balaiada, contribui positivamente para a interpretação sobre categorias raciais ao longo dos últimos dois séculos, como propõe Assunção (2022, p. 38), ao “resgatar o antirracismo dos rebeldes e analisar suas matrizes a partir de suas cartas e proclamações [...] essa investigação pode contribuir para dar uma perspectiva histórica à luta antirracista do tempo presente”.

Num primeiro momento, o historiador destaca a necessidade de compreender a Balaiada em seu caráter múltiplo quando se trata da sociedade maranhense do século XIX. Através de uma breve contextualização, é possível, portanto, associar o cotidiano dos sujeitos que vivenciavam o espaço dos vales do Itapecuru e Mearim, bem como nos sertões dos Pastos Bons, às suas resistências ao sistema de trabalho forçado em busca de suas reivindicações próprias. “Fazendeiros de gado, vaqueiros, camponeses e escravizados – cada um desses grupos sociais entrou em conflito da Balaiada com sua pauta de reivindicações [...] a revolta começou no Maranhão oriental” (ASSUNÇÃO, 2022, p. 38). A diversidade da sociedade maranhense segundo o autor, foi uma guerra de resistência de camponeses e vaqueiros em meio a uma insurreição de escravizados.

Vale ressaltar que a Balaiada ficou amplamente conhecida pela resistência de pobres livres em relação ao recrutamento, uma medida estabelecida até então pelo cargo de prefeito, por indicação do presidente da província. Por conta disso, os episódios de fuga para o não recrutamento forçado ajudaram a popularizar a época do “Tempo do Pega”. Dessa maneira, “o peso maior do recrutamento recaía sobre os homens de cor, livres, em particular aqueles

camponeses autônomos que não estavam empregados numa fazenda ou no comércio” (ASSUNÇÃO, 2022, p. 39). Assim, as camadas populares aderiram à luta política a partir do momento em que esses sujeitos, direta ou indiretamente, seguindo seus próprios anseios em meio às injustiças que sofriam, criaram um núcleo de resistência contra a Corte.

Ademais, tal resistência se consolida como política quando acontece a invasão à prisão da Vila da Manga, liderada pelo bem-te-vi Raimundo Gomes, ou seja, unificando a ideia de “ser resistência” pela figura de um líder. Geralmente na História, os líderes desempenham papéis protagonistas por suas propostas de mobilização. No caso da Balaiada, a figura do autointitulado bem-te-vi Gomes se torna politicamente acessível quando cobra o fim do recrutamento arbitrário, cumprimento da própria Constituição de 1824. Segundo Assunção (2022), é sintomático que desde o início a elite conservadora do Maranhão e os oficiais e administradores mandados da Corte para reprimir a Balaiada intentaram – e em grande medida conseguiram – difamar os líderes rebeldes”.

Em seguida, o historiador faz uma reflexão sobre a visão criada de Raimundo Gomes em relação à sua raça. Num primeiro momento, destaca que o próprio termo de “raça” não era ainda utilizado naquele contexto, e sim, outras expressões:

Em primeiro lugar, as fontes oficiais e os jornais destacam sua “qualidade”, ou seja, sua cor (o termo raça não era utilizado no Maranhão nessa época). Sempre ressaltam que Raimundo Gomes é de “cor assaz escura”, qualificando ele de “cafuz”, “cabra”, “preto”, “fulo”. Parece que teve o apelido de “Cara Preta”. Essas diferenças podem indicar uma falta de consistência das diferentes denominações para mestiços naquela época (ASSUNÇÃO, 2022, p. 41).

As concepções raciais são construções, que seguindo a proposta dos autores latino-americanos decoloniais, foi construída para legitimar a noção de inferioridade dos corpos desde os primeiros momentos de colonização nas Américas. Sendo considerada um campo de estudo da pós-modernidade, seus intelectuais compactuam com a ideia de que ainda existem resquícios coloniais na sociedade do tempo presente. Esses resquícios, portanto, seriam efetivados e muitas vezes nivelados pelas colonialidades.

Em *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*, o semiólogo argentino Walter D. Mignolo faz uma reflexão de como a modernidade se legitima como epistemologia verdadeira através da colonialidade e vice-versa. Segundo ele, a “modernidade é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar suas conquistas [...]” (MIGNOLO, 2017, p. 02). Sendo assim, a narrativa da modernidade e seus atos, gera as diversas colonialidades globais. Por colonialidade, o autor afirma que:

A colonialidade, em outras palavras, é constitutiva da modernidade – não há modernidade sem colonialidade. Por isso, a expressão comum e contemporânea de “modernidades globais” implica “colonialidades globais” no sentido exato de que a MCP é compartilhada e disputada por muitos contendores: se não pode haver modernidade sem colonialidade, não pode também haver modernidades globais sem colonialidades globais. Consequentemente, o pensamento e a ação descoloniais surgiram e se desdobraram, do século XVI em diante, como respostas às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados (MIGNOLO, 2017, p. 02-03).

Mignolo é um dos autores que fazem parte do grupo Modernidade/Colonialidade que refletem a partir de outras narrativas e defende que a constituição da sociedade moderna foi graças à complexificação de inferioridade/superioridade por dominados e dominadores. Podemos ainda mencionar que a ideia de identidade nasce nesse processo, sobretudo quando nos referimos a uma posição eurocentrada que categorizou os povos ao longo da colonização americana. Aníbal Quijano, intelectual peruano, foi um dos pensadores que aprofundou seus estudos em relação à racialidade. A partir do autor, portanto, as raças foram sendo identificáveis no momento que foram sendo criadas (o europeu, o indígena, o negro, o amarelo).

Ao levantar as identidades raciais historicamente produzidas ao longo da história moderna, pode-se considerar que a construção em torno dos personagens da Balaiada estabeleceu uma narrativa negativa, como é o caso do líder Gomes e de Negro Cosme, como incapazes de realizarem seus feitos revolucionários por serem social e racialmente incompatíveis. A incapacidade do povo de cor, livre ou não, desencadeou em uma maneira de controle para silenciar a guerrilha, como afirma Assunção:

Os conservadores não aceitavam que Gomes poderia escrever manifestos políticos. Inventaram a teoria de uma “mão oculta” que o dirigia, supostamente alguma pessoa do partido liberal maranhense, para denunciar a cumplicidade dos políticos liberais com a revolta [...] Nisso tudo se expressa uma postura preconceituosa, característica das elites conservadoras da época, que não conseguiam aceitar que homens mais simples e não-brancos podiam articular ideias políticas e defender seus direitos. Tudo indica, pelo contrário, que Gomes redigiu de seu próprio punho seus manifestos (2022, p. 43).

Por muito tempo procurou-se construir uma identidade brasileira baseada nas pessoas que no Brasil viviam. A organização que buscou uniformizar essa identidade foi o IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), que sondava província por província investigando o povo de cor mais presente nas várias regiões da nação. Ora, por se tratar na época de um órgão ligado ao Estado, o IHGB cumpriu com sua tarefa de dar início ao processo de progresso, ideia europeia que corroborou para que o sistema capitalista se consolidasse ao longo do próximo século, ao mesmo tempo em que a exploração do trabalho era amplamente aprofundada. No

caso dos bem-te-vis, se encontravam sujeitos que podemos considerar, a partir do tempo presente, enquanto categoria de análise, camponeses livres/pobres, “mestiços” e negros escravizados, vaqueiros e prisioneiros miscigenados.

Em seguida, Mathias Assunção se questiona às possíveis ideias da Balaiada. Seria então uma revolta política, uma revolução social ou uma espécie de guerra racial? Ou as três possibilidades? Para ele, as reivindicações de seus protagonistas eram explicitamente política e isso se deve principalmente pelo motivo de que a estrutura social do Maranhão oitocentista colaborou para que sua população iniciasse um processo de luta. Considerada como uma sociedade *plantation* tardia, o Maranhão tinha metade de sua população escravizada e a grande maioria dos trabalhadores se encontravam nas plantações de algodão e arroz (ASSUNÇÃO, 2022, p. 48).

Nesse sentido, a estrutura social maranhense colonial pode ser classificada no estilo de pirâmide, dividindo-se em segmentos superiores e inferiores:

A análise das relações de produção e de distribuição revela a dimensão econômica da estrutura social. No caso do Maranhão, uma reduzida camada de grandes proprietários, negociantes e fazendeiros abastados, assim como alguns altos funcionários, ocupavam o topo da pirâmide social, seguida de um segmento intermediário de fazendeiros, oficiais de carreira, comerciantes, mestres artesãos, funcionários e clero. Os segmentos inferiores – representando de 80 a 85 por cento da população - eram constituídos pelos trabalhadores manuais. Dividiam-se em quatro grupos, de acordo com a qualificação e a relação de trabalho. A base da pirâmide era ocupada pelos escravos do eito, trabalhadores braçais sem autonomia na sua rotina cotidiana. Os camponeses, pescadores, caçadores e coletores formavam outro grupo de trabalhadores braçais, também considerados sem qualificação, que, no entanto, controlavam a organização de suas atividades produtivas. Um terceiro grupo era constituído pelos escravos domésticos e os com ofícios qualificados, que gozavam de alguns pequenos benefícios devido a sua posição no processo produtivo. Os trabalhadores livres qualificados como os vaqueiros, artesãos ou feitores formavam o quarto segmento das classes populares (ASSUNÇÃO, 2022, p. 48).

É importante frisar que a formação racial do Brasil e do Maranhão foi alvo de diversas representações ao longo da história. Isso implica que o uso de categorias raciais, em 2023, entrou num outro processo de representação, mas que também pode conter elementos que remetem à época contextualizada, no caso da Balaiada. As produções imagéticas são um exemplo disso. As visões sobre certo indivíduo podem resultar numa caracterização totalmente distorcida da realidade, uma vez que está submetida a interpretações naquele momento. Ainda, é possível analisar, décadas depois, esses elementos visuais, buscando compreender em como as interpretações mudaram, seja pelo olhar ressignificado, seja pelo arcabouço de pesquisas realizadas anos após a primeira representação.

O jogo de temporalidades mescla-se muito bem com as representações. Ao analisar Raimundo Gomes, Mathias Assunção (2022) se preocupou também em abordar o caráter depreciativo contra o líder a partir de representações imagéticas. Os quadrinhos são de 1970 e apresentam episódios marcantes da Balaiada como o comando de tropas pelo próprio Gomes, além da invasão à prisão na Vila da Manga, como mostrado na figura a seguir.

Figura 01 – Representação de Raimundo Gomes em quadrinho de 1970



Fonte: ASSUNÇÃO, 2018.

Decerto, promovendo um diálogo entre autores, na dissertação intitulada *Quadrinhos no Ensino de História: uma experiência para a discussão do racismo na educação básica*, Elenn Cleidiane do Socorro Chaves Leal (2020) discute como a arte dos quadrinhos pode ser utilizada para debater sobre o racismo na educação básica por meio de aulas oficinas com uma turma de 7º ano. Dividida em três capítulos, tal trabalho contribuirá muito no andamento desta pesquisa, pois também se almeja aqui utilizar quadrinhos na busca de um ensino crítico e protagonista.

Na primeira parte, a autora discute sobre o racismo, o ensino e sua relação com os quadrinhos. “É importante desconstruir ideias socialmente construídas, presentes no cotidiano, como é o caso do racismo e da discriminação racial” (LEAL, 2020). Utilizando de Almeida (2018), Leal compreende que a ideia de raça é carregada de discriminação em relação aos não europeus, partindo do pressuposto de que se existam raças superiores. Ainda, essa ideia acaba sendo sustentada ainda em 2023, fazendo com que o racismo como prática seja estendido a instâncias físicas e psicológicas.

A autora buscou alguns relatos de alunos e alunas que foram alvo de racismo dentro do próprio ambiente escolar e afirma que esses alunos negros são “cotidianamente associados à personagens folclóricos, objetos e animais” e que são situações que não ocorrem isoladamente, e esses estudantes têm que lidar com o racismo durante toda sua trajetória escolar (LEAL, 2020, p. 29).

Já na obra “A Balaiada na sala de aula: ensino de História do Maranhão Imperial e a produção do paradidático A Guerra da Balaiada”, dividida em quatro capítulos, o autor Yuri Givago Alhadeff Sampaio Mateus faz uma análise da produção sobre história do Maranhão com ênfase no processo de construção da ordem imperial e a produção de um paradidático sobre a Balaiada (1838-1841). Sampaio visa chegar na diversidade do conflito, buscando os protagonistas das camadas populares:

O propósito é destacar o protagonismo das camadas populares nos movimentos políticos e sociais que marcaram o processo de construção da nova ordem imperial, em especial, a Balaiada [...] através da linha de pesquisa Memória e Identidade, foi colaborar para a produção didática da História do Maranhão, divulgar a pesquisa acadêmica e a necessidade de levar os alunos a conhecerem a História do Maranhão, pensando acerca dos processos históricos para auxiliar na constituição desses alunos, enquanto sujeitos ativos, capazes de lerem o mundo ao seu redor. Além de colaborar para que os alunos conheçam interpretações da História do Maranhão, pensem acerca das suas origens e identidade e passem a valorizar a pluralidade étnica, cultural que compõe a formação social do Maranhão (SAMPAIO, 2018, p. 13).

Dessa forma, a ampliação das fontes, dos materiais didáticos e análises acerca da Balaiada colabora para o ensino de História do Maranhão. O autor ainda levanta que com a implementação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), os conteúdos específicos de História do Maranhão, que ainda eram vistos no currículo nacional, deixaram de ser exigidos, o que gerou a quase exclusão dessa temática nas aulas de História:

[...] os conteúdos de História que vêm sendo postos ao longo de sua primeira edição, em 1998, até a edição de 2016 para sustentar que os conteúdos específicos da História do Maranhão não são colocados, o que antes da unificação nos vestibulares tradicionais ainda eram contemplados no currículo nacional, com a unificação deixaram de ser exigidos, fazendo com que os estudantes se interessem menos ainda pela história local. Desse modo, muitos docentes diminuem a já insignificante carga horária dedicada a esses conteúdos, que acaba por predominar a história Geral e do Brasil com os fatos históricos e a historiografia do centro-sul, excluindo as demais regiões do país, aqui específico o Maranhão (SAMPAIO, 2018, p. 50-51).

Fica evidente, portanto, que há implicações do Novo Ensino Médio. Por mais que este trabalho tenha sido realizado na etapa do Ensino Fundamental, cabe espriar as análises para o ambiente do Ensino Médio, sobretudo quando se trata da prática do ensino de História, comumente estabelecida seguindo os parâmetros dos currículos, que cada vez mais excluem

processos históricos locais.

Ainda, o autor aborda sobre História como ciência – narrativa concebida por documentos escritos, logo depois com o Marxismo (final do XIX), posteriormente com a Escola dos Annales (1929) trazendo questões como a subjetividade do pesquisador, a necessidade da interdisciplinaridade, uma nova concepção de tempo histórico (não mais linear, mas evolutivo com múltiplas temporalidades). Nos anos 1970, com o surgimento dos movimentos sociais e sua demanda das camadas populares, bem como suas resistências, são aspectos da “história vista de baixo”, utilizada pelo autor.

Em seguida levanta uma discussão sobre a importância do ensino de História Local/Regional dialogando com autores como Circe Bittencourt e Marcos Lobato Martins. O conceito de História Regional, segundo Martins (2009), “é o que vê o lugar, a região e o território como a natureza da sociedade e da história, e não apenas como o palco imóvel onde a vida acontece”. Posteriormente, Sampaio articula tal conceito com a História Local de Bittencourt, a qual tem sido necessária para que haja uma compreensão do entorno dos estudantes, identificando o passado permeado nos espaços de convivência (SAMPAIO apud BITTENCOURT, 2018, p. 43).

Na análise mais específica em relação à Balaiada, Sampaio busca compreender a historiografia em torno do evento. Levanta as narrativas de memorialistas, como Carlota de Carvalho, na sua obra “O Sertão” (2006), e sua preocupação em entender a situação dos independentes que ficaram na posição de oprimidos mesmo depois de uma data consolidada. Ademais, cita a dissertação de Elizabeth Sousa Abrantes (1996), intitulada “A Balaiada e os Balaios – uma análise Historiográfica”, na qual faz uma discussão acerca das interpretações historiográficas conservadoras e revisionistas. Por fim, Sampaio insere, também, as investigações da historiadora Sandra Regina dos Santos (2010), a qual em sua obra “A Balaiada no Sertão: a pluralidade de uma revolta”, pensa a Balaiada a partir de uma cisão entre sul e norte maranhenses, e que o evento tem ligação direta com essa noção dicotômica.

Já na parte final de seu trabalho, o autor faz um levantamento de alguns manuais didáticos de História do Maranhão na Nova República. Frisa a importância da implementação dos PCNs e do PNLD, diversificando as abordagens no ensino de História, mesmo que em alguns materiais didáticos permaneçam resquícios da História Tradicional. Alguns dos livros levantados foram: “Terra e gente”, livro de 1986, que faz parte de um conjunto de obras referentes ao estado do Maranhão do Ensino Fundamental I; “Estudo regional do Maranhão” (1988), é uma obra utilizada tanto na educação básica, quanto na superior e foi escrita por um professor de Geografia.

No capítulo quatro, Sampaio discute a importância do uso do paradidático “A Guerra da Balaiada” e realiza duas oficinas em escolas públicas que contaram com professores e alunos. Em relação à análise do paradidático:

Desse modo, o objetivo do paradidático, *A Guerra da Balaiada*, é mostrar a participação popular nas lutas políticas do Maranhão oitocentista na Balaiada, buscando dar um novo olhar para os populares que a historiografia tradicional negligenciou durante muito tempo. Destacando que a Balaiada foi uma revolta de grande participação das camadas populares, um movimento de contestação aos que eram considerados os opressores, sendo que para as autoridades da época o movimento era de baderna e motivado pelo crime para agredir, roubar e pôr fim a ordem vigente. Para uma historiografia mais oficial e conservadora, o movimento era a desordem e o delinquência, enquanto para a historiografia revisionista era uma contestação aos seus opressores. (SAMPAIO, 2018, p. 155).

Portanto, a visão populista do paradidático analisado por Sampaio contribuiu na aplicação em duas escolas. A metodologia de aplicação do material se deu, num primeiro momento, com o diálogo com o professor; posteriormente houve a apresentação ao contexto e movimento da Balaiada; num terceiro momento aconteceu a leitura do paradidático e responderam os exercícios e atividades; por fim, avaliou-se a oficina com os comentários da comunidade escolar. Concluindo, o autor afirma que “esses materiais didáticos referentes à História do Maranhão que foram utilizados nas aulas, precisam de reformulações em seus conteúdos e abordagens para contribuir no desenvolvimento crítico dos alunos” (SAMPAIO, 2018, p. 177).

Dessa maneira, a historiografia da Balaiada, bem como seu Ensino precisam ser mobilizadas levando em consideração a prática decolonial. A tentativa dos autores citados nos parágrafos anteriores de pluralizar a Balaiada em termos de sujeito e de identidade se alia à investigação histórica que leva em consideração outras óticas além da visão imperialista. Os conflitos dos balaios são, além de políticos, são raciais, sociais e humanitários.

3 ENSINO DE HISTÓRIA E OS QUADRINHOS: CONSTRUINDO NARRATIVAS

3.1 O Ensino de História: um trajeto pouco inclusivo, porém múltiplo

Ao longo de todo o percurso do ensino básico, a dita História Oficial de grandes homens e de política sempre se fez presente. Os livros didáticos, materiais primordiais em qualquer instituição de ensino, por mais que não sejam “perfeitos”, são investimentos fundamentais para que o processo educativo aconteça. Em Formosa da Serra Negra, um município que não possui uma Biblioteca Municipal, o livro didático se torna quase que uma exclusividade na mão dos estudantes, sendo as únicas obras que têm contato ao longo de sua vida estudantil. Destes materiais a história maranhense não dava as caras, ou quando resolvia bisbilhotar, se enxergava o Norte, ou seja, os arredores da Ilha de São Luís e consigo sua historiografia, sempre como excelência, primordial.

Para compreender o papel da chamada História Regional, bem como sua importância no ensino de História, é necessário discutir, primeiramente, o percurso que a disciplina de História foi contornando. De fato, o impacto ao lidar com uma história que apresenta figuras masculinas, elitistas, em sua maioria europeus, vem acometido por conta de uma historiografia positivista e metódica que apresenta aspectos ligados a uma genealogia da nação sob influência europeia, sobretudo francesa, que foca no político, nos eventos e nos heróis.

Decerto, a preocupação metodológica desde o fim do século XVIII vem ancorada na preocupação em tornar a História uma ciência. Não apenas limitada a uma disciplina, mas principalmente enquanto tal, uma grande mudança que se tem nesse processo é a forma como era ensinada a história: a chamada História Mestra da Vida, ou seja, o estudo do passado com o intuito de aprender como agir ou não agir segundo algumas sociedades. Portanto, o novo modelo de história se institui, no caso, a teleológica, ou seja, aquela que possui um sentido estabelecido, e tratando-se de questões metódicas, ela tem esse viés ao longo do século XIX almejando o estado positivo.

Sabendo do sentido progressivo da história, é essa mesma história que será ensinada até meados da República, a qual inclusive, se tem a necessidade de se ensinar história do Brasil. A partir disso, as disputas de poder no âmbito do ensino de história foram criando forma, num primeiro momento, com a implementação do currículo de História do Brasil juntamente com a profissionalização de professores para a área. Desde a implementação dos Estudos Sociais na Ditadura Civil-Militar no Brasil até os anos 90, percebe-se a permanência de muitas ideias “tradicionais”, ou seja, o processo de ensino e aprendizagem em História.

As preocupações acerca do ensino tradicional acabam reunindo algumas limitações. Como exemplo, pode-se considerar a exclusão de conteúdos regionais nos livros didáticos, um dos meios mais acessíveis na educação brasileira, esse tipo de material didático apresenta o norte dos conteúdos a serem lecionados. Em sua maioria, são conhecimentos colocados como importantes. Sendo assim, durante todo seu processo de mudanças de paradigmas, o ensino de História vem sendo uma disputa de narrativas. Em relação aos aspectos regionais, quando se discute sobre a historiografia da Balaiada, confronto centro-sul-maranhense que aconteceu nos anos de 1838 a 1841, marca um intenso movimento de resistência dos sujeitos da região, mas que fica à mercê de narrativas oficiais, concentradas em lógicas de poder de saberes escolares. Tais lógicas dominantes se propagam e se tornam hegemônicas no ambiente escolar quando por muito tempo as narrativas de memorialistas e/ou perspectivas historiográficas unicamente políticas se engendram dentro da própria escola através dos documentos curriculares e por profissionais da educação que reproduzem metodologias e ideias conservadoras.

Os eventos regionais que possuem essa dualidade de importância local, mas também a nível nacional se imbricam a partir de uma construção de narrativas. Uma importante entidade que perdura por muito tempo é o próprio IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro), o qual tem como maioria pesquisadores homens que, conseqüentemente mantiveram, durante a maior parte do século XIX, um perfil branco e europeu em suas produções, ou se não, sempre relacionando aspectos europeizados à época. Ora, no caso da Balaiada, já que se trata de um conflito que abarca sujeitos que estão ligados ao poder regional, as narrativas contadas priorizam o olhar do Estado. As preocupações acerca dos patriotismos e nacionalismos então acabam por disseminar um estilo próprio de narrativa.

Como modelo, os manuais do século XIX conseguiram amarrar um foco político que se expandiu nas primeiras escolas, assim como em seus materiais utilizados. O sentimento patriótico, desde a II Guerra, em âmbito internacional, e durante a Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985), os manuais do século XX formaram o cidadão participante. Eles não deixaram de existir, porém, não são hegemônicos. Isso nos faz refletir acerca do papel da escola como um aparelho ideológico do Estado, uma vez que o sistema de desigualdade existente no âmbito escolar, tanto em relação ao acesso à sala de aula, quanto sua permanência através de instrumentos didáticos, diariamente reproduzida.

Pensando a partir da diversidade de sujeitos, é pertinente ressaltar, também, a diversidade de fontes. Muitos são os memorialistas que escreveram sobre a Balaiada, e trazem consigo narrativas oficiais, mandantes do governo estadual. Tais descrições enviesadas pelo suporte do Estado Brasileiro servem como boas fontes para confrontar ideias ao longo de uma

historiografia, por isso, ir além desses tipos de relatos supre uma necessidade de expandir o conhecimento histórico.

Uma proposta, pensando na ausência da temática da Balaiada em livros didáticos/paradidáticos sobre o Maranhão⁵, por exemplo, é investigar em outras fontes, no caso, em histórias em quadrinhos. E por mais que nas décadas de 40-60 recebessem duras críticas – sendo considerados instrumentos que atrapalhavam o rendimento escolar, hoje reconhece-se sua importância para as aulas de História, tanto como material de apoio docente, quanto como instrumento de leitura e exercícios de linguagem. Os confrontos de fontes a partir de uma pesquisa acadêmica podem muito bem serem enriquecidos com a participação dos sujeitos. A aproximação seria notada levando em consideração a atratividade das HQs e sua linguagem para com os estudantes, uma vez que estão animados para compreender, confrontar tal fonte, assim como interpretá-la.

Essa “parceria” entre os núcleos pesquisa-ensino é o que molda uma perspectiva inovadora. As pesquisas em torno do ensino podem proporcionar novas perspectivas para apreender sobre sujeitos e espacialidades, em especial todos aqueles que formalizam a comunidade escolar. A partir do processo de transposição didática, portanto, é possível reconhecer a capacidade plural de se indagar acerca de objetos num processo de ensino e aprendizagem sem padrões, que preza por uma didática inclusiva, questionadora e identitária. No caso do(a) professor(a) mantém uma postura de professor-pesquisador, ou um “sujeito professor”, tendo em vista que agora faz parte de um ensino de História que confronta a ideia de que o conhecimento, a produção do saber é somente produzida em contexto acadêmico.

A trajetória do ensino de História contribuiu muito para que novas visões de mundo fossem seguidas, da mesma forma que novos desafios surgiram. A preocupação da área das Ciências Humanas em compreender as sociedades, mas sempre a partir de uma lógica de poder, acaba por incorporar muitas opções excludentes, uma vez que muitas são as narrativas universalizantes que se incorporam como as “corretas”, enquanto as demais são preferencialmente deixadas de lado. Dessa forma, a busca por uma educação libertadora no ensino de História se faz assimilando essas (des)padronizações, incorporando não apenas ao ofício, mas também ao modo de vida, novas alternativas que visem a união de aspectos científicos, saberes tradicionais, expectativas e quebra de paradigmas. Com a diversificação de

⁵ Os livros didáticos e paradidáticos sobre História do Maranhão começaram a ser desenvolvidos e comercializados a partir dos anos 2000. Segundo Yago Alhadeff (2018), obras como “Maranhão – História”, de Célia Siebert e Renata Siebert (2013), “História do Maranhão – Ensino fundamental quarta e quinta série”, de Francisco Coelho Sampaio (2011) e “Estudo Conhecendo e Debatendo a História do Maranhão (Ensino Médio, Pré-vestibulares e Concursos) (2007), de Joan Botelho marcaram o processo de aprendizagem sobre o estado nordestino.

fontes e uma pluralidade de materiais didáticos, portanto, é possível estabelecer um diálogo com a comunidade escolar e seus arredores, fortalecendo a didática e a difícil missão de compreender o mundo através dos saberes compartilhados por diferentes sujeitos.

Para compreendermos a trajetória do Ensino de História no Brasil, bem como sua concepção enquanto disciplina junto aos estudantes do Ensino Básico, levamos em consideração trazer a este trabalho experiências de professores que há muito tempo vêm dedicando suas pesquisas para o âmbito do ensino e suas influências, perspectivas e anseios por esse tipo de prática. Dentre estes intelectuais, podemos citar Circe Bittencourt, com seu livro de 2009, intitulado “Ensino de História: fundamentos e métodos”; Selva Guimarães Fonseca com “Didática e prática do Ensino de História”, de 2003; Maria Auxiliadora Schimidt e Marlene Cainelli, com o livro “Ensinar História: pensamento e ação” (2004).

3.2 A disciplina de História no Ensino Fundamental e suas intencionalidades

A formação da História Escolar ao longo da segunda metade do século XIX permite inferir reflexões que ajudam na compreensão de seus percursos metodológicos, sistematização de conteúdos e impressões ideológicas objetivas do contexto. A trajetória da História como “decoreba” se intensifica no processo massivo de implementação de ordem, seguindo os padrões metódicos adotados principalmente por escolas civis-militares brasileiras. É notório que ao se entrar em sala de aula, as perguntas que mais aparecem quando se está trabalhando certo conteúdo ao longo do bimestre são dúvidas relacionadas a nomes, datas e períodos. Essa “herança” da História pouco reflexiva tomou, principalmente no decorrer do século XIX, um rumo majoritário, difícil de ser quebrado. Dessa forma, durante este século, a fama da disciplina de História foi baseada no caráter decorativo.

É claro que para consolidar a tal herança ligada à história factual, o percurso criado pela disciplina incrustou, a partir da década de 1870, uma nova possibilidade de apresentar conteúdos que exaltasse a chamada história nacional, consolidando-a “como instrumento pedagógico significativo na constituição de uma ‘identidade nacional’”. (BITTENCOURT, 2009, p. 60). Os valores morais e cívicos à época deveriam ser ensinados desde as primeiras letras, ou seja, a partir do contato inicial de crianças realizando técnicas de escrita e leitura. O dever para com seus governantes é nítido em leituras de caráter patriótico e religioso, como uma maneira de enfatizar o que é ser um cidadão que segue regras e valores imprescindíveis para viver na nação, ao mesmo tempo que se manifesta enquanto exemplo da moral perfeita para seus pares.

Ainda segundo Bittencourt (2009), os estudos da pátria eram optativos e seguiam os mesmos modos da história sagrada, valendo-se de noções e práticas que valorizavam a história dos “grandes homens”, figuras estas que acabam servindo como inspiração para a futura geração. Esse tipo de narrativa ficou conhecida como história biográfica e que de certa forma contava histórias de personagens ligados à política, tornando-se histórias-exemplo, difíceis de ignorar com o tempo devido a sua consagração enquanto a principal. Na década de 1880, com o fim do regime escravagista no Brasil, os espaços para a alfabetização dos sujeitos de outras camadas sociais foram tomando forma, ao mesmo tempo em que eram direcionados para se entenderem como agentes contribuintes com o progresso da nação, seguindo o modelo de países europeus com o discurso de modernização muito difundido na época.

Os personagens não-hegemônicos não apareciam frente a disseminação de histórias contadas sempre por uma mesma ótica: do homem, europeu, branco. É por isso que desde a criação das escolas primárias públicas no Brasil Império, anos 1830, há a luta de grupos populares em implementar o ensino para as populações periféricas/setores trabalhistas. O que necessariamente deveria ser ensinado nessas escolas seguidas de uma padronização metódica e positivista, e a primeiro momento, disciplinas como a Língua Portuguesa, a História do Brasil acompanhada do ideal cívico perpetuado através da chamada Educação Moral e Cívica (século XX), além da Geografia. Estas áreas de estudo funcionaram na prática promovendo tradições e festas de cunho nacionalista (BITTENCOURT, 2009, p. 66).

Segundo ainda a autora, uma das metodologias que se consolidaram ao longo do ensino primário⁶ foi o método mnemônico. A História aprendida na escola levando em consideração esse tipo de abordagem, conectava-se diretamente com modelos que privilegiam a compreensão de fatos, datas e nomes, ou seja, a memorização histórica. Portanto, o aprender História era externalizar um leque de informações de acontecimentos nacionais de forma consistente. Caso não seja realizado, as punições, que eram físicas, aconteciam constantemente nas escolas. É de se problematizar que tal método objetivava um aprendizado limitado, sobretudo porque a compreensão da História não era crítica, interpretativa e muito menos inclusiva. O reservatório de dados sem qualquer tipo de questionamento se tornou uma abordagem comum e ainda continua no século XXI.

No decorrer da década de 1930, as matérias de Geografia e História na escola primária se tornaram Estudos Sociais e objetivavam a inserção do aluno ao seu convívio diário. Teve inspiração em estudos psicopedagógicos e se tornou chave no estudo para crianças, uma vez

⁶ O “ensino primário” foi por muito tempo caracterizado como o sistema educacional que hoje em dia nos referimos como Educação Fundamental – primeiros anos.

que funcionaria destacando elementos mais próximos desses agentes, tanto num espaço quanto num determinado tempo. O método ativo proposto pela psicologia cognitiva ocasionou em um controle dos conteúdos de história, uma vez que se limitaram a símbolos nacionais (bandeira e hino), datas comemorativas e dos feitos dos heróis da nação, os grandes homens, sempre homenageados, elementos que seguiram sendo “ensino de história” para as séries iniciais. O protagonismo hegemônico foi perpetuado.

No tocante ao ensino secundário⁷, Fonseca (2006) afirma que a História enquanto disciplina fez parte do programa curricular do Colégio Pedro II no ano de 1837, destacada na área das humanidades clássicas e dos currículos científicos. Mesmo assim, as ideias em relação à moral cívica baseada em valores religiosos ainda permaneceram incentivando a construção de uma identidade nacional. Sendo assim, a História, tanto nas escolas públicas quanto nas confessionais, integrava o rol de conteúdos de línguas como o Latim, marcando a superioridade atrelada a quem sabe ou não sabe lidar com outras línguas, neste último caso o sujeito taxado como “iletrado”. Além disso, eram discutidos conteúdos ligados à História Geral, dividindo-se em História Antiga, Medieval, Sagrada, Moderna e Contemporânea, o que de certa forma serviu como influência décadas depois no processo de consolidação da organização de conteúdos nos documentos curriculares, uma vez que o modelo cronológico padronizado em “eras históricas” ainda tem protagonismo dentro da educação em 2023.

O ensino secundário foi ofertado desde o século XIX até o XX e o currículo humanístico foi alvo de críticas por “diversos grupos interessados na modernização do país segundo os moldes do capitalismo industrial e imperialista [...] acentua a necessidade de introduzir as ciências da natureza para a formação das novas gerações” (BITTENCOURT, 2009, p. 79). O cunho científico, arraigado à necessidade dos processos industriais emergentes no Brasil provocou uma nova etapa de significação diante do papel de ensinar. A noção de progresso se associou constantemente à época ainda como algo civilizado, seguindo o modelo europeu de sociedade.

A História da Europa Ocidental fosse apresentada como a verdadeira História da Civilização. A História pátria surgia como seu apêndice, sem um corpo autônomo e ocupando papel extremamente secundário. Relagada aos anos finais dos ginásios, com número ínfimo de aulas, sem uma estrutura própria, consistia em um repositório de biografias de homens ilustres, de datas e de batalhas (NADAI, 1993, p. 146).

⁷ O “Ensino secundário” é denominado, hoje em dia, a fase do ensino da segunda etapa do Ensino Fundamental, mais especificamente seus anos finais.

Diante da necessidade das elites em entrarem em contato com o conhecimento desenvolvimentista nos primeiros anos de industrialização do Brasil, o currículo humanista começou a sofrer várias críticas. A inserção de novas disciplinas como Física, Biologia, Química e Matemática acabou intensificando os debates curriculares e por articular os dois modelos, criando assim o campo das humanidades científicas. Logo após esses debates, a história ligada ao sagrado perde espaço, mas ainda mantém seu *status* de condução ao progresso, principalmente pelas elites.

As críticas ao currículo em História de humanidades científicas se intensificaram na década de 1960, se estendendo até os anos 1970 com a Lei 5.692, que descaracterizava o ensino secundário, tornando o curso ginásial do primário, enquanto o colegial um curso profissionalizante. Os Estudos Sociais surgem como matéria mesclando as áreas de Geografia e História. Implementados durante o regime militar pelo governo Médici, os estudos da sociedade se tornaram de cunho obrigatório, se estendendo para oito séries do antigo Primeiro Grau. Posteriormente, foi fixado para 1º e 2º graus (SCHMIDT, 2012, p. 85).

As mudanças nos métodos, tanto no ensino primário quanto no secundário, aconteceram de forma processual. A técnica mnemônica tão difundida nos anos iniciais deixou espaço - mas não em sua totalidade - para que metodologias mais ativas fossem complementadas. Tanto no Colégio Pedro II quanto nas demais unidades de ensino, ocorria a implementação de atributos ligados à oralidade e à escrita, na época geralmente a partir do contato com livros. A cobrança pelos conteúdos se intensificou, popularizando o que conhecemos por “cola”, condição de consulta muito utilizada principalmente em condições da massiva gama de conteúdos pré-estabelecidos. O caráter conteudista criou condições de “preparação” para concursos de vestibulares (BITTENCOURT, 2009).

A divulgação/utilização das técnicas e métodos conteudistas propagados nas escolas do Brasil durante os anos 1960 foi alvo de debate pela academia. Professores de faculdades de Filosofia, Artes, Ciências e Letras expressavam por meio da publicação de artigos sua insatisfação com as metodologias “ativas”, defendendo que essa condição educativa não contemplava a realidade dos estudantes dos colégios de aplicação ao selecionar conteúdos em sua maioria desconexos das lógicas de inserção de mundo a quem eram ministrados.

Após conturbados conflitos no processo de ensino de História ao longo do século passado, as preocupações para a criação da escola como espaço abrangente no sentido de pluralidade - de sujeitos, formas, métodos - se tornaram frequentes. Tal pluralidade pôde ser concebida nas ideias de inclusão, pelo menos na teoria. Sendo assim, a escola passa a ser vista como um ambiente de aprendizados, mas em especial de debates em torno de questões sociais,

culturais, além de reflexões sobre identidade(s). Por fim, a década de 1980 foi responsável por levantar condições propícias para desenvolver uma reformulação dos currículos.

Tais debates podem ser pensados a partir de algumas condições implementadas nos currículos. A insatisfação pelo ensino dado às escolas primária e secundária não se deu apenas por parte de universitários, mas sobretudo pelas escolas básicas (sistemas estaduais e municipais), as quais levantaram propostas curriculares que fossem voltadas ao professor de História de escolas públicas (SCHMIDT, 2012). Um dos marcos definidores do projeto de reconstrução do chamado “código disciplinar da História”, defendido por Schmidt, é a proposta dos Parâmetros Curriculares de História:

[..] encaminhada pelo Ministério da Educação aos educadores brasileiros, em 1997 e 1998, contendo, em sua estrutura, os Eixos Temáticos sugeridos para o ensino de História de 1º ao 4º ciclos, do ensino fundamental. O documento introdutório dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998a.) partiu do pressuposto de que os fracassos escolares seriam os indicadores da necessidade de se tomar como referência uma nova concepção de ensino e aprendizagem que propiciasse maior interação dos alunos com a realidade (SCHMIDT, 2012, p. 86).

O aprendizado histórico como um fator significativo nas escolas brasileiras públicas permite, portanto, a interação dos estudantes com suas realidades, levantando problemáticas que recaem numa escala de efetivação do ensino não mais “fracassado”, uma vez que corrobora para a reestruturação do currículo pensando no aluno.

O trajeto do ensino de História desde os últimos anos do século XIX até o século XX, formalizou-se em decorrência de disputas de narrativas. Da educação primária até a secundária percebemos que, enquanto campo de conhecimento, a história esteve presente ou ausente para certos grupos sociais, neste caso os privilegiados financeiramente que buscavam se adequar aos seus próprios interesses, viabilizando caminhos possíveis dentro da educação.

Ainda, tal percurso nos faz refletir os diferentes contextos aos quais se tinha interesse no que ensinar e para quem ensinar. As primeiras escolas brasileiras estiveram à mercê da visão religiosa, em especial a disciplina de História, que por muito tempo foi taxada unicamente para se aprender os valores cristãos. Posteriormente, a criação do Estado Nacional e a organização da pátria fez com que novos rumos de se ensinar a História fossem criados. Os valores, por sua vez, entraram na dimensão cívica: datas, símbolos e nomes ditos “importantes” para o país começaram a ser externalizados para criar a imagem do cidadão brasileiro que tem orgulho de sua nação. Dessa forma, as metodologias desenvolvidas ao longo desses anos incorporaram poucas tentativas de inclusão de estudantes, ou quando incluíam, os mantiveram presos ao

discurso profissionalizante, como é o caso dos anos finais da educação básica, a fim de corroborar com o projeto de progresso e industrialização à luz das percepções europeias.

3.3 Percursos das histórias em quadrinhos e o que representam

A difusão das imagens, desde as cavernas às bancas de jornal, esteve marcando presença na vida dos seres humanos. Tal disseminação está ligada ao fator primordial de elo entre as sociedades que é a comunicação, o que de certa forma, não se limita apenas ao uso imagético. Posteriormente pedras, argila, couro e pergaminhos se tornaram espaços que poderiam finalmente serem preenchidos pela escrita, inaugurando os primeiros alfabetos. O acesso à escrita foi, inicialmente, apenas das camadas mais privilegiadas da sociedade, o que permitiu que entre o restante das várias sociedades ágrafas os elementos gráficos mantivessem grande importância social. Ainda, vale ressaltar que o elo entre linguagem escrita e ilustrada não foi um processo natural, mas que nos anos posteriores foram se mesclando e dando origem a uma linguagem própria que conhecemos hoje como histórias em quadrinhos, ou simplesmente HQS.

Assim, quando o homem das cavernas gravava duas imagens, uma dele mesmo, sozinho, e outra incluindo um animal abatido, poderia estar, na realidade, vangloriando-se por uma caçada vitoriosa, mas também registrando a primeira história contada por uma sucessão de imagens. Bastaria, então, enquadrá-las para se obter algo muito semelhante ao que modernamente se conhece como história em quadrinhos. Ainda hoje, as crianças começam muito cedo a transmitir suas impressões do mundo por meio de desenhos, representando seus pais, seus irmãos e seus amigos com rabiscos que nem sempre lembram as pessoas ou os objetos retratados, mas que, mesmo assim, cumprem o objetivo de comunicar uma mensagem (BARBOSA, et al, 2022, p. 8-9).

As imagens sempre estiveram presentes no cotidiano da humanidade. Desde a História Ancestral, pinturas rodeavam o interior das cavernas e marcavam a quantidade de espécies caçadas, frutos colhidos e referências religiosas. A imagética das pinturas rupestres indicou a prática comunicativa entre os seres humanos influenciada pela chamada Revolução Agrícola. Deixando de ser nômades e se tornando sedentários, os hominídeos dedicaram-se à agricultura e posteriormente à pecuária. Os elementos imagéticos contidos nesse tipo de gravura não eram acompanhados de escrita, mas expressavam em si uma linguagem própria, externalizada através da comunicação.

Com isso, no último século, os quadrinhos passaram a ser expressos com um apoio gráfico que aprofundou sua linguagem: os balões. Mas, a ideia da escrita associada à imagem vem de um pouco antes, na Idade Média, quando monges copistas atrelaram uma linha abaixo

da imagem, indicando o que seria uma espécie de legenda. As *comics* modernas surgiram no século XIX, na França (1889) e nos Estados Unidos (1896), e contavam com narrativas que mesclavam o fictício com suas realidades locais. Vale ressaltar, segundo Cristiane Palhares (2018), que posteriormente as HQ tomaram o cenário global, como é o caso das produções de mangás, os quadrinhos japoneses. Alguns nomes são considerados os precursores das histórias em quadrinhos no mundo, tais como Rudolph Topffer, Wilhelm Busch, Georges Colomb e o brasileiro Angelo Agostini.

A Indústria tipográfica foi a principal responsável pela disseminação dos quadrinhos no Ocidente. Sua evolução, permitiu, à priori, o aparecimento de muitas obras que mesclavam elementos pictóricos e textuais, divulgando doutrinas religiosas, ideias políticas, além do simples entretenimento diário (BARBOSA et al, 2022). Nesse mesmo pensamento, o autor defende que as histórias em quadrinhos construíram ao longo dos dois últimos séculos espaço nas mídias em todo o globo, porém é nos Estados Unidos dos fins do século XIX que essas criações, com apoio de uma tecnologia estruturada, se consolidaram como produto comercial em massa.

As primeiras publicações em série das histórias em quadrinhos foram realizadas através dos jornais. As famosas “tiras” (ou “tirinhas”) eram muito comuns no corpo textual dos jornais, uma vez que propiciavam elementos “chamativos” para manter a atenção de seus leitores. É importante destacar que ao longo das páginas jornalísticas norte-americanas existia a intenção de diversificar as temáticas tratadas, no caso dos quadrinhos, por exemplo, era de praxe produzir personagens que representavam migrantes, predominantemente de forma caricata e de valor cômico. Posteriormente, figuras femininas e familiares ganharam espaço, mas ainda permaneciam como alvo de representações caricatas. Dessa forma, as muitas publicações redistribuídas pelo mundo através dos *syndicates*, organizações distribuidoras de material para o entretenimento, “disseminaram a visão de mundo norte-americana, colaborando juntamente com o cinema, para a globalização dos valores e culturas daquele país” (BARBOSA et al, 2022, p. 10).

A influência internacional dos quadrinhos ganhou força durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), transportando discursos ideológicos através de propagandas políticas que se materializaram no imaginário ocidental. As obras internacionais se multiplicaram em solo brasileiro dando ênfase aos personagens “heróis” que carregam significados de onde são produzidos, pois como explica Palhares:

O Brasil sempre enfrentou a produção de quadrinhos internacionais, principalmente dos heróis que desembarcaram por aqui na década de 40, como Batman, Fantasma, Mandrake e Flash Gordon. Depois disso, as grandes editoras americanas, a Marvel (dona do Homem-Aranha e X-Men) e a DC Comics (Super Homem e Batman) acabaram por dominar o mercado nacional de gibis. Recentemente, outro tipo de HQ também começa a fazer um tremendo sucesso por aqui: são os mangás, gibis baseados em quadrinhos japoneses com pouco texto e muita ação. Normalmente, há desenhos animados baseados nas histórias, como Dragon Ball Z e Transformers. Atualmente os mais famosos produtores de histórias em quadrinhos, para um público infantil, no Brasil são Maurício de Sousa com a Turma da Mônica e Ziraldo com a Turma do Pererê e o Menino Maluquinho (PALHARES, 2018, p. 9).

Dessa forma, as histórias de aventura da década de 1920 nasceram para influenciar a criação de personagens heróis, inclusive no Brasil. Com uma tendência naturalista, ou seja, associada a representações de humanos e de objetos, proporcionam, sobretudo impacto de público, uma vez que os leitores acabaram por se identificar não apenas a nível narrativo, mas principalmente as personificações. Os gibis, assim conhecido no Brasil, foram sendo consumidos em sua grande maioria por jovens leitores, os quais seu valor popular acabou por se consolidar nos lares brasileiros intensificando, assim, os valores estadunidenses embutidos nas narrativas.

A primeira HQ brasileira lançada foi “As Aventuras de Nhô Quin”, publicada na revista Vida Fluminense, no Rio de Janeiro. Posteriormente, a revista Tico Tico⁸ foi muito influente em meados do século XX. Na década de 30 foi fundado o jornal Gazetinha, o qual publicava quadrinhos estrangeiros e nacionais. Em 1939 surgiu em solo brasileiro a Revista Gibi, nome inclusive que significa “moleque”, o que ficou popular na época ao associar o termo aos tipos de HQs no Brasil (PALHARES, 2018, p. 8).

3.4 De passatempo à ferramenta didática: percepções e usos das HQS na educação

A história em quadrinhos é uma abordagem que pode propiciar, através de sua linguagem e de seus elementos gráficos, novos caminhos para a aprendizagem. Foi durante a segunda metade do século XX que esse tipo de material foi considerado inapropriado para o consumo de crianças e adolescentes, uma vez os impediam de ter um bom rendimento escolar, sendo vistos como instrumentos não-literários, fáceis em se compreender, e na maioria das vezes, tido como um “passatempo”. Com a virada de século, as pesquisas de diversos núcleos acadêmicos brasileiros afloraram, e com elas, um novo objeto de análise: a HQ.

⁸ Foi criada no ano de 1905 e se popularizou por ser a primeira revista a lançar histórias em quadrinhos no Brasil.

Logo após o grande sucesso das HQs a níveis mundiais, esse tipo de produção começou a ser criticada por intelectuais da área da educação. Alexandre Barbosa (2022) comenta que as histórias foram sendo estigmatizadas como elementos que iam contra a educação de crianças e adolescentes, muitas vezes associadas ao motivo de impedimento do raciocínio lógico, do bom rendimento escolar, além da indisposição social. Decerto, o estereótipo construído em torno do consumo de quadrinhos gerou uma espécie de “barreira pedagógica”:

Qualquer ideia de aproveitamento da linguagem dos quadrinhos em ambiente escolar seria, à época, considerada uma insanidade. A barreira pedagógica contra as histórias em quadrinhos predominou durante muito tempo e, ainda hoje, não se pode afirmar que ela tenha realmente deixado de existir. Mesmo atualmente, há notícias de pais que proibem seus filhos de lerem quadrinhos sempre que as crianças não se saem bem nos estudos ou apresentam problemas de comportamento, ligando o distúrbio comportamental à leitura de gibis (BARBOSA et al, 2022, p. 16).

O ano de 1996 foi muito importante para a aceitação das HQs no ambiente escolar, uma vez que marca a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Não apenas no Brasil, mas muitos outros órgãos governamentais propuseram orientações específicas de desenvolvimento de seus currículos, o que incluía o uso dos quadrinhos como proposta didática. Por meio de aplicações esporádicas, alguns professores incluíram esse tipo de material em suas aulas, o que possibilitou a dinamicidade de conteúdo. Segundo Vergueiro e Santos (2012, p. 84) apesar do empenho dos educadores, do incentivo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e da compra e distribuição por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) a utilização dos quadrinhos na educação ainda necessita de reflexões que levem a prática como aprendizado.

A figura a seguir evoca algumas razões para a defesa das histórias em quadrinhos no ensino segundo Alexandre Barbosa et al.

Quadro 1 – Razões e argumentos para a utilização de quadrinhos

<i>Razões</i>	<i>Argumentos</i>
1 Por que as histórias em quadrinhos auxiliam o ensino?	Podem desempenhar um bom papel nas escolas, possibilitando resultados muito melhores do que aqueles que se obteria sem elas.
2 Os estudantes querem ler quadrinhos	Por fazerem parte do cotidiano das crianças e jovens, se tornaram algo popular, tornando o espaço escolar mais participativo, visto seu entusiasmo para com as narrativas. Além disso, elas aumentam a motivação de compreensão de conteúdos destacando personagens e conceitos.

3 Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente	A união dos elementos gráficos e textuais potencializa a compreensão de conceitos e não se limita apenas a um acréscimo de uma linguagem à outra, mas sim o entendimento de conteúdos programáticos.
4 Existe um alto nível de informação nos quadrinhos	As revistas de histórias em quadrinhos versam sobre os mais diferentes temas e gêneros, como super-heróis e quadrinhos de ficção científica para compreender os contextos representados, seus personagens e seus criadores.
5 As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos	A inclusão dos quadrinhos em sala de aula possibilita ao estudante ampliar o seu leque de meios de comunicação, graças aos elementos linguísticos como a onomatopeia e o uso do balão.
6 Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito	Ao contrário da ideia preconcebida das histórias em quadrinhos como materiais que iam contra a prática educativa, seus leitores são beneficiados pela prática da leitura e interpretação.
7 Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes	Os quadrinhos são escritos com uma linguagem de fácil entendimento e com expressões conhecidas por seu público, introduzindo palavras até então desconhecidas, aumentando assim seu vocabulário e repertório linguístico.
8 O caráter elíptico da linguagem quadrinística obriga o leitor a pensar e imaginar	Os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, complementando em sua mente os momentos que não foram expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensamento lógico.
9 Os quadrinhos têm um caráter globalizador	Por serem veiculadas no mundo inteiro, as revistas trazem temáticas que têm condições de serem compreendidas por qualquer estudante, sem necessidade de um conhecimento anterior específico ou familiaridade com o tema, seja devida antecedentes culturais, étnicos, linguísticos ou sociais.
10 Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema	Desde os primeiros níveis da educação básica, passando pelo Ensino Médio e até pela universidade, qualquer professor pode se identificar com materiais variados (títulos, temas e histórias) apropriados para cada classe que deseja desenvolver na escola.

Fonte: BARBOSA, A. et al. (2022).

Nesse sentido, a narrativa dos quadrinhos possibilita alguns usos metodológicos de fonte e discussão teórica. No entanto, é importante destacar que devido à grande rede de comunicação nos dias de hoje, atrelada à tecnologia, muitas vezes de fácil acesso pelos estudantes, muitas informações são geradas, imagens, textos e som, e conseqüentemente, suas interpretações no meio público (PALHARES, 2018, p. 4). Vale ressaltar que por conta de seu amplo papel nas mídias, as HQ acabam por produzir um papel gerador de debate em sala de aula, levantando questionamentos de conteúdos históricos – ou relacionados a eles – que foram mencionados ou

referenciados na narrativa. Por isso, segundo a autora, esse tipo de obra pode muito bem ser utilizada como fonte histórica, uma vez que não existem regras para seu manuseio, mas ao mesmo tempo uma forma de organização deve ser pensada para que a aprendizagem histórica aconteça.

São muitas as funções que as HQs desempenham no âmbito educacional. De uma maneira ou de outra, proporcionam, num primeiro momento, um contato de elementos linguísticos textuais e visuais, este último de uma maneira sequencial. É dessa forma que as histórias contadas por meio dessas trilhas acabam proporcionando maiores interesses em conteúdos também diversificados, desde guerras fictícias e/ou representativas da realidade, abordando temáticas que acabam tomando proporções adequadas de contato do estudante. Portanto, o objetivo de levantar alguns dados envolvendo as HQs é importante no sentido de contribuir para a criação de novas metodologias ou até mesmo uma reformulação de métodos utilizando esse tipo de linguagem.

As histórias em quadrinhos na sala de aula têm ganhado espaço na comunidade escolar, porém, alguns pontos devem ser ponderados, como a questão da influência da tecnologia no ato de ler ou escrever. O domínio das tecnologias digitais tem direcionado os alunos a se apegarem mais a vídeos curtos, *posts* apenas visuais, sem legendas, mas com *emojis*. De certa forma, isso acarreta numa desmotivação, uma vez que os estudantes não se preocupam em interpretar elementos gráficos e textuais a partir da sua prática. A pesquisa realizada por Bettio, Lopes e Marinho (2018) objetivou utilizar do método de criação de HQs para despertar o interesse pela leitura com os alunos de 1º a 5º anos do Ensino Fundamental. Pensaram a partir de um projeto da própria escola denominado “Somos Todos Super-Heróis”, abordando criações de personagens heroicos refletidos a partir de sua própria realidade – “Por que eu posso me considerar um herói?”.

A prática da leitura no universo das tirinhas e histórias em quadrinhos pode levar às crianças o interesse em se arriscarem a lerem outros tipos de produção. Na Língua Portuguesa, por exemplo, o uso das tirinhas como forma de aparato de interpretação pode ser ancorado ao debate de determinados conteúdos, uma vez que promove uma relação de diálogo no processo de ensino da Linguagem. Nesse sentido, esta apresenta seu nível de interdisciplinaridade mobilizando elementos verbais e não verbais. Segundo Abrantes (2018, p. 26) “os alunos não leem apenas os textos, mas também as imagens”.

Dessa maneira, além da HQ como fonte geradora de aprendizagem, também ganha o caráter didático quando se trata de ensino. Buscando romper com a utilização do livro didático como a única fonte de informações na prática docente, as narrativas dos quadrinhos possibilitam

um novo olhar que desenvolve habilidades de interpretação. Em relação às informações contidas nesse tipo de material, Palhares discute que:

Um componente importante das HQ é que cada quadrinho tem que trazer em si uma densidade muito grande de informações, para que o leitor compreenda o que o autor da mesma está tentando passar como mensagem. Essas informações todas devem estar presentes na imagem e no texto formando um conjunto harmonioso e não enfadonho. Há que haver uma complementaridade entre imagem e texto, para que aquele monte de desenhos e palavras, separados entre si por quadros, faça sentido, e passe, para quem lê, a emoção que pretende (PALHARES, 2008, p. 5).

A vasta gama de informações contidas nas HQ não atrapalha no momento de sua análise, uma vez que os elementos de tal linguagem se entrelaçam. A linearidade dos quadrinhos pode, a primeiro momento, remeter à ideia de que esses elementos estejam separados. Porém, apresentam em conjunto uma narrativa dinâmica que mescla intenções destinadas ao seu leitor.

A sequência dos quadrinhos mobiliza:

[...] vários elementos que devem apresentar equilíbrio entre si, como os personagens principais e secundários, seu posicionamento na cena, as expressões faciais e corporais, o cenário, a perspectiva, o enquadramento, o jogo de sombra, luz e cores. O cenário deve conter todos os elementos que a cena requer, é imprescindível a presença de cada um dos componentes para o enriquecimento da cena, para dar a densidade emocional e artística, sem, no entanto, haver uma poluição de informações desnecessárias, ou empobrecimento, pela falta de elementos que contribuam para a perfeita transmissão da mensagem que se deseja (PALHARES, 2008, p. 5).

A intenção artística criada pela equipe artística do quadrinho se associa ao público-alvo que o autor pretende alcançar. No caso da HQ Guerra do Maranhão, de Araújo, nos é apresentada uma história que busca representar a revolta dos balaios no estado maranhense entre os anos de 1838-1841, objeto de interesse para um público livre. A própria classificação endereçada na capa da obra indica para quem se destina a narrativa. Ademais, não se trata de uma obra do gênero ficção, onde as histórias são criadas em universos diferentes dos nossos, mesmo tendo influências do mundo real, e por conta disso, acaba se tornando objeto de interesse de historiadores que querem problematizar, juntos de seus alunos, a revolta do século XIX brasileira.

No que se refere às HQs utilizadas de maneira interdisciplinar, desde a Literatura à História, muitas narrativas podem ser construídas e interpretadas. É o caso de grandes obras literárias brasileiras e mundiais, tais como Grande Sertão: Veredas, O Cortiço, Moby Dick, Dom Casmurro, as quais são tidas agora como uma adaptação da narrativa, muitas vezes curtas e ilustradas para chamar atenção do leitor. Outra questão a se pensar é em relação ao público-alvo consumidor de HQs, sejam elas adaptações de literatura ou não. A ideia formada de que

esse tipo de material didático pode servir apenas como “divertimento”, noção muito difundida no meio educacional do século XX, inclusive no Brasil, provoca a atenção que se deve ter enquanto seus usos e desusos. Não apenas ligadas ao lado lúdico, essas histórias podem ser examinadas, lidas, criadas por jovens e adultos, promovendo a interação entre faixas-etárias em diferentes ambientes, como o acadêmico e o ensino escolar.

No espaço escolar, para que o acesso à criação de HQs e tirinhas aconteça, se faz necessário ter um espaço adequado, bem como alguns materiais para sua produção. Para que haja a interação entre discente e confecção desse tipo de história, é importante conhecer as nuances dos materiais, a começar, por exemplo, com um simples lápis, um pedaço de papel e uma borracha. Os “rascunhos” são constantes no ato de criação, sobretudo porque a arte de representar algo ou alguém se manifesta dependendo das intenções do autor. Vale ressaltar que o domínio das técnicas e dos conceitos – conhecer quais os materiais importantes para a produção de um tipo de história – é essencial para manter um nível de segurança em qualquer que seja a área em que o material for utilizado.

Algumas histórias em quadrinhos buscam retratar a realidade. Os eventos históricos, seja os que já aconteceram como os que estão em processo, são alvo de representações artísticas criadas a partir do contexto em que o autor está inserido. A linguagem visual concebe a oportunidade de se compreender os discursos engajados do autor, uma vez que “a imagem do personagem, independente do estilo do desenho, possui uma gama de informações. A roupa, o cabelo, os detalhes e o formato do rosto, o tamanho do corpo, tudo é informação visual” (RAMOS, 2016, p. 19). Ou seja, no caso da obra de Iramir Araújo, o próprio traço dos desenhistas remetem a identidades visuais dos protagonistas dos balaios, por mais que a narrativa seja apresentada em preto e branco, é perceptível reconhecer quem são os camponeses, escravizados, negros, principalmente por sua condição social alimentada pela ambientação, assim como as vestimentas.

Indo além de compreender o histórico das HQs no Brasil e no mundo, vale lembrar que todas as produções partem de uma realidade e carregam valores, tanto de seus criadores quanto da lógica em que ele está inserido. Ao analisar a linguagem verbal, nota-se que “temos a imagem, o espaço, as cores e a distribuição de planos, que, trabalhados em conjunto, constituem a mensagem” (PALHARES, 2008, p. 10). A autora ainda considera a importância dos cenários, os quais em alguns casos servem apenas como preenchimento de lugares vazios, ou ter a ambientação bem representada para remeter a lugares importantes da História, desde arquitetura até monumentos que rememoram personagens.

Recentemente, o uso das histórias em quadrinhos na sala de aula tem ganhado influências nas mais variadas áreas da educação. Esse tipo de material que até pouco tempo atrás era considerado rebeldia e passatempo, agora é ressignificado por conta de seu potencial lúdico. No caso da História, os quadrinhos têm dupla função: o de fonte para pesquisa histórica e um recurso para interpretação do passado.

Nesse sentido, Palhares (2008) propõe alguns pontos para o professor se organizar antes de trabalhar com HQs em sala de aula. Num primeiro instante é importante recortar a temática histórica para realizar a escolha do quadrinho. Em seguida, fazer, por meio de uma aula expositiva e dialogada, uma discussão sobre o conteúdo selecionado para que os estudantes conheçam um pouco da História, seja a partir de personagens específicos ou espaços que os estudantes já ouviram falar. Posteriormente, o diálogo com a turma é essencial, sobretudo porque é com a conversa que será possível identificar quais materiais referentes à temática os estudantes conhecem.

Ainda considerando o uso das HQs em sala de aula, a prática dos estudantes no processo criativo de suas próprias histórias é peça fundamental. Para que isso ocorra é necessário fornecer os materiais para sua criação, como por exemplo folhas já com o formato padrão de quadrinhos, inclusive com os balões. O primeiro contato com a história pode ser de forma livre, ou seja, o estudante poderá fazer a leitura sem se preocupar com a linearidade, no sentido em que ele der mais importância, seja relacionado às formas, ambientações ou personagens que chamam mais sua atenção. No entanto, cabe o professor manter uma relação de diálogo com o discente durante o processo de leitura, principalmente porque:

Nesse caso não é aconselhável que ele entregue o material todo para o aluno de uma vez, mas que vá oferecendo aos poucos e conforme seu planejamento o contato do aluno com os quadrinhos, seja da história toda, seja de trechos da mesma, para ir construindo com o aluno a compreensão desejada. Para isso o professor deve se valer do que a tecnologia coloca ao seu dispor, seja fazendo fotocópias em transparências para usar em retro projetor, seja utilizando projetor multimídia através do qual ele expõe os quadrinhos escaneados e organizados conforme deseja apresentar o elementos constitutivos do raciocínio desenvolvido, seja através do uso de computadores, onde ele age da mesma forma para que os alunos possam ir tendo contato com os quadrinhos conforme seu planejamento, nesse caso deve usar programas em que os quadrinhos sejam expostos na sequência escolhida pelo professor (PALHARES, 2008, p. 14).

Dessa maneira, o debate perpetuado entre docentes e discentes acaba por enfatizar passos certos rumo à avaliação de aprendizagem. A criação das próprias histórias introduz o aluno a colocar sua criatividade em prática levando em consideração seu aprendizado desde o primeiro contato com um quadrinho específico. As técnicas de desenho podem ser apresentadas

pelo professor colocando algum vídeo que auxilie na confecção de modelos de personagem e até mesmo modelos de como criar cenas e ambientações. Nesse sentido, as inspirações ajudarão os estudantes a porem em prática suas interpretações de uma certa temática.

A autora propôs, em seu artigo, a criação de um material didático voltado para dois personagens do quadrinista Maurício de Sousa: Piteco, um personagem que representa o modo de viver dos homens das cavernas; e Papa Capim, personagem inspirado nos indígenas amazônicos que se relaciona diariamente com suas religiosidades. Posteriormente, com a aplicação de questionários para entender sobre o acesso das cinco turmas de 5º ano às HQs, Palhares observa que a metade de seus estudantes já tinham contato com quadrinhos e, principalmente, com obras de Sousa. O método utilizado para trabalhar o primeiro personagem (Piteco) escolhido foi a roda de conversa. Segundo a autora, através da leitura compartilhada, foi possível estabelecer uma relação entre o período conhecido como “Pré-História” a partir do personagem, seu cotidiano, falas e expressões culminaram na associação aos nossos ancestrais, sobretudo por conta do nome do protagonista. Dessa forma, foi possível aprender História lendo uma história em quadrinhos.

A autora conclui, portanto, que o projeto desenvolvido possibilitou “a partir de uma reflexão sistemática e aplicação planejada, incorporar a utilização de histórias em quadrinhos no ambiente escolar”. O trabalho desenvolvido deve possuir fundamentação teórica por parte de seus aplicadores [...]” (PALHARES, 2008, p. 18). Ou seja, utilizar esse tipo de material em sala de aula pode proporcionar, para os professores, uma nova dinâmica metodológica para seu ofício, e para os estudantes, o saber escolar em constante produção a partir de suas realidades, ocasionando na aprendizagem crítica.

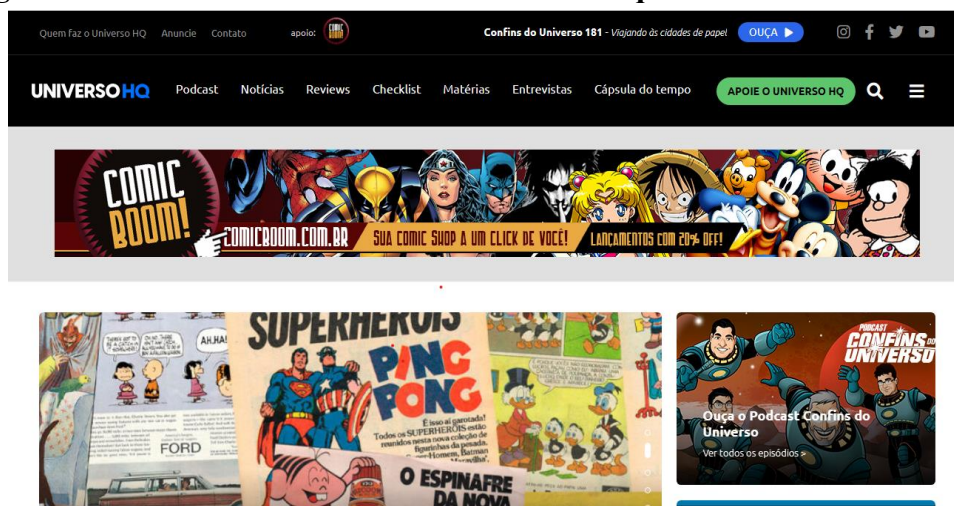
3.5 Comercialização e divulgação de HQs no contexto nacional

Uma questão para ser problematizada é no que diz respeito à comercialização de quadrinhos e sua demanda midiática. “Guerra do Maranhão” é um quadrinho publicado pela primeira vez em 2009, de forma independente. Está presente em *sites* de gibis *online* que fazem parceria com os autores a fim de que suas obras ganhem maior alcance. Alguns dos *sites* são *Universo HQ*, *Gibizada*, e, mais recentemente, pela empresa *Amazon*, conhecida principalmente pela venda de livros. Sabendo disso, é possível refletir o esforço do autor em lucrar com sua produção, mas que por se tratar de uma obra que representa um contexto histórico regional, não possui um grande alcance midiático, diferentemente de quadrinhos e mangás de gêneros que abarcam elementos fictícios.

Fazendo uma breve análise das páginas iniciais dos *sites* de comercialização de Histórias em Quadrinhos, pode-se notar um caminho parecido em ambos os três nichos mercadológicos. O *site* Universo HQ (Figura 2) é conhecido por compartilhar informações gerais sobre o mundo dos gibis e das histórias em quadrinhos. Tendo como público-alvo os jovens, o espaço virtual contempla seções de informações, eventos, lançamentos recentes de quadrinhos nacionais e internacionais, além de um grande acervo de vendas a direito às reviews, ou seja, uma opinião geral de uma obra qualquer destacando seu conteúdo e propostas. Como levantado anteriormente, a parceria que o autor de “Guerra da Balaiada” consegue com *sites* desse tipo pode nos ajudar a compreender os discursos por trás de quem ajuda a espriar, de certa forma, a representação dada à Balaiada por meio da HQ de Iramir Araújo e de que forma tais representações podem culminar na compra do produto.

Ao começar com a *Home*⁹ do Universo HQ, é possível notar uma gama de elementos gráficos com personagens considerados “famosos” no ramo dos quadrinhos. Em meio a propagandas e matérias, é possível notar a popularidade dos personagens super-heróis, como é o caso do Capitão América e do Super-Homem, duas figuras que, em momentos diferentes, contribuíram para dinamização da cultura estadunidense no mundo.

Figura 2 – Site de entretenimento do mundo dos quadrinhos "Universo HQ"



Fonte: *universohq.com*, 2023.

Outros personagens também são bem visíveis na primeira página da Universo, e além dos personagens heróis, outros muito importantes da cultura oriental ganham destaque. Um deles é o pirata *Luffy*, da série de mangás *One Piece*, acompanhado por *Usagi*, a protagonista

⁹ Palavra em inglês que é utilizada para indicar as páginas iniciais de um site ou uma rede social.

do mangá e anime *Sailor Moon*. Ainda, alguns nomes cartunescos¹⁰ latino-americanos também aparecem na propaganda da página, como o “Cebolinha” da série brasileira “Turma da Mônica”, uma das mais lidas no país; ao seu lado a argentina “Mafalda”, que com suas críticas sociais através das tirinhas, obteve bastante alcance na Argentina, mas em todo o Ocidente. Dessa maneira, a publicidade recheada de vários exemplos de personagens se atrela à amplitude da experiência para o cliente. Ou seja, quanto mais representatividade artística, mais chances de convencer as pessoas a comprarem mais de um tipo de HQ.

O *Home* do Universo HQ consiste em organizar a plataforma em categorias que vão além da intenção de comercializar. As abas “Podcast”, “Reviews”, “Notícias”, “Checklist” e “Matérias”, funcionam para que os acessos aconteçam para além da compra das HQs, uma vez que o próprio site tem seu cunho informativo lançando matérias diárias de curiosidades sobre o mundo dos quadrinhos e suas influências midiáticas. Ao colaborar com investigações em torno desse universo, o Universo HQ ainda propõe um Podcast que conta com uma rede de colaboradores que a cada semana selecionam uma temática sobre HQs/Animes para comentar. Ainda, com as chamadas *checklists*, os redatores do site organizam listas temáticas com metas específicas para os leitores de plantão. Por fim, na aba “Cápsula do tempo”, os redatores optaram em reservar uma gama de matérias antigas de cunho informativo, as quais acompanharam os lançamentos de HQs desde o ano 2000, trazendo mudanças e permanências de vários títulos nacionais e internacionais em diferentes edições e adaptações para TV.

Seguindo com as análises dos sites de comercialização de HQs, o “Gibizada” (Figura 3) também segue alguns pontos em comum com o Universo HQ, tanto em termos comerciais como publicitários, mas ao mesmo tempo demonstra características próprias para a venda de suas HQs. Foi através dele que foram adquiridos os dois exemplares da HQ “Guerra do Maranhão” utilizada nas aulas-oficinas com os estudantes do 8º ano. De forma fácil e rápida, seus organizadores têm como principal objetivo a comercialização de quadrinhos de autoria autônoma, muitas vezes títulos que não são impressos por grandes editoras do país, mas sim pequenos grupos editoriais independentes.

¹⁰ Elementos criados (ou com inspirações) da arte do cartum e/ou tirinhas.

Figura 3 – Site de comercialização de autores independentes “Gibizada”



Fonte: gibizada.com.br, 2023.

Um dos elementos mais chamativos desse tipo de site de divulgação comercial é o seu layout. Com um tom forte de amarelo, juntamente com a fonte cartunesca do slogan da página, o *Home* do “Gibizada” é consistente e sutil ao mesmo tempo, uma vez que busca organizar, por meio de categorias, algumas breves informações para os leitores acompanharem mais facilmente as opções de compra. Os itens “Pré-venda” e “Ofertas”, por exemplo, formam um espaço no qual se é possível verificar os títulos que estão em promoção e em lançamentos próximos. Já as categorias “Quem somos” e “Como funciona” são alternativas para se compreender, tanto por parte dos vendedores como consumidores, de como a política de dados do site funciona e de que maneira as histórias em quadrinhos devem ser comercializadas e por quem são.

O *site* “Gibizada” foi um dos principais acervos de venda *online* de quadrinhos e gibis, facilmente encontrado numa busca pelo Google. Este *site* em especial conta como uma forma de comercialização de histórias em quadrinhos voltados para escritores e ilustradores que querem entrar no mundo da indústria. Navegando pelo espaço virtual podemos encontrar várias abas, desde ofertas de histórias nacionais/internacionais, categorias de livros e ilustrações (pôsteres, artes originais), além de canecas, *bottons* e cadernos personalizados. Os dois (2) exemplares comprados de “A Guerra do Maranhão” foram pedidos através do *site* e o processo de compra foi rápido e as HQs foram enviadas pelo próprio autor com direito à dedicatória.

A rede *Amazon* (Figura 4) é hoje um dos sites mais influentes para a comercialização de qualquer tipo de livro, inclusive de HQs. Ao buscar pela página principal de vendas de HQs na plataforma, nos deparamos com alguns elementos importantes para a divulgação de vários trabalhos nacionais e internacionais, porém bem mais específicos e comerciais do que os outros

dois anteriores. Com poucos elementos gráficos o site organiza, de maneira ordenada, os vários tipos de histórias em quadrinhos. No lado esquerdo da página temos algumas sugestões como 1) Graphic Novels; 2) Mangá; 3) Tirinhas e charges; 4) Tirinhas e quadrinhos da internet. Os formatos dessas HQs também entram em destaque antes mesmo de executar a compra, com opções em capa dura, ebook, ou em coleções (*boxes*).

Figura 4 – Página inicial de compra de HQs, Mangás e Graphic Novels da Amazon

The screenshot shows the Amazon.com.br website interface for the 'HQs, Mangás e Graphic Novels' category. The top navigation bar includes the Amazon logo, a search bar, and links for account management and shopping cart. Below the navigation bar, there are several promotional banners and a sidebar on the left with filters for 'Novidades' (Recent arrivals), 'Departamento' (Department), and 'Formato' (Format). The main content area is titled 'HQs, Mangás e Graphic Novels' and features a section for 'Novidades em HQs, Mangás e Graphic Novels' with five featured titles:

Book Title	Author/Publisher	Format
Semantic Error: Livro 1	J. Soori	Livro cartonado
Verões Felizes (Edição Integral Definitiva)	Zidrou, Jordi Lafebre, Fernando Paz	Capa comum
Mortos de Amor (mangá volume único)	Junji Ito, Bruno Zago	Livro (capa Tankobon)
Yu Yu Hakusho - Volume - 5	Yoshihiro Togashi	Capa comum
Andrômeda	Zé Burnay	Capa comum

Fonte: *amazon.com.br*, 2023.

Como se trata de uma página não exclusivamente de um tipo de história em quadrinho, temos alguns títulos que chamam atenção na página na data de seu acesso (maio, 2023). Vale ressaltar, portanto, que as opções de vendas apresentadas no *Home* dependem de algumas condições além da visita à página numa certa data: “novidades”, ou seja, HQs lançadas naquele mês ou naquela semana; ‘promoções’, quando alguns títulos entram em oferta ganhando um certo destaque; “Mais comprados”, ou seja, obras muito comercializadas naquele momento. Na figura 3, é possível assimilar que a condição divulgada foi definida pelos lançamentos. Temos dois mangás japoneses, *Mortos de Amor* e *Yu Yu Hakusho* (vol. 5), além da obra *Andrômeda*, uma *Graphic Novel* portuguesa.

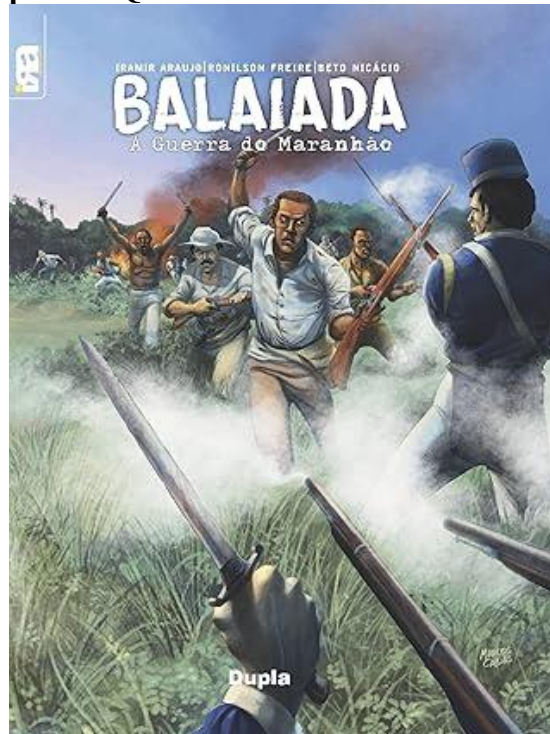
Ao navegar em sala de aula pelo *site* da empresa, os estudantes notaram que a página inicial de venda dos produtos destacava bastante lançamentos internacionais, como mangás japoneses e norte-americanos. Ao utilizar a barra de pesquisa do próprio *site*, pesquisando por “hqs”, na página 1 se encontra também uma variedade de quadrinhos estadunidenses no formato de *box* (*Box Marvel - Guerra Civil e Guerras Secretas*, *Agente Americano*, *Guardiões da Galáxia*

e *X-Men*, *Venom*, entre outros). Alguns quadrinhos que aparecem na busca são adaptações de obras principais que foram recorde de vendas, como por exemplo o livro do historiador israelense Yuval Harari, o *Sapiens*, em sua versão em HQ. Para além da visão hegemônica de produção dos EUA, “Persépolis”, quadrinho da autora iraniana Marjane Satrapi, que narra sua própria história enquanto uma menina que cresce em meio à revolução de 1979, quebrando tabus impostos pela sociedade.

Analisar as maneiras de comercialização e divulgação do universo das histórias em quadrinho é fundamental para compreender em quais direções essa arte pode alcançar. Os três sites mencionados anteriormente são só apenas uma pequena abordagem de como autores/autoras nacionais e internacionais são imersos na lógica capitalista pensando em termos de criação e divulgação desse tipo de trabalho. Muitas vezes nos questionamos acerca da falta de acesso dos leitores, todavia devemos entender a outra via, ou seja, o momento de divulgação da arte sequencial.

As histórias em quadrinhos, aqui abreviada como “HQs”, pode ser caracterizada como uma arte sequencial. Segundo Will Eisner (1989, p. 07), “as histórias em quadrinhos comunicam numa ‘linguagem’ que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público”. Ou seja, a intencionalidade dos criadores desse tipo de obra se manifesta a partir da união entre imagem-palavra, ambos proporcionam uma leitura sequencial, exalando sentidos e representações múltiplos, tornando o quadrinho não só um produto, mas um objeto a ser analisado. A fonte escolhida foi a história em quadrinho “Balaiada – A Guerra do Maranhão” (2009) do historiador e quadrinista Iramir Araújo. A figura abaixo demonstra a capa da segunda edição da obra:

Figura 5 – Capa da HQ “Balaiada - A Guerra do Maranhão”



Fonte: *amazon.com.br*, 2023.

No que se refere ao uso do termo “representação(ões)”, partimos da premissa de que tal conceito está intimamente ligado à perspectiva das análises representativas construídas ao longo das aulas-oficinas, uma vez que a própria análise da HQ “Guerra do Maranhão”, bem como a produção de tirinhas acerca da Balaiada passam, necessariamente, pelas representações de fatos históricos ali presentes prestes a serem interpretados. Dessa maneira, concordamos que a produção do conhecimento histórico é fruto das ações humanas e de sua sensibilidade. Sobre a construção em torno do fato histórico, Pesavento (1995) reflete que:

Todo fato histórico – e, como tal, fato passado – tem uma existência linguística, embora o seu referente (real) seja exterior ao discurso. Entretanto, o passado já nos chega enquanto discurso, uma vez que não é possível restaurar o real já vivido em sua integridade. Nesse sentido, tentar reconstituir o real é reimaginar o imaginado, e caberia indagar se os historiadores, no seu resgate do passado, podem chegar a algo que não seja uma representação (PESAVENTO, 1995, p. 16).

Dessa maneira, a capa da segunda edição da HQ “Guerra do Maranhão” pode ser analisada numa perspectiva representativa. Com o intuito de chamar a atenção do leitor, a capa mescla elementos visuais em momentos decisivos aqui determinados pelos conflitos armados entre os populares e os soldados. Tais personagens são bem caracterizados graças ao traço artístico pontual do desenhista Beto Nicácio ao definir as vestimentas utilizadas por esses sujeitos. Num mesmo plano, os revoltosos são representados vestindo camisetas e calças de

pano, alguns de chapéus e outros sem camisola, demonstrando a diversidade étnica e social destes. Por outro lado, o uniforme azul e branco dos soldados enviados para acabar com a insurreição, é notório, inclinando-se perfeitamente à ideia do choque entre os dois grupos. Além dos personagens, a ambientação escolhida para representar a Balaiada foi justamente o campo em que esse conflito ocorreu em sua maior parte: nas matas.

Assim sendo, as diferentes interpretações acerca da Balaiada foram sendo construídas não apenas no campo da historiografia, mas também no imaginário e na iconografia. Mudanças significativas ao apresentá-la como uma revolta ou como uma insurreição, contendo tramas não só políticas, mas principalmente sociais quando se pensa a rede de apoio de diferentes grupos étnicos em prol de um objetivo em comum – são, no geral, circunstâncias que levam discursos produzidos desde seu acontecimento até os dias de hoje. Da mesma maneira, o campo iconográfico também implica uma importância representativa, já que muitas são as pinturas, gravuras, principalmente do século XIX, que buscaram caracterizar personagens envolvidos na revolta regencial. Ainda, o campo se ampliaria mais tarde no final do século XX com as representações em quadrinhos destes mesmos personagens, mas agora consagrados de outras maneiras a partir de uma ótica diferente.

Will Eisner parte da premissa de as histórias em quadrinhos e sua leitura “empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usadas vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática” da Arte Sequencial (EISNER, 1989, p. 08).

Partindo da proposta de como se utilizar fontes na sala de aula e levando em consideração o suporte midiático que a HQ analisada recebeu logo após sua publicação independente, é possível estabelecer uma discussão junto aos alunos sobre os *reviews*¹¹ acerca da HQ de Iramir. A *review* datada de dezembro de 2010, inicia apresentando algumas características gerais da obra, como quantidade de páginas, valor (na época R\$ 25,00), data de lançamento e autores. Num primeiro momento é destacada a sinopse da obra para que o leitor busque compreender do que se trata, que é encontrada da mesma forma que aparece na HQ. Em seguida, alguns pontos são levantados a partir de uma análise positiva e outra negativa. Para expressar melhor a *review*, verifique o quadro 02 para compreender melhor a *review* feita por Vitor Mazon, do *site* Universo HQ (2010).

¹¹ O termo em inglês tem como tradução livre “análise” e tem como objetivo principal expor ao público as experiências de uma determinada compra. Observação geral do produto ainda na embalagem e/ou durante seu consumo.

Quadro 2 – A review

<i>Pontos positivos</i>	<i>Pontos negativos</i>
Resgatar um importante evento da história nacional, a fim de mostrá-lo sob uma perspectiva diferente da contada nos livros didáticos de escola.	A escolha de aproximar o texto do caboclo foi acertada. Embora certas construções possam causar um estranhamento, elas ajudam a construir e contextualizar o clima da trama.
Iramir Araújo, responsável pelo roteiro, fez uma grande pesquisa para reconstruir essa história. O projeto nasceu com o intuito de resgatar nomes dos homens que lutaram para tentar mudar o modelo de governo que abusava da população.	A arte do álbum foi dividida entre dois quadrinistas. E, embora os traços de ambos guardem certas semelhanças, as diferenças são maiores, Ronilson Freire, responsável pela primeira metade, tem tom mais harmônico. Já o traço de Ninácio, principalmente nas expressões dos personagens, é mais rude - as faces são mais distorcidas. Essa diferença prejudica o andamento da trama, quebrando a fluidez da narrativa.
O autor escolheu recontar a história acompanhando os seus principais personagens - revoltosos e membros do governo. Assim, a obra se mantém imparcial. Esta opção valorizou o álbum como um produto escolar, podendo ser usado para despertar o interesse dos alunos por esse importante evento da História do Brasil. Iramir Araújo contou com o apoio do Governo do Maranhão para publicar o álbum, que já faz parte do programa de diversas escolas naquele estado.	O álbum é bem-acabado, em formato grande e com uma introdução feita pelo ex-secretário da cultura do Maranhão, Joãozinho Ribeiro. Uma ressalva é que a edição poderia conter um anexo com informações à parte da História, como uma cronologia dos eventos.

Fonte: Balaiada - a Guerra do Maranhão, Universo HQ. <<https://universohq.com/reviews/balaidada-a-guerra-do-maranhao/>>. Acesso em 02/05/2023.

Os discursos por trás da produção e divulgação da HQ se mostraram interessantes para os estudantes da turma de 8º ano. Como proposta, antes mesmo de ter contato com a história em quadrinhos, a turma demonstrou preocupação em saber como a obra foi divulgada e interpretada pelo público, que através de artigos de opinião indicaram elementos essenciais para se analisar o processo histórico de comercialização. Como proposta didática a fim de discutir as opiniões disponíveis no *site* Universo HQ, os estudantes mencionaram alguns termos que mereciam atenção naquele momento, principalmente ligados à História, logo após a leitura da *review*. Eles estão destacados na Figura a seguir.

Figura 6 – Pontos destacados da review do site Universo HQ sobre o quadrinho “Guerra do Maranhão”



Fonte: Acervo do autor, 2023.

A figura acima resume bem as discussões levantadas pelos estudantes. Pela escala de maiores itens, o que mais foi mencionado após a leitura da *review* foi justamente a ideia da HQ como uma proposta diferente da dos livros didáticos e a obra como resgate de nomes de homens da Balaiada. Assim sendo, percebe-se que mesmo esses estudantes tendo pouco acesso a esse tipo de linguagem, eles acabaram destacando que as histórias em quadrinhos são essenciais para compreender a história regional, uma vez que não aparece de forma “total” em seus livros didáticos, ou quando aparecem, é em apenas uma única folha com tópicos sucintos.

Posteriormente, em relação aos protagonistas destacados pela *review*, nota-se uma das narrativas mais fortes dentro do campo da História que é a predominância da figura masculina como os únicos agentes dessa História. Ao mencionar “o nome dos homens principais”, evoca a falsa ideia de que qualquer movimento político seja unicamente construído tendo por base os grandes homens. Tal perspectiva se encaixa na tendência positivista do século XIX que colaborou para construir uma História dos grandes homens, seus feitos e exemplo a ser seguido. Por mais que seja uma interpretação de um membro da equipe do *site*, percebe-se que ao ler a HQ, o leitor reproduz o discurso patriarcal.

Além disso, a questão da imparcialidade foi alvo de debate. No âmbito das Ciências Humanas é comum questionar narrativas hegemônicas, uma vez que se tem disputas de discursos enviesados por trás das mais diversas intenções. Afinal, seria então a história em quadrinho uma proposta didática válida porque apresenta neutralidade? Como fruto da criação de um historiador, que buscou representar a Balaiada a partir de um eixo - aqui o político -, a construção da narrativa se apoiou implementando noções sobre o conflito e em que perspectiva histórica Araújo contemplou para criar sua obra. Outro tópico destacado foi a diferença dos traços no quadrinho feitos por dois quadrinistas diferentes. A elaboração das expressões dos personagens influencia diretamente em seus destaques ao longo da obra, bem como sua espacialidade, ou seja, o local onde foram incluídos. As posições de destaque, portanto, misturaram-se com as caras e bocas de sujeitos desenhados que representam certos grupos sociais da época.

Dessa forma, além de uma representação, as histórias em quadrinhos também são produtos comercializados que requerem o lucro e alcance. Por isso, muitos artistas precisam dar mais ênfase nos elementos visuais de suas obras, uma vez que influencia diretamente na quantidade de volumes que serão vendidos. A capa do volume é o que necessita ser mais caprichado, sobretudo por conta de sua condição colorida, que acaba chamando atenção dos consumidores nas vitrines e em *sites*.

Os autores concluem, portanto, que as principais contribuições das HQs analisadas dizem respeito aos benefícios dessa linguagem como recurso didático-pedagógico ou metodologia de ensino na educação, independentemente do nível de ensino (educação básica ou ensino superior)” (MORAIS; ARAÚJO, 2022, p. 24). Ainda, consideram que por conta da época (1997 a 2022) foram encontradas apenas nove (9) pesquisas que tratam de produção de conhecimentos por meio das histórias em quadrinhos. Por outro lado, os autores constataram a diversidade temática presentes nas obras levantadas, mobilizando diferentes locais as quais

podem ser utilizadas, suscitando experiências variadas. Em relação às metodologias, Morais e Araújo concluem que:

Por meio das histórias em quadrinhos como metodologia de ensino os alunos poderão ter maiores condições de melhorar a interpretação de determinados conteúdos, devido ao fato dessa linguagem ser representada por texto e imagem, auxiliando nas leituras das histórias. Isso pode ajudar a chamar a atenção dos alunos para se interessarem por conteúdos escolares ou acadêmicos e, conseqüentemente, desenvolverem melhor a capacidade de compreensão e senso crítico, importante para se sobressaírem em diferentes campos de linguagens (a visual, sonora etc.). Além disso, o educador, ao inserir as HQs como práticas didáticas pedagógicas, pode tornar as suas aulas mais significativas, além de promover o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, necessárias para uma aprendizagem mais efetiva (MORAIS; ARAÚJO, 2022, p. 25).

Portanto, com o auxílio dos quadrinhos a autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem se torna nítida. A partir das condições metodológicas da linguagem dos quadrinhos que representam eventos históricos de outra época, como é o caso da HQ “Guerra do Maranhão”, pode-se problematizar o conteúdo presente na obra para compreendermos não apenas como os sujeitos envolvidos na Balaiada foram representados, mas sobretudo, qual o discurso arranjado pelo autor em resolver representar o histórico daquela forma, a partir de seus interesses e valores arranjados numa linha historiográfica de análise e compreensão a partir do seu presente. Com isso, o processo de ensino e aprendizagem através das histórias em quadrinhos acaba se tornando uma nova forma de compreender a realidade em que nossos estudantes estão inseridos, orientando-os na busca ativa por uma História cada vez mais crítica e criativa.

Palhares (2008) parte das ideias desenvolvidas pela Escola dos Annales, corrente historiográfica que buscou compreender a História por meio de objetos que antes não poderiam ao menos ser considerados analíticos. Fugindo da limitação documental escrita e oficial, ou seja, atreladas unicamente às questões políticas, uma nova abordagem ganha força no século XX, trazendo ao debate outros sujeitos, os quais foram invisibilizados pelos detentores do poder. Dessa forma, estes personagens “ganharam mais rostos, e mais canais para se expressarem. Na esteira dessas reflexões ampliou-se o arsenal de ferramentas úteis e legítimas ao profissional do ensino de história” (PALHARES, 2018, p. 2).

Nesse sentido, cabe refletir as HQs no ensino de História como instrumento lúdico, ampliando os próprios níveis de conhecimento. A relação entre professor e aluno pode melhorar a partir do momento em que as atividades lúdicas são realizadas desencadeando um bom desempenho do processo de ensino e aprendizagem (MORAIS; ARAÚJO, 2022, p. 07). Em estudo elaborado no 5º ano, ainda explorando a temática dos super-heróis, a discussão em torno

do uso das onomatopeias se fez presente. São elementos que objetivam representar diversos sons gráficos através de sílabas ou letras separadas e podem ser comumente compreendidas como “imitações de sons naturais em forma de palavras” (MORAIS; ARAÚJO, 2022, p. 8). Os resultados gráficos elaborados através das onomatopeias demonstraram um grande interesse por parte dos estudantes, sobretudo expectativas para formular identidades visuais e sentimentais representadas através de seus personagens.

As produções de histórias em quadrinhos direcionadas ao estado maranhense encontradas nos *sites* de divulgação, tanto nacionais quanto internacionais, trazem elementos históricos produzidos a partir de narrativas da própria História do Maranhão. Além da HQ “A Guerra do Maranhão”, o historiador Iramir Araújo produziu, em parceria com Ronilson Freire, as histórias “Ajurujuba - a fundação da cidade de São Luís” (Figura A) e “Além das lendas” (Figura B), ambas obras que representam contextos históricos e culturais do estado. As capas de ambas as obras são apresentadas no material complementar (Anexos).

O objetivo, neste caso, não é analisar as HQs mencionadas, mas compreender o potencial narrativo dessas histórias no tocante ao processo de ensino e aprendizagem sobre a História do Maranhão. A diversidade temática regional que encontramos aqui pode proporcionar novos caminhos para se entender as narrativas criadas por um autor maranhense acerca de conteúdos que nem sempre aparecem nos currículos. A obra Ajurujuba, por exemplo, se propõe em representar a colonização francesa no estado (colônia da França Equinocial) e sobre como o Império Espanhol lidou com as invasões na região. Ainda aborda sobre as questões religiosas e sua imposição aos colonos em meio à cultura local.

Ademais, pensando numa perspectiva cultural, a HQ “Além das Lendas” é uma pequena narrativa que apresenta a mitologia das lendas urbanas maranhenses em que o autor busca contar figuras mitológicas que ficaram/são do imaginário popular do estado, tais como a Serpente Encantada e o Palácio das Lágrimas. Nesse caso, os contos formulados no estilo em quadrinhos podem colaborar para entender em quais locais e em que época(s) essas mitologias estiveram/estão inseridas e quais seus impactos sociais e históricos na vida dos maranhenses.

Nesse sentido, cabe ainda notar que para uma obra ser devidamente comercializada, ela deve passar por uma configuração gráfica que possa chamar a atenção de seu público para a venda. Geralmente as capas das obras de Iramir Araújo, assim como tantas outras histórias em quadrinhos, são elaboradas destacando muitos personagens, em diferentes ângulos, formatos, tamanhos, em especial com expressões faciais chocantes, especificamente quando buscam representar conflitos e guerras.

São vários os elementos que podem ser analisados a partir de histórias em quadrinhos, que levanta muitos questionamentos e problemáticas no Ensino de História. Ao mesmo tempo em que esse tipo de produção (os três quadrinhos, incluindo nossa fonte principal) dinamiza e colabora com a divulgação da história do estado do Maranhão, possibilita ainda assimilar quais temáticas são escolhidas para se tornarem balões e personagens e quais não são. Histórias como as Lendas e a fundação da cidade da Ilha de São Luís são temáticas do norte do Maranhão, associadas ao autor, às suas questões-problemas e na sua seleção enquanto historiador/escritor. A breve análise das HQs que abordam assuntos ligados ao estado do Maranhão diz um pouco de como o âmbito regional é complexo, principalmente quando abordadas em escolas sulistas, por exemplo.

4 O ENSINO DE HISTÓRIA DA BALAIADA: ANÁLISES DE QUADRINHOS E PRODUÇÃO DE TIRINHAS NA ESCOLA ELIZA MOREIRA FERRAZ

Neste capítulo apresenta-se o lócus da pesquisa, um breve panorama histórico da cidade de Formosa da Serra Negra - MA e a Escola Municipal Eliza Moreira Ferraz. Ainda, conheceremos os sujeitos participantes, bem como todo processo que mobilizou as primeiras impressões sobre as histórias em quadrinhos, os conceitos e representações da Balaiada (1838-1841) e, posteriormente, as análises e criação de tirinhas. Dessa maneira, são apresentados os resultados obtidos através das aulas-oficinas, o que inclui a atividade de “primeiras impressões”, seguida da “Oficina de Quadrinhos”, momento chave para a produção de tirinhas temáticas que abordam muito mais que o evento histórico da Revolta da Balaiada, mas uma compilação de ideias históricas e personagens que refletem sobre as questões sociais do conflito e o que estas provocam no tempo presente.

A realização das aulas-oficinas aconteceu ao se considerar que a pesquisa é um caminho possível para lidar com as diversas interpretações históricas e do que delas se investe na comunidade. A produção dos saberes históricos pode significar conhecimentos além da escala científica ou disciplinar. Os saberes de vivência são exemplos de como professores, pais, estudantes e comunidade lidam com a experiência do real. Selva Guimarães Fonseca, a partir da perspectiva construtivista de Thompson (1987) compreende que o objeto do conhecimento histórico é o real, e que esse real chega até os professores como manifestações, experiências humanas, lógicas, vestígios e discursos, tornando esse conhecimento histórico limitado, seletivo e incompleto (FONSECA, 2003, p. 119). Portanto, para que os saberes sejam estabelecidos na prática escolar, é fundamental ser um professor-pesquisador atuante, questionador e em constante produção de saberes diversificados.

Dessa maneira, para superar esse paradigma pesquisa/ensino, atrelando os dois campos quando o assunto é conhecimento histórico, as interpretações diversificadas se tornam necessárias para lidar com a pesquisa nas escolas. É muito comum atrelar a prática da pesquisa apenas aos cursos de bacharelado, ao mesmo tempo em que no outro extremo a formação de uma licenciatura é estigmatizada como unicamente o “aprender a ensinar”. Muito mais que essa pré-noção rasa, realizar pesquisas vai além do tipo de formação, uma vez que compreendemos que o processo de ensino e aprendizagem é um potencial ponto a se questionar, delimitar métodos e procurar resultados. Os diferentes saberes mobilizados nos ambientes educativos permitem analisar realidades múltiplas e de diferentes sujeitos, sejam estes alunos ou professores.

A produção do conhecimento histórico no ambiente escolar começou a ser difundida no final do século XX. Apesar disso, ao se tratar da realidade brasileira, as práticas de ensino e aprendizagem experimentadas no cotidiano escolar têm tido a “fama” de “fingir ensinar e fingir aprender”. Selva Guimarães verbaliza que “o trabalho da pesquisa se transforma numa forma de o professor ‘vencer’ determinados itens do programa, sem ensiná-los” (FONSECA, 2003, p. 118). Sendo assim, faz-se necessário incluir novas maneiras de realizar projetos de pesquisa no ambiente escolar, o qual um deles é, segundo a autora citada, um ensino que tenha como objetivo a “formação da consciência de história como ciência/disciplina educativas” (FONSECA, 2003, p. 118).

Sendo assim, mobilizamos uma forma orientada de como lidar com o conteúdo da Balaiada em sala de aula, buscando novas alternativas didáticas para que se criasse saberes críticos localizados. A análise da HQ “Guerra da Balaiada”, de Iramir Araújo, é finalmente formulada por meio de metodologias de análise de quadrinhos sobre sua linguagem e como esta se manifesta enquanto fonte histórica. Neste mesmo sentido, houve também a necessidade de investigar o conteúdo pouco presente no livro didático de História do 8º ano – “Coleção Sociedade & Cidadania” (2018) e como este foi utilizado para levantar questionamentos acerca do tema e do debate sobre o regional, o nacional e o universal. Em seguida, com indicações bibliográficas tanto por parte do professor, quanto dos estudantes, foi possível organizar uma série de 10 tirinhas que se mostraram satisfatórias, não somente como resultado final, mas também enquanto etapas de produção, minimamente pensados pelos estudantes e incorporados à sua criatividade.

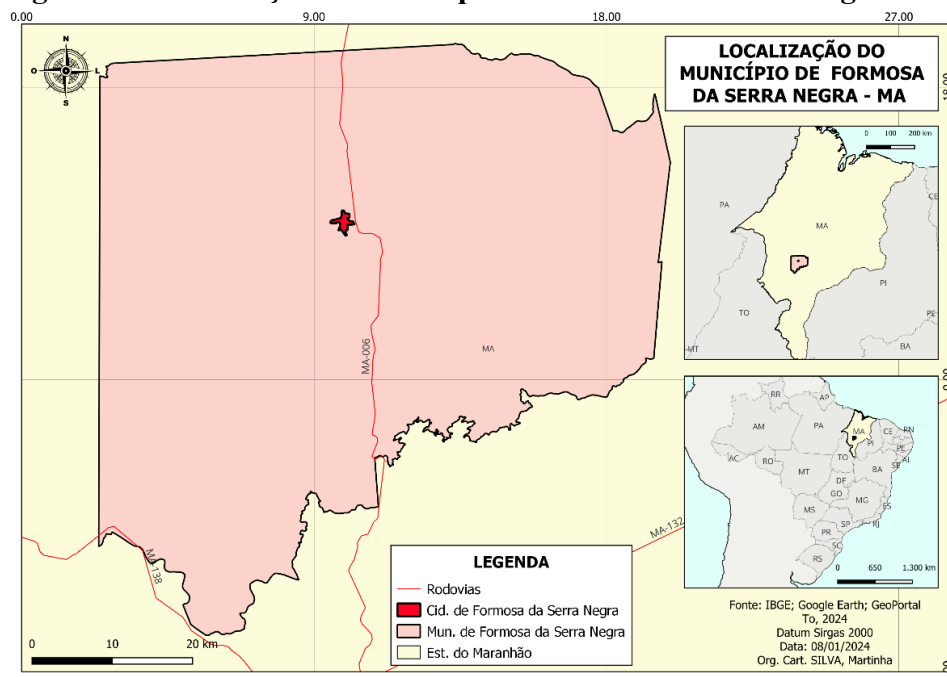
4.1 Contextualizando Formosa da Serra Negra - MA

Formosa da Serra Negra está localizada no centro-sul do Maranhão - microrregião do Alto Mearim -, a 481 km da capital São Luís; possui uma população estimada em 17.719 habitantes, conforme dados do IBGE de 2022. É o município onde nasce Rio Mearim e que perpassa pela rodovia estadual MA-006; tem como limites, ao norte, Grajaú e São Raimundo das Mangabeiras e, ao sul, Fortaleza dos Nogueiras e Balsas; desde 2017 o município faz parte do polo da chamada Chapada das Mesas.

As perspectivas em relação à história do município de Formosa da Serra Negra podem ser investigadas além da dinâmica de formação política, estabelecendo imaginários e lógicas de ocupação de terras interioranas que se mostram um pouco diferentes da dinâmica socioespacial do litoral-nortista maranhense. Na visão de Carlota Carvalho (2006), importante autora que

buscou interpretar o Brasil interiorano, a lógica extrativista/comercial estabelecida no litoral do estado do Maranhão se firmou como principal característica de análise desse povoamento, uma vez que os serviços de agro exportação, principalmente do algodão, foi sendo formalizado ao longo do século XIX. Em contrapartida, no sul do estado, a atividade econômica em pauta era - e ainda é - a pecuária, que de certa forma, contribuiu e ainda contribui nas tensões sociais específicas do interior maranhense.

Figura 7 – Localização do município de Formosa da Serra Negra - MA



Fonte: IBGE; Google Earth; GEOPORTAL TO, 2024. Datum Sirgas, 2000. Data: 08/01/2024. Org. Cart. SILVA, Martinha.

Numa perspectiva política, o município de Formosa da Serra Negra foi desmembrado de Grajaú pela Lei Estadual nº 6.150, em 10 de novembro de 1994, deixando de ser um povoado grajausense, criando também o distrito sede. O povoamento das terras de Formosa da Serra Negra começou no século XIX, ainda quando era um povoado do município de Grajaú e incorporava a lógica colonial do oeste maranhense que influenciou diretamente na chegada dos primeiros moradores “formosserranegenses”. Em uma concepção geológica, estas terras fazem parte do que Carlota Carvalho chama de “Baixão maranhense”, inclinação observável de norte a sul que apresenta uma extensão de depressões íngremes (CARVALHO, 2006, p. 127). Além disso, a autora caracteriza os sertões maranhenses como “as caatingas” (mata alta diversificada) que se estendem até o Baixão da cidade de Grajaú.

A história da região onde, em 2024, está o município de Formosa da Serra Negra não pode se limitar apenas como sendo o antigo povoado de Grajaú. Mesmo com os poucos registros

escritos e interpretações textuais sobre a “origem” da cidade, a visão política de emancipação de Formosa acabou limitando outras visões acerca do povoamento da região. Antes mesmo de sua emancipação política, os primeiros moradores chegaram na região da Serra Negra, importante relevo que se tornou muito mais que uma simples Serra, mas um estilo de vida próprio de seus novos moradores.

A professora e pesquisadora Maria Iris Barros e Silva (2009), tentou reunir na obra chamada “Formosa da Serra Negra: trabalho, perseverança e desenvolvimento” algumas informações sobre o município. Segundo ela, tal obra tem como objetivo fornecer à população formosserranegrense e interessados, “informações precisas” sobre os primeiros moradores, além das questões políticas, geográficas, econômicas e sociais locais. Ao analisarmos mais a fundo a respeito desta obra é possível notar que a fundação da cidade perpassa o âmbito político, mas ainda sustenta a narrativa política ao longo de suas páginas.

Dessa maneira, nossa intenção não é fazer uma análise profunda da obra, mas compreendermos que esta foi feita num determinado contexto em que se necessitava de alguma fonte escrita para auxiliar futuras pesquisas acerca do município, levando em consideração a ausência desse tipo de fonte. Vale ressaltar que, além das informações por escrito, o livro conta com fotografias - primeiras casas, avenidas e ruas, festas cívicas e populares - e depoimentos de antigos moradores, os quais contribuem para que surjam narrativas além das fontes escritas.

Algumas informações originárias do município de Formosa da Serra Negra datam da década de 1960, quando quatro amigos e vizinhos de propriedade resolveram construir suas moradas próximas umas das outras. José Cazuzza e Silva, João da Mata e Silva, Genésio Francisco da Silva e José do Patrocínio Milhomem tinham um plano em comum: viverem próximos, fundando um pequeno povoado para que seus filhos pudessem estudar, de maneira que seus negócios comerciais também se intensificassem na região (SILVA, 2009, p. 13). Nesse sentido, as primeiras casas foram construídas onde em 2024 é o início da Avenida João da Mata e Silva, uma das mais movimentadas da cidade, o que caracterizou seu bairro, o Centro, popularmente conhecido como o centro histórico da cidade.

As informações sobre os primeiros moradores do que viria a se tornar Formosa foram coletadas via depoimentos de alguns dos filhos desses residentes. Em alguns relatos¹², é unânime a decisão das famílias em construir suas casas e de se sustentarem através do pequeno comércio que ainda era fraco na região, muitas vezes devido às grandes distâncias de fazendas/vilas umas das outras, onde os percursos eram realizados via montaria, demorando

¹² Relatos de Reginaldo, filho de José Cazuzza; Dona Graci, esposa de Genésio. (SILVA, 2009, p. 14-15).

dias e até meses para chegarem/retornarem na região. Ao se firmarem neste primeiro bairro, os primeiros moradores colaboraram para que houvesse, em 1965, a implantação do Grupo Escolar Maranhão Sobrinho, sendo Maria Francisca da Silva a primeira professora a colaborar com a educação do povoado; a Igreja Católica São João Batista foi criada dois anos depois, em 1967 em homenagem ao padroeiro das novenas de junho, idealizadas pelo morador João da Mata e Silva (SILVA, 2009, p. 15).

Alguns outros moradores, a partir da década de 1970, começaram a se mudar de suas roças para o então povoado de Formosa, o que culminou no fortalecimento da agricultura familiar e na criação de gado. As famílias do Sr. Benedito e Sra. Iria, Domingos Milhomem e Dona Luizinha, Décio Coelho e Mariquinha, Manoel Altino e Dona Luzia Caju foram algumas dessas famílias que chegaram até o povoado de Formosa nos anos 70 e colaboraram para seu crescimento. A pecuária e agricultura familiar são aspectos comerciais fortes na cidade e em seus povoados, aspectos econômicos estes que influenciaram diretamente no crescimento urbano ao longo do final do século passado, o que não quer dizer que o aspecto rural (roças e chácaras) diminuiu, pelo contrário, a zona rural sempre foi o maior nível de extensão territorial do município de Formosa, comum quando se trata de interior.

É importante frisar a implantação da Fundação Nacional de Desenvolvimento Comunitário (FUNDEC) na década de 1980, o qual colaborou no sustento de muitas famílias que estavam crescendo junto à cidade. O FUNDEC era responsável pelo abastecimento de água potável nos bairros principais de Formosa, além de possibilitar o acesso ao arroz com a implementação das usinas de beneficiamento, das casas de farinha e das padarias. A associação teve como presidente Félix Arruda, o qual contou com apoio do então prefeito de Grajaú, Mercial Arruda (SILVA, 2009, p. 17). Desde os anos 80, o povoado de Formosa era representado na política por alguns nomes, incluindo os primeiros moradores e seus filhos/netos, na Câmara Legislativa de Grajaú. Segundo Maria Iris Silva, esses políticos tinham aptidão para a política e que todos os “fundadores e co-fundadores deixaram uma grande herança congênita para assumirem seus postos e de representantes do povo” (SILVA, 2009, p. 16-17).

Ademais, ainda segundo a narrativa da autora citada, após 32 anos da fundação do povoado, Formosa da Serra Negra consegue sua independência. Silva menciona o Deputado Estadual Mercial Arruda e o Prefeito Municipal Cláudio Vale de Arruda como os precursores e que sempre foram favoráveis à sua emancipação, como registrado em uma entrevista¹³. Nesse

¹³ “(...) sempre fui favorável à segmentação, à redução do tamanho dos municípios do Maranhão. Os municípios de nosso estado são continentais, enormes, principalmente Grajaú. (SILVA, 2009). O discurso aponta para a

sentindo, em 10 de novembro de 1996 foi sancionada pela então Governadora Estadual Roseana Sarney a Lei nº 324/94, a qual dispõe sobre a criação de novos municípios, sendo desmembrado da cidade de Grajaú, tendo sua instalação no dia 1º de janeiro de 1997, com o nome oficial de Formosa da Serra Negra. (SILVA, 2009, p. 18). O nome da cidade foi uma junção do nome (Formosa), o nome de uma antiga fazenda de um dos primeiros moradores, que se juntou com a grande Serra Negra, símbolo geográfico local. O “Negra”, de acordo com o imaginário local, é justificado por conta da coloração vista da serra em uma maior distância.

O processo de urbanização da sede do município teve um alavancamento a partir da década de 90, com a implantação da rede de energia elétrica e postos de saúde. A venda dos produtos locais cultivados pelos moradores da zona rural acontecia quinzenalmente nessa época, tendo a oportunidade de comprar produtos industrializados naquele intervalo de tempo a partir da renda obtida com os alimentos agrícolas; animais também eram vendidos nas feiras, tais como bezerros e cavalos (SILVA, 2009, p. 19). Ainda, essas pequenas feiras acabavam se tornando um espaço de lazer: ao ritmo de forró, bingos, bebedeira e brincadeiras eram motivos para a socialização dos conterrâneos.

Depois do Plebiscito (1995), aponta Silva, “[...] houve uma maior migração vinda da zona rural e ou mesmo de outros municípios. Não chegou ao empobrecimento da população devido a maioria das pessoas continuarem com suas atividades agrícolas e pecuárias” (SILVA, 2009, p. 19). Portanto, havia a “casa no povoado e a casa no sertão”, ou seja, muitos moradores mantiveram suas dependências na zona rural ao mesmo tempo em que construíram casas na sede de Formosa para que a lógica comercial funcionasse permanentemente. Assim, era comum nas chácaras e fazendas o plantio do arroz, do feijão, do milho e da mandioca, além da criação dos frangos caipiras, suínos e bovinos (SILVA, 2009, p. 19). Um outro motivo para a locação dessas famílias na sede era educação dos filhos na única escola da cidade na época.

As festas cívicas e populares da cidade de Formosa da Serra Negra permitem refletir um pouco sobre a cultura e a sociabilidade de seus moradores. Em seu texto, Maria Iris Silva divide em duas categorias: festas cívicas e festas populares e/ou religiosas, as quais são representadas tanto descritivamente quanto pela iconografia, com o auxílio das fotografias dessas comemorações. Primeiramente, o aniversário da cidade, comemorado em 10 de novembro, é com certeza uma das festas principais da cidade, envolvendo apresentações culturais, casamentos comunitários e festas com bandas e cantores locais. Já o Festejo de São João Batista é tradicionalmente realizado entre os dias 15 e 24 de junho, e reúne missas, arraial e

questão territorial vasta do interior do sul do Maranhão, onde muitas cidades foram se formando, mas com uma população rural mais abrangente.

apresentações de quadrilha em homenagem ao padroeiro da cidade, São João Batista. Por fim, a tradicional Vaquejada é a atração cultural mais influente no município, sendo considerada por muitos a maior do sul do Maranhão. A competição que conta com premiações que podem chegar até cem mil reais, envolve competidores locais e de cidades vizinhas, ao mesmo tempo em que mobiliza multidões nos tradicionais três dias de festa (SILVA, 2009, p. 63-64).

4.2 A Escola Eliza Moreira Ferraz

A Escola Municipal Eliza Moreira Ferraz teve sua criação ligada às necessidades educacionais da região, ainda quando Formosa da Serra Negra era povoado de Grajaú. A educação entre os anos de 1965 a 1983 atendia crianças que começavam pela chamada “Carta do ABC”, associada hoje à Educação Infantil, até a 4ª série do primário (atual 5º ano). Os alunos tinham aulas em salas mistas na primeira escola fundada na região de Formosa, a escola Maranhão Sobrinho. Em 1983 a Escola Eliza Moreira Ferraz foi construída e passou a contemplar o Ensino Fundamental (5ª à 8ª série, atualmente 6º ao 9º ano) com funcionamento no período noturno. (SILVA, 2009, p. 79).

Figura 8 – Fachada da Escola Municipal Eliza Moreira Ferraz



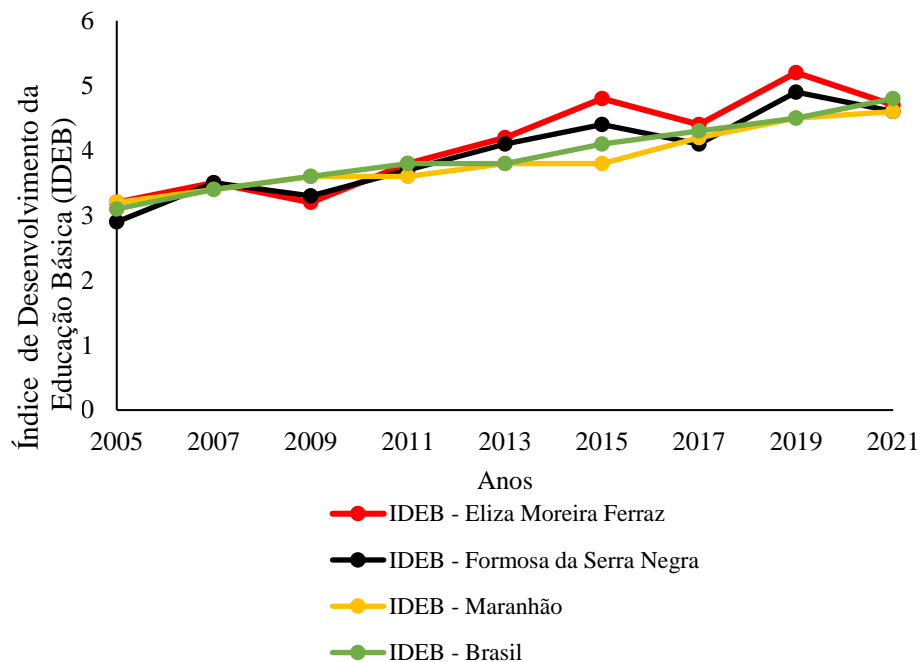
Fonte: Acervo do autor, 2023.

Segundo o Censo Escolar realizado no ano de 2022, a escola possui 632 alunos matriculados, distribuídos no Ensino Regular e EJA. A etapa do Ensino Fundamental (anos iniciais), conta com 129 estudantes, enquanto os anos finais 503; com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), compreende-se em 66 alunos, enquanto na Educação Especial 37. O corpo dos

professores é composto por 32 profissionais, ainda considerando os dados do censo de 2022. O Colégio está em funcionamento nos três turnos, sendo o Ensino Básico realizado nos turnos matutino e vespertino, enquanto a modalidade EJA acontece no turno noturno.

Em termos de estrutura física, a escola mantém uma condição mediana para lidar com os quase 700 alunos vindos de zonas rurais e urbanas. Localizada no bairro Centro, acaba se tornando um pouco distante dos bairros periféricos da cidade, o que dificulta o acesso e contribui para o índice de evasão escolar que tem aumentado no município. Em sua totalidade, comporta 23 turmas distribuídas em apenas 10 salas de aula. Ainda, aponta alguns problemas de infraestrutura, como a ausência de refeitório, biblioteca ampla, sala de leitura e auditório. De acordo com o censo de 2022, não há uma sala para atendimento especial, além de laboratórios de ciências e/ou informática.

Gráfico 1 – Indicadores de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) – Eliza Moreira Ferraz



Fonte: Acervo do autor, 2023.

De acordo com os dados do Censo escolar de 2021, os números do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) do Colégio Municipal Eliza Moreira Ferraz diminuíram em relação ao seu maior pico, em 2019. Neste ano, a escola atingiu 5.2, e, comparado ao índice de Formosa da Serra Negra (4.9) nesse mesmo momento, o Colégio se manteve acima. Já no

último ano do censo, até o momento desta pesquisa 2021, os índices diminuíram, chegando a 4.7, abaixo, por exemplo, da média IDEB nacional, com 4.8.

4.3 Os sujeitos

Neste item são apresentados os sujeitos que participaram da análise e produção de quadrinhos sobre a Balaiada, seguindo alguns questionários, apresentações e, principalmente, por meio das aulas-oficinas. As aulas-oficinas foram realizadas no segundo semestre de 2023 e foram destinadas aos alunos da turma do 8º ano (turno vespertino – 18 alunos) durante dez (10) aulas, em dois horários, totalizando 1h40min, na Escola Municipal Eliza Moreira Ferraz, como explicitado na figura a seguir.

Atividades realizadas	Total de aulas
Aplicação de questionários	01
Aula expositiva e dialogada: primeiras impressões sobre Histórias em Quadrinhos	01
Apresentações orais e discussão sobre gêneros de HQs	02
Aula expositiva e dialogada sobre a Balaiada	01
Análise de fonte – HQ “A Guerra do Maranhão”	02
Distribuição das análises da HQ	01
Produção/debate das Tirinhas sobre Balaiada	02

Fonte: Acervo do autor, 2023.

Os processos de análise de histórias em quadrinhos, bem como a produção das tirinhas foram realizados com os estudantes no formato de aulas-oficinas, planejadas com intuito de aproximar os estudantes à problemática e ao professor, assim como estruturar o passo a passo dos processos de análise/produção, a fim de pontuar a importância dos quadrinhos no ensino e aprendizagem da Balaiada. Vale a pena ressaltar as diferentes abordagens utilizadas durante essas aulas, tais como o debate, o trabalho em equipe, aulas com exposição de conteúdos, além da instrumentalização de ferramentas didáticas como a Nuvem de Palavras (*wordclouds*) e *Padlet*.

Primeiro foi aplicado um (01) questionário contendo trinta (30) questões, sendo elas vinte e sete (27) objetivas e três (03) subjetivas. Dentre as perguntas, destaca-se alguns pontos: a) Identidade étnica dos estudantes; b) Contato e acesso às histórias em quadrinhos; c) Consumo de HQs e temáticas preferidas; d) Gêneros de HQs mais consumidos; e) Disciplinas escolares que mais utilizaram HQs como forma de ensino; f) Gosto pelas HQs; g) Consumo de HQs regionais e/ou maranhenses. Para uma melhor compreensão do leitor, organizamos todos alguns desses dados em formato de gráficos, apresentados ora por escala de porcentagem, ora pela quantidade exata de estudantes envolvidos nas atividades realizadas.

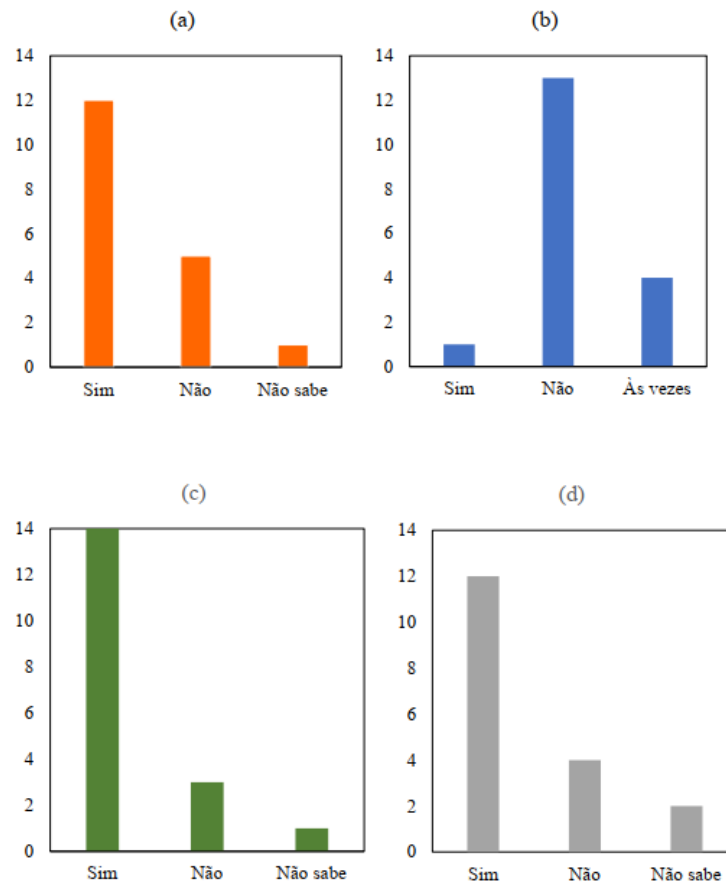
4.3.1 Primeiras impressões e o acesso às HQs

Para realizar o Ensino da Balaiada através das histórias em quadrinhos começamos pelo básico, ou seja, ir em busca as primeiras informações dos sujeitos colaboradores da pesquisa e como estes se manifestam em relação a esse recurso. Os dezoito (18) estudantes da turma do 8º ano do Ensino Fundamental responderam ao questionário na primeira aula, no período de 40 minutos. Todos, ainda, marcaram sua identidade racial, sendo nove (09) brancos e nove (09) estudantes considerados pardos¹⁴.

Uma das primeiras investigações traçadas a partir da aplicação do questionário foi em relação tanto o acesso, quanto ao contato com as histórias em quadrinhos, seja em casa ou na própria escola. De maneira geral, a maioria dos alunos demonstraram já ter contato com esse tipo de obra, principalmente como um “passatempo”, ideia bastante comentada entre eles durante a execução do questionário. Isso nos fez refletir em relação à virada histórica da HQ como um passatempo e, posteriormente, como um recurso didático. Na figura abaixo, encontra-se os resultados sobre o contato da turma com o recurso:

¹⁴ Vale ressaltar que a denominação do termo “pardo” é seguindo os critérios de classificação segundo o IBGE. Dessa maneira, cabe aqui uma crítica em relação ao termo, pois é uma palavra que em sua origem tinha como sentido se referir a sujo, vulgar. Isso de certa forma acaba influenciando na caracterização identitária dos alunos, uma vez que se tem a pré-noção de que pardo seria uma “opção melhor”, pois embranquece mais a categoria “negro”, inferiorizando-a.

Gráfico 2 – Contato dos estudantes com HQs



Fonte: Acervo do autor, 2023.

O gráfico 2 apresenta os resultados registrados dos seguintes itens do questionário: em (a) Os alunos possuem histórias em quadrinhos em casa?; (b) Leem HQs diariamente?; (c) Já leram histórias em quadrinhos na escola?; (d) Já tiveram contato com quadrinhos nos livros didáticos da sua escola? No item (a), é notório que 12 alunos possuem histórias em quadrinhos em casa e já tiveram um contato com esse tipo de obra antes. Cabe também destacar que 05 estudantes não possuem ou não consomem HQs em casa. Ademais, no item (b), a maioria dos estudantes (13) dizem não as consumir diariamente, o que nos faz refletir que a ausência dos quadrinhos, tanto em casa, quanto na escola, é um padrão nesta turma, uma vez que mesmo alguns estudantes tendo esse tipo de obra, não costumam lê-las em seu dia a dia.

Nesse sentido, ao mencionarmos o item (c) da figura acima, percebemos uma maior quantidade de estudantes que já leram as HQs na própria escola. Mesmo com um catálogo pequeno, a Escola Eliza Moreira Ferraz conta com alguns títulos de quadrinhos, em sua maioria

gibis e uns poucos mangás¹⁵. Portanto, 14 alunos disseram já ter lido na escola algum quadrinho, seja na sala de aula, como em um outro espaço da instituição. Em seguida, no item (d), é possível perceber a impressão dos estudantes do 8º ano com seus livros didáticos. Por si só, esse tipo de livro é organizado e reelaborado como coleções e passam pela análise do PNLD, os quais devem ser selecionados de acordo com algumas condições estabelecidas pelo Programa. Dessa maneira, empreende-se que os quadrinhos, em sua maioria tirinhas, são muito presentes nessas obras, em várias das disciplinas. Assim, 12 estudantes afirmaram já terem contato com quadrinhos em seus livros, principalmente as tirinhas, colocadas no corpo do texto para diversificar as fontes, além de servir como instrumento avaliativo através da resolução de exercícios.

Com isso, a turma do 8º ano da Escola Eliza M. Ferraz demonstrou, em sua maioria, já tiveram contato com as histórias em quadrinhos, ao mesmo tempo em que já possuem a consciência de que esses recursos podem ser utilizados nas aulas, o que se notou das perguntas em relação ao livro didático. As exposições sobre a linguagem dos quadrinhos foram de fato satisfatórias, uma vez que a turma, antes mesmo da proposta aplicada, manteve uma boa relação tanto com a produção das tirinhas quanto a análise da HQ “Guerra do Maranhão”.

4.3.2 Aulas expositivas e debates sobre a origem e os gêneros das HQs

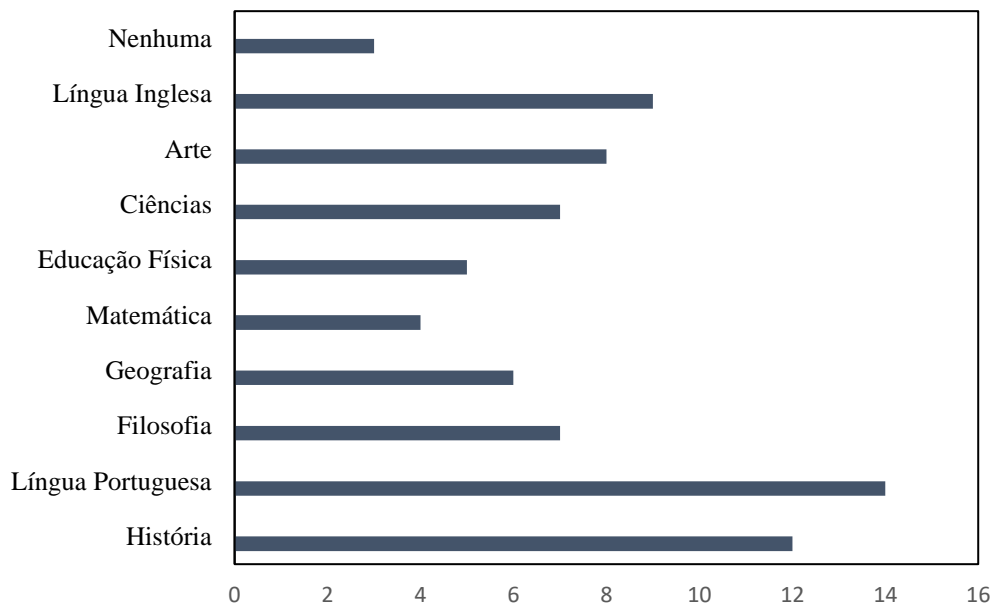
A segunda e a terceira aulas foram pensadas para introduzir a temática das histórias em quadrinhos num sentido histórico, ou seja, conhecer de forma geral sua origem e discutir sobre seu teor diversificado dentro da História. Dessa maneira, lecionei uma aula expositiva e dialogada com o título “Origens e trajetória das Histórias em Quadrinhos”, com a duração de 45 minutos. Esta aula teve como objetivo principal conhecer as origens das HQs e alguns conceitos principais. O debate se deu a partir da importância da iconografia desde os primórdios da humanidade com as pinturas rupestres e suas significâncias ancestrais e cotidianas. Em seguida, foi comentado sobre a criação das *comics* modernas (linguagem visual e não-visual), com suas características formativas francesa e estadunidense do século XIX. Por fim, levantou-se a questão das histórias em quadrinhos e criação de personagens que representassem a dinâmica nacionalista do século XX, nas duas Guerras e, principalmente na Guerra Fria.

Mais que isso, os quadrinhos podem servir como um instrumento de ensino de História, principalmente se os entendermos como uma fonte histórica, elaborando estratégias para

¹⁵ Foram encontrados no acervo cerca de 12 gibis (Turma da Mônica) e 3 mangás (Sakura Cardcaptors, Pokémon).

compreender o contexto histórico, os conceitos e outras abordagens importantes dentro da proposta curricular da disciplina de História. Outrossim, a estratégia do ensino também pode ser dinâmica em outros campos da educação, visando propostas interdisciplinares, as quais podem contribuir para que a criticidade do aluno seja estabelecida por óticas e abordagens diferentes e agregadoras. No gráfico a seguir, mostramos em quais disciplinas os alunos já tiveram aulas utilizando do recurso dos quadrinhos.

Gráfico 3 – Disciplinas escolares que mais utilizaram HQs como forma de ensino



Fonte: Acervo do autor, 2023.

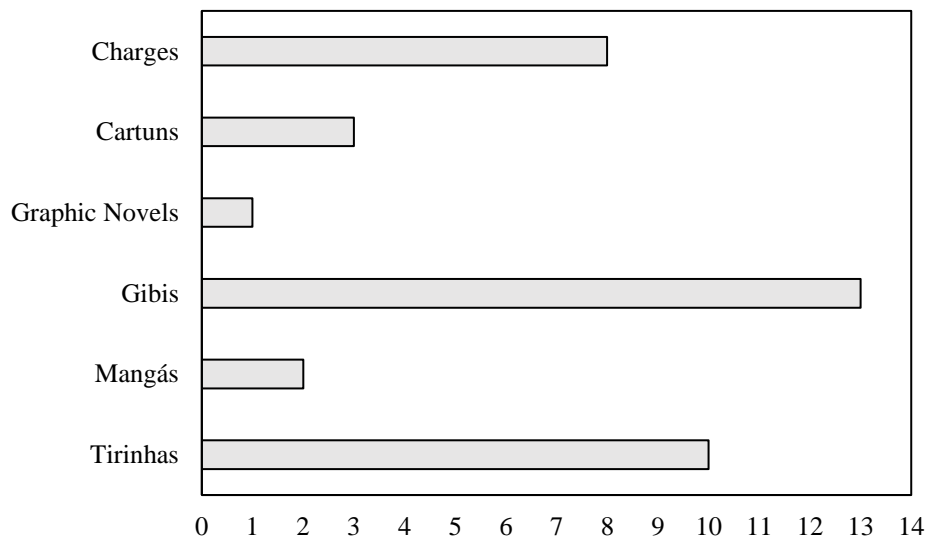
Segundo os dados do questionário aplicado, várias disciplinas em que os professores já trabalharam/utilizaram as HQs como método de ensino, a destacar três delas: Língua Portuguesa, História e Língua Inglesa. Ao serem indagados durante as aulas oficinas, os estudantes compartilharam que nestas três disciplinas é comum encontrar algumas tirinhas que ajudam na compreensão do conteúdo. Em Língua Portuguesa, por exemplo, foi comentado que muitas das tirinhas utilizadas focam bastante na interpretação das falas presentes nos balões dos personagens, atentando-se a elementos gramaticais ou a figuras de linguagem. O mesmo acontece na disciplina de Língua Inglesa, na qual os quadrinhos podem proporcionar uma maior compreensão da língua estrangeira ao combinar texto e imagem.

Mas para nós o que mais chamou atenção foi que a disciplina de História foi mencionada por 12 alunos, ficando atrás apenas da matéria de Língua Portuguesa. Nesse sentido, as proposições em relação aos quadrinhos neste componente curricular são importantes para agregar, segundo os alunos, “no entendimento do passado a partir do presente”, pois ao

considerarmos alguma HQ, se faz necessário contextualizar tais obras, conhecendo quem as escreveu, representou graficamente e de que maneira elas foram difundidas no meio comercial e com qual objetivo. Dessa maneira, o ensino de história por meio dos quadrinhos propõe em certa medida uma linha tênue entre temporalidades, inclusive ao se analisar e produzir tirinhas.

Ademais, um dos pontos levantados para entender os sujeitos desta pesquisa foi a compreensão dos vários gêneros textuais. Gibis, mangás japoneses, *Graphic Novels*, charges, tirinhas são exemplos de histórias em quadrinhos que podem ser mobilizadas nas práticas de ensino, porém, vale ressaltar a particularidade de cada uma, tendo em vista seu grau de valor cultural e comercial. O gráfico abaixo apresenta alguns dos gêneros de HQs conhecidos/lidos pela turma:

Gráfico 4 – Gêneros de HQs mais consumidos



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Os dados coletados dessa pergunta demonstram com quais gêneros a turma mais tem contato. Dentre eles, os mais mencionados foram três: Os gibis (13), seguido das tirinhas (10) e das charges (08). O gibi lidera como o mais conhecido dentre os adolescentes, uma vez que desde a infância foram influenciados por seus pais e/ou responsáveis, além dos desenhos animados da TV, os quais em sua maioria são adaptações dos gibis, cotidianamente acessados por crianças e adolescentes. Ademais, as tirinhas também foram citadas, o que exemplifica o contato desses estudantes com livros didáticos e de apoio na escola contendo uma grande variedade de tirinhas de autores nacionais e internacionais. As charges, assim como as tiras, fazem parte do arcabouço dos exercícios de fixação presentes nas obras didáticas, mas não somente, tendo em vista seu alto grau de difusão na internet via redes sociais. Por fim, os demais

gêneros, como mangás, cartuns e *Graphic Novels* foram citados poucas vezes, o que possibilitou as duas aulas sobre a apresentação dos estilos das HQs a fim de conhecer um pouco mais acerca disso.

Divididos em três grupos de três componentes cada, os estudantes receberam um roteiro adaptável para realizarem suas apresentações orais, as quais aconteceram em duas aulas. Todas as equipes escolheram em consenso os gêneros que mais se identificavam, juntando-os por similaridade e todas as três apresentações tiveram cada uma a duração de 12 min. A Equipe I apresentou sobre os Gibis, as tirinhas e os cartuns trazendo alguns conceitos básicos sobre as três tipagens, diferenças e semelhanças. Utilizaram como material de apoio a lousa e alguns cartazes com personagens famosos de cada gênero. Em seguida, a Equipe II elaborou no formato de *slides*, apresentando conceitos básicos desse tipo de arte oriental, os mangás japoneses (e coreanos) mostrando algumas indicações de obras e adaptações em anime de séries famosas mundialmente. Finalizando as apresentações orais, a Equipe III levantou um pouco das ideias de como as *Graphic Novels* são produzidas/comercializadas e como influenciam no ramo dos romances históricos fictícios.

Apesar da importância histórica de conhecer os contextos de criação dos quadrinhos e o que proporcionam para seu público consumidor, os personagens também podem ser objeto de investigação. Os personagens citados durante as apresentações (e também no questionário) podem servir como elemento comparativo de visão de arte que os estudantes têm do que eles pontualmente viram durante a leitura de um quadrinho. Abaixo estão alguns dos nomes mencionados:

Figura 9 – Nuvem de palavras dos personagens mais citados pela turma



Fonte: Acervo do autor, 2024. Via *wordclouds.com.br*.

A figura acima representa tanto os personagens mencionados durante as apresentações orais, quanto aqueles que apareceram nas respostas do questionário aplicado. Eles estão colocados na figura no modo “nuvem de palavras”¹⁶ e caracteriza a popularidade entre os alunos. Começando com alguns nomes da pequena camada, temos personagens variados como o herói *Batman*, o cão *Snoopy*, o pirata *Luffy* da série de mangás *One Piece*, a dupla de irmãos *Rodrick e Greg* da obra *Diário de Um Banana*. Na segunda camada (nomes com uma fonte um pouco maior e destacada) temos Hagar, o Horrível, *Mickey Mouse*, Luluzinha, O Menino Maluquinho e a personagem argentina Mafalda¹⁷.

Seguindo essa lógica, a primeira camada da nuvem de palavras foi preenchida por nomes muito conhecidos nacionalmente. Da Turma da Mônica¹⁸, os personagens Magali, Cascão, Cebolinha e Mônica tiveram bastante destaque, evidenciando o contato da turma com essa franquia desde a infância. Além disso, o personagem Garfield¹⁹ da série de tirinhas do mesmo nome, também foi bastante citado, sobretudo ao ser utilizado em provas e trabalhos escolares. Por último, o herói Homem-Aranha²⁰ também se destacou, mostrando a força cultural influente dos heróis estadunidenses no Brasil.

Todos esses personagens, alguns conhecidos, outros novos na concepção de alguns, mostram a diversidade de caracterizações presentes no universo das histórias em quadrinhos.

¹⁶ A nuvem de palavras é um recurso informativo muito utilizado nas redes sociais para contabilizar palavras/frases mais mencionadas na internet. Quanto maior (em tamanho de fonte) for a palavra/frase, mais citada foi. Nos últimos anos vem sendo mobilizado para contabilizar conceitos e termos frequentes em trabalhos acadêmicos.

¹⁷ *Bat-Man*, *DC Comics*, criado em 1939 pelo escritor Bill Finger e desenhista Bob Kane; *Snoopy* é um cão da raça *beagle* e pertence à tirinha *Peanuts*, de Charles Schulz, de 1950; *Luffy* é o personagem principal da série de mangá *One Piece* (1997), escrita e ilustrada por Eiichiro Oda; Rodrick e Greg são personagens da obra *Diário de um Banana* (2007), criado pelo cartunista norte-americano Jeff Kinney; Hagar, o Horrível é uma tira em quadrinho criada em 1973 por Dik Browne; *Mickey* foi criado em 1928 pelo desenhista Ub Iwerks, considerado o mascote da *The Walt Disney Company*, tornando-se famoso mundialmente no formato de desenho animado; *Little Lulu*, ou Luluzinha em português, é uma personagem criada pela cartunista norte-americana Marjorie Buell, em 1935; O Menino Maluquinho é uma série de histórias em quadrinhos brasileira criada pelo desenhista Ziraldo, tornando-se popular entre nos anos 1990-2000; Mafalda (1964) faz parte da tira de mesmo nome e tem como criador o cartunista argentino Quino. Se tornou popular em toda América Latina ao trazer reflexões sobre a cultura e a sociedade.

¹⁸ Produzida desde 1959 por meio de tiras, a série de histórias em quadrinhos foi criada originalmente pelo cartunista Maurício de Sousa pela empresa Maurício de Sousa Produções. Com os primeiros personagens Bidu e Franjinha foi ganhando o cenário nacional, e a partir de 1960, a série começou a implementar Mônica e Cebolinha, dois dos ícones do cartunista mais famosos na atualidade.

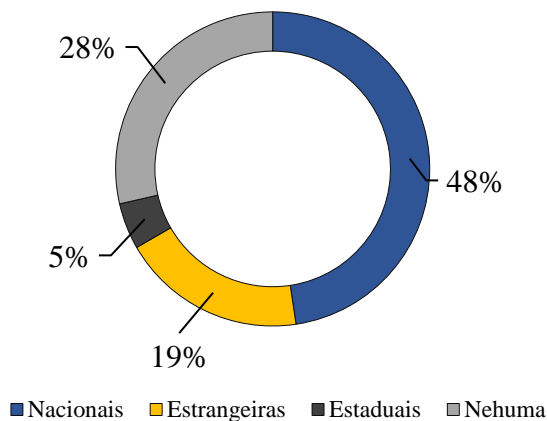
¹⁹ Garfield é uma série de tiras, inicialmente publicadas nos jornais dos anos 1970 e conta a história de um gato (Garfield), um cão (Odie) e seu dono (Jon). Os personagens são de autoria de Jim Davis e mais tarde ganha uma adaptação animada pela Nickelodeon.

²⁰ O Homem-Aranha é o alter ego de Peter Parker, o super-herói de Steve Ditko, surgido em agosto de 1962. Ficou amplamente conhecido depois de sua comercialização à *Marvel*, divulgado através dos quadrinhos *The Amazing Spider-Man*. Nos últimos anos ganhou adaptações para o cinema e para a TV.

As análises dessas figuras são fundamentais para estabelecer um vínculo entre elemento textual e não-textual, sobretudo porque os traços dos diversos cartunistas são um exemplo de como a arte pode ser algo representativo, sobretudo quando no decorrer dos anos, essas mesmas figuras passam por uma espécie de “remodelagem”, ou seja, uma repaginada no visual seguindo os padrões comerciais de empresas que patrocinam seus criadores.

A gama de ícones encontrados na pesquisa abrem margem para discutir de quais nacionalidades são as histórias em quadrinhos consumidas pelos alunos. A figura abaixo apresenta o resultado de consumo de quadrinhos nacionais, estrangeiros e estaduais, esta última categoria levando em consideração seu aspecto geográfico, o estado do Maranhão.

Gráfico 5 – Consumo de HQs nacionais e estrangeiras



Fonte: Acervo do autor, 2023.

Ao comparar as obras citadas nas apresentações orais e no questionário, é possível perceber a quantidade de HQs nacionais e internacionais, o que vai de encontro com a porcentagem de alunos que consomem as produções brasileiras. O consumo de histórias em quadrinhos estaduais é menor ao considerarmos o contexto nacional, sendo apenas 5% dos estudantes em contato com HQs maranhenses. A porcentagem aumenta ao se considerar as obras estrangeiras, com 19% da turma, em sua maioria quadrinhos de super-heróis estadunidenses. Em seguida, as HQs nacionais foram as mais lidas segundo a pesquisa, uma vez que boa parte da turma mencionou o consumo, desde a infância, dos gibis produzidos no Brasil, o que se consolida com os 48% dos alunos.

Seguindo esses dados, nota-se a necessidade de diversificar os materiais didáticos direcionando-os às temáticas regionais no campo da História. A tentativa de mobilizar o

conteúdo da Balaiada é justamente aproximar os estudantes de contextos históricos da região maranhense (piauiense e cearense) para assim apreender acerca dos sujeitos e sua importância no presente. Portanto, para que isso aconteça, nosso próximo passo é lidar com as possibilidades da utilização da HQ maranhense “Guerra do Maranhão”, para enfim começar as análises dos quadrinhos, das narrativas e questionamentos sobre a revolta regencial.

4.4 A Balaiada no Livro didático e a análise da HQ “A Guerra do Maranhão”

Nessa etapa nossas atividades terão continuidade com a as aulas-oficinas direcionadas à Balaiada. Num primeiro momento, nos atentaremos em discutir brevemente a presença deste conteúdo no livro didático na aula expositiva e dialogada. Em seguida, trazemos as experiências de análise de fonte da HQ escolhida com o objetivo de entender a construção da narrativa, suas referências, bem como a autoria, produção e reprodução e finalidade – itens estes que foram fundamentais para a investigação das histórias em quadrinhos como fonte histórica.

Os debates acerca do livro didático ainda estão em efervescência, principalmente quando se trata da existência da tal dualidade de função: ampliar/limitar. Tido muitas vezes no senso comum como o objeto que reúne todo o conhecimento possível, o livro acaba criando o fantasma de que tudo que é preciso apreender se encontra manifestado nele. Todavia, uma nova perspectiva em relação a esse recurso foi sendo moldada, divulgando resultados sobre sua essência, ou seja, sua produção e de como esta se interliga ao PNLD, programa brasileiro responsável pela seleção das várias coleções escolhidas por todo país nas escolas públicas. Seguindo essa lógica, as condições para serem aprovadas acabam acarretando na seleção de conteúdos, os quais vão se afinando dando mais ênfase em temáticas consideradas “gerais” e menos aparição de temas tidos como “específicos/regionais”, se consideramos uma visão bastante simplista do recorte espacial.

Nesse sentido, a Coleção de História escolhida até o momento da aplicação da pesquisa na Escola Eliza Moreira Ferraz, foi a Coleção “História: Sociedade & Cidadania” (2018).²¹, aprovada para os anos 2020/2023 pelo PNLD. Para além do livro, foi utilizado na aula expositiva/dialogada outras referências sobre a Balaiada, como o texto “A Balaiada: luta por

²¹ A Coleção de livros História: Sociedade & Cidadania é uma coletânea de autoria de Alfredo Boulos. Com livros do 6º ano 9º do Ensino Fundamental, conta com algumas seções que ajudam na compreensão da formação histórica da humanidade, tais como “Para refletir”, “Leitura e escrita em História”, trabalhando análises de fontes, “Vozes do passado” e “Vozes do presente”, experiências com textos/sujeitos do passado e suas interligações com o presente.

cidadania no Maranhão Imperial”²² e o paradidático “A Guerra da Balaiada”²³, com o objetivo de ampliar o debate da temática. No formato de roda de conversa foi discutido, durante uma aula, algumas das versões da origem do início da Balaiada, já comentada nos capítulos anteriores do texto. Vale ressaltar que essa experiência foi fundamental para estabelecer uma impressão histórica do conflito, levando em consideração a participação popular no conflito, ampliando os conhecimentos sobre algumas categorias dentro da História, tais como a raça, classe e gênero.

Dando continuidade à aula, foi realizada uma pequena descrição de como o conteúdo sobre a Balaiada aparece na Coleção “História: Sociedade & Cidadania”, atentando-se às referências textuais e imagens, bem como a sugestão de atividades sobre o tema. O conteúdo está localizado no capítulo 10, intitulado “Regências: a Unidade ameaçada”, no subtópico “As rebeliões regenciais”. A temática da Balaiada se encontra em duas páginas e desenvolve a perspectiva motivacional do conflito em relação às imposições do Império. Além disso, também aborda um pouco sobre a presença dos “líderes”, com as representações imagéticas das estátuas do vaqueiro Manoel Francisco dos Anjos (O Balaio), e da figura da resistência negra Cosme Bento (Negro Cosme), ambas fotografias tiradas do Memorial da Balaiada, também mencionado no corpo do texto.

Em sua versão de divulgação PNLD versão para professores, temos a sugestão de fontes e textos acadêmicos para enriquecer o debate sobre os diferentes sujeitos revoltosos. A fonte audiovisual “Revolta da Balaiada” é uma das sugestões, um pequeno documentário presente no *YouTube*; O texto de apoio de José Murilo de Carvalho “A construção nacional” também é uma das sugestões para auxiliar no processo de ensino da Balaiada, sobretudo em relação à perspectiva conservadora da revolta, elencando pontos do jogo de interesses entre liberais e conservadores.

Além dos debates sobre a presença/ausência do conteúdo sobre a Balaiada no livro de História da turma do 8º ano, em seguida foram realizadas as análises da fonte principal, a história em quadrinhos “Balaiada – A Guerra do Maranhão”, de Iramir Araújo. O processo de análise aconteceu em duas perspectivas: 1) observação²⁴ textual e 2) observação visual. Assim,

²² Texto produzido pelos historiadores Elizabeth Sousa Abrantes e Yuri Givago Alhadeff Sampaio e divulgado no site Café História, projeto que seleciona artigos de diversas temáticas históricas e foi idealizado por Bruno Leal (2008).

²³ Paradidático produzido pelo historiador Yuri Givago Alhadeff Sampaio em 2018. Tem como finalidade apresentar a experiência popular do movimento da Balaiada utilizando-se de fontes diversificadas direcionadas aos estudantes e professores.

²⁴ O termo foi utilizado aqui com fins didáticos apenas para facilitar a divisão dos grupos na etapa de análise, o que indica um processo de averiguação, não somente de observação.

a turma dividiu-se em dois grandes grupos compostos cada um com 09 integrantes, distribuindo assim os dois volumes da HQ. Vale ressaltar que a atividade aconteceu em duas aulas seguidas e os resultados foram divulgados na plataforma digital *Padlet*²⁵.

A HQ tida como uma fonte história prestes a ser analisada requer alguns métodos e abordagens didáticas para auxiliar nesse processo. Dessa maneira, fez-se necessário, em um primeiro momento, compartilhar os métodos didáticos de como interpretar uma HQ. Segundo Alexandre Barbosa et al (2022, p. 112), “apesar de sua especificidade, o trabalho com quadrinhos em aulas de História requer alguns dos procedimentos utilizados na leitura de outro material”. Por isso, algumas perguntas devem ser feitas ao documento histórico: Quem é (ou quem são) o autor (autores)? Quando e onde foi produzida? Por quem fala? A quem se destina? Qual é a sua finalidade? (BARBOSA et al, 2022). As respostas a essas questões foram debatidas a partir do material que era viável naquele momento, ou seja, presentes dentro da própria sala de aula. Com o apoio do livro didático, da HQ e de uma folha extra com algumas informações sobre ela, os estudantes encontraram as respostas e, em casa, compartilharam via *Padlet* seus respectivos dados.

A HQ “Balaiada – A Guerra do Maranhão” é de autoria do historiador Iramir Alves Araújo e foi lançada em sua primeira edição no ano de 2009. Iramir Araújo nasceu em São Luís, em 1962, é historiador e Mestre pela UFMA. Também atuou como artista gráfico e roteirista, além de ter colaborado no Jornal O Estado do Maranhão, no qual lançava alguns quadrinhos. Em 2007 lançou a HQ “Corpo de Delito”, inaugurando sua entrada no ramo de ficção policial. Além disso, produziu vários quadrinhos destinados à educação, como “Gatos Pingados”, “Os viajantes do pão do tempo” e “O misterioso segredo”. Em 2012, logo após o lançamento da HQ A Guerra do Maranhão, Iramir lançou “Ajurujuba”, HQ que conta a história da fundação da cidade de São Luís.

O trabalho por trás da parte artística da HQ foi feito pelo publicitário Alberto Nicácio e pelo ilustrador Ronilson Freire Martins. Alberto Nicácio também publicou algumas tirinhas no Jornal O Estado do Maranhão e também a Revista em quadrinhos intitulada “A lenda da carruagem encantada de Ana Jansen” (2006). Alberto fez parte do projeto “MSP+50” (Maurício de Sousa por mais de 50 artistas) e também já atuou como ilustrador de animações de curtas-metragens, como “A Ponte” (2011). Já Ronilson Freire começou a ilustrar revistas, jornais sindicais e livros infantis a partir de 1992. Nos anos 2000 publicou suas primeiras HQs independentes, tais como “Metal Pesado” e “Fêmea Feroz”. Foi no ano de 2007 que começou

²⁵ Plataforma digital para a criação de murais interativos e colaborativos. Foi utilizado nesta pesquisa como forma de atividade extrassala.

a produzir quadrinhos de forma profissional, destinados ao mercado norte-americano, o qual foi agenciado pelo estúdio *Glass House Graphics*.

Nota-se, dessa maneira, que a abordagem em torno da autoria do quadrinho analisado concebe importância histórica, artística e comercial. A responsabilidade de Iramir Araújo para com a criação do roteiro se faz importante uma vez que ele é formado em História, apesar de que, nas pesquisas durante a aula-oficina não foi possível buscar informações específicas de quais áreas o historiador foca. Ademais, na contra capa da própria HQ há uma nota de opinião da Revista de História da Biblioteca Nacional (2009) discutindo que “foi possível refletir sobre o sacrifício daqueles que lutaram – e o dever dos que ainda lutam – pela libertação do Maranhão”, demonstrando a importância do apoio bibliográfico dos autores (as referências se encontram nas páginas finais da HQ), juntamente com as ilustrações precisas, tendo em vista que “a inexistência de gravuras ou pinturas produzidas à época, não foi um obstáculo para os autores do álbum”.

O profissionalismo por parte da dimensão gráfica de “A Guerra do Maranhão” é sustentado nas informações de seus ilustradores. As experiências de Nicácio e Freire com animação, quadrinhos amplamente divulgados em revistas e jornais, passando pela elaboração e criação de roteiros próprios, estabeleceu um nível de responsabilidade para com a representação gráfica da Balaiada em quadrinhos. A textura, os traços e os balões são minimamente pensados levando em consideração suas finalidades representativas. Vale a pena frisar a informação de que, tanto o roteirista, quanto os ilustradores, se apoiaram nas referências bibliográficas sobre o conflito para divulgarem sua arte levando em consideração as exigências da História.

Dessa forma, esta informação se une a de que Iramir Araújo, segundo já comentado, teve muitas de suas obras, incluindo a fonte aqui analisada, destinadas à educação. Ou seja, é uma obra destinada para estudantes e simpatizantes da área que queiram conhecer ou ampliar seus conhecimentos sobre a História da Balaiada. Essa discussão abriu o debate sobre a História Pública²⁶. De que maneira o conhecimento histórico tem que ser divulgado e por quais passos? A intenção do público da HQ Guerra do Maranhão pode ser estendida, uma vez que não é apenas uma fonte histórica, mas uma história. Nesse sentido, por quem a HQ fala? Mesmo de forma inconsciente, toda história em quadrinhos reflete valores, visões de mundo ou ideologias,

²⁶ Campo teórico da História que envolve discussões historiografias dentro das novas linguagens digitais. Segundo a ótica de Malerba (2017, p. 10) “Os historiadores não simplesmente divulgam o conhecimento para o público, mas devem trabalhar em conjunto com as pessoas comuns”. Ou seja, além de ser um conhecimento de divulgação nas redes, também se manifesta como um campo de estudos colaborativo entre produtores e consumidores de tais conteúdos.

podendo o autor expressar uma posição pessoal ou, em caso de obras encomendadas, o pensionamento político da editora responsável pela publicação. Nota-se, portanto, que a HQ maranhense infere valores ligados à formação acadêmica de seus autores, o que fica perceptível pela dimensão crítica jornalística, relacionando-se à perspectiva popular e história de Iramir Araújo, o qual bebe em pesquisadores da Balaiada que tentaram, a sua maneira, investigar o conflito pela ótica dos vencidos, ou “os de baixo”.

Em seguida, além das perguntas feitas ao documento, a análise em torno da HQ também pode ser executada levando em consideração o processo da semiótica. O método do “quadrado semiótico”, de Eric Landowski parte das observações das posições dos sujeitos inseridos na imagem, ao mesmo tempo em que interagem entre si. É a partir dessa interação (ou não) de sujeitos que o discurso semiótico é percebido, destacando o grau de visibilidade dos elementos incluídos na tela (CAIXETA, ARRUDA, p. 201-202). Dessa maneira, foi analisado a posição de vários personagens e o que estes estavam representando na narrativa da HQ, sobretudo enfatizando abordagens de classe, raça e gênero.

A começar pela capa, já mencionada anteriormente, esta comporta – também em sua contracapa – o ambiente no qual o conflito regencial se apoia: na mata. Combatentes fardados enfrentam os chamados “rebeldes”, que, em maior quantidade, compõem a massa de vaqueiros, escravizados e camponeses, os quais seguram suas armas, brancas e de fogo. Suas distinções étnicas e sociais são nítidas principalmente pela representação das roupas: os soldados com o fardamento azul e chapéus bem posicionados na cabeça, enquanto os escravizados são representados sem camiseta, apenas com calças brancas; já os vaqueiros e camponeses também portam chapéus de palha, todavia vestem roupas surradas, indicando a atividade de seus trabalhos. Na capa, portanto, percebe-se a tentativa dos ilustradores de demonstrar a diversidade étnica da Balaiada, dando destaque não apenas a um grupo de revoltosos, mas vários, os quais juntos representam as 12 mil pessoas que se rebelaram contra o Império.

Ao longo de suas 84 páginas, o quadrinho representou três narrativas sobre a Revolta da Balaiada (1838-1841), ambientadas em vários locais – incluindo Piauí –, alternando-se entre perspectivas políticas e sociais. Os dois grupos de alunos, já em processo de análise, foram orientados para se atentarem aos discursos das falas encontradas nos balões e associar o texto à potencialidade visual da obra. Em um dos momentos introdutórios da obra, o narrador expõe que “esta é a história de uma luta fratricida que sangrou a província do Maranhão, a do Piauí e a do Ceará [...] ela é narrada de várias formas, conforme quem a conta” (ARAÚJO, 2009, p. 08).

O quadrinho começa com as estratégias de invasão do vaqueiro Raimundo Gomes à prisão da Vila da Manga, o qual liberta alguns de seus companheiros forçadamente presos pelos comandantes locais. Na maior parte de suas aparições, Gomes tem suas feições rígidas, sustentadas por suas rugas na testa e bigodes lisos compridos e com seu chapéu amarrado ao seu pescoço. Seus companheiros, por sua vez, a maioria sem camisetas e estirados no chão da prisão, foram libertos e se juntaram dando início a uma revolta que reuniria diversos sujeitos, por diferentes razões. No decorrer da narrativa, Gomes aparece mais vezes em embates corpo a corpo contra fazendeiros cabanos, enquanto reúne os revoltosos para chegarem até a cidade de Caxias.

Logo após mostrar a libertação dos homens na prisão, é nos apresentado a figura de Negro Cosme, o qual ao longo da HQ, sugere ser um líder importante na luta abolicionista. Interessante destacar suas duas representações: nas páginas 10/11, Cosme Bento aparece trajado com adereços afro-brasileiros na cabeça, indicando o potencial religioso (um grande guerreiro filho de Ogum) que perpassa por toda a história. Já nas páginas 52/53, Cosme é mais “humanizado”, conhecido por muitos negros fugidos como aquele que traria suas liberdades. Nesses quadrinhos especificamente ele indaga os motivos de Raimundo Gomes quer se unir a ele, todavia demonstra desconfiança ao afirmar que a luta de Gomes não é contra a escravidão, mas sim apenas contra os portugueses.

A ambientação do quadrinho se passa na mata e também em vilas e cidades. Em meio à mata dos cocais, às árvores do cerrado do centro-sul se encontram vielas que interligam quilombos às vilas, vilas às grandes casas da elite rural maranhense. As casas de barro e com cobertura de palha são representadas como as moradas dos seguidores de Dom Cosme, como presente na página 10; os casarões também aparecem na história, sendo apresentados como uma infraestrutura alta e sofisticada à época, como mostrado na página 11. Ademais, é válido identificar a caracterização da “Lagoa Amarela” (página 52), local de reunião de negros aquilombados sob liderança de Cosme. Em meio à mata de cocais possui em torno de cinco casas de barro, próximas umas das outras, e mais ao fundo uma casa maior. Homens e mulheres pescando, lidando com o plantio e o transporte de cargas. Por mais que o ângulo desse quadrinho não foque nesses sujeitos, mas pelo traço cuidadoso, é possível identificá-los pelos acessórios, vestimentas e, claro, suas atividades, normalmente associadas às condições sociais da época.

Em grande parte do quadrinho, o embate político entre os grupos conversador (cabanos) e liberais (bem-te-vis) é mobilizado em espaços ditos politizados, geralmente em reuniões em assembleias e/ou prédios dessa natureza. Residentes da capital São Luís/Caxias, deputados,

prefeitos e demais políticos demonstram um padrão: homens brancos, idosos ou de meia-idade, trajados de roupas sociais. É certo que, a HQ desenha esses representantes levando em consideração os seus privilégios, sobretudo seus discursos racistas e meritocráticos naquele contexto, o qual é notório nos balões que denominam os revoltosos de baderneiros ou incompetentes. Por estarem dentro de salas e escritórios, esses personagens têm suas faces tranquilas, apesar de que preocupados com a chegada dos balaio, a primeiro momento na cidade de Caxias. Todavia, é uma preocupação que é compreendida como contornável, uma vez que se tem a opção do envio de tropas da capital do império até à província do Maranhão.

Algumas questões recorrentes na HQ chamam atenção não estritamente ligadas à Revolta da Balaiada, mas que são inseridas no contexto escravocrata do Brasil do século XIX. O processo de abolição durante o Império aparece no quadrinho retratando a resistência na fuga das fazendas, e posteriormente nos quilombos; nas fazendas, é típico encontrar a narrativa de subjugação e violência contra os negros, como exposto na página 18. A punição para aqueles que tentavam fugir das fazendas sempre esteve presente nesse contexto, principalmente para delimitar a inferiorização dessas pessoas. No quadrinho, um dos personagens está sofrendo com uma punição conhecida como o “Curativo”, uma mistura composta de pimenta e fezes humanas e de animais, além de água e mastruz. Assim, os escravizados eram obrigados a beber enquanto são presos nos mastros, levando chibatadas e posteriormente passando sal nas costas para “cicatrizá-los”.

Nesse sentido, não é apenas a faceta de sofrimento por parte dos escravizados que é representada no quadrinho, mas também os atos de resistência. Diferentemente do que muitos ainda pensam, a luta pela abolição não pode ser limitada à implementação das leis. Por mais que estas tenham sua importância, o movimento de reação da população negra contribuiu vigorosamente para a que a escravidão enfraquecesse no Brasil. Dessa maneira, além do protagonismo de Dom Cosme no quadrinho, os atos de resistência não se limitam a ele, uma vez que seus próprios seguidores atuam na luta pela liberdade ao enfrentar a elite rural, mostrando estratégias religiosas (o batuque é um elemento que aparece na história), com o culto aos Orixás, tanto quanto práticas, no caso da fuga dessas fazendas e na criação de grupos de luta nos quilombos.

O embate dos vaqueiros liderados por Raimundo Gomes se apoia na narrativa pela busca por direitos segundo a Constituição da época, o qual era contra a Lei dos Prefeitos. Seus seguidores aumentavam cada vez que chegava em uma nova vila, reunindo camponeses e ex-escravizados. Sua liderança ficou muito mais forte quando identificado o líder Balaio que se intitulava como um “bem-te-vi”, ou seja, adepto às ideias liberais. Suas tropas são apresentadas

na HQ sempre em atividade, portando armas brancas (e de fogo), a cavalo ou a pé. Nos ângulos de plano geral, os balaios aparecem de maneira sutil diante das empreitadas de Caxias. Em um dos quadrinhos, Gomes recebe uma carta dos liberais caxienses e, usando seu cachimbo, escreve na carta com uma pena num pequeno tamborete, a mesma endereçada ao local de origem por um de seus companheiros, montado a cavalo.

Por se tratar de uma Revolta, a violência é algo muito presente na HQ, mas representada de forma moderada. Trazemos agora uma das narrativas da gota d'água para o início da Balaiada, uma segunda versão da entrada de Raimundo ao levante. Ao chegar em sua casa simples constituída de barro, encontra as duas filhas violentadas à beira da morte. O suspeito seria um dos generais que recrutava, de forma forçada, alguns jovens da região para a Marinha. O oficial é representado num pequeno quadro, com um olhar aterrorizante invade a pequena morada e encontra as duas garotas. Estas por sua vez, são retratadas uma abraçada à outra, como vítimas. Já no próximo quadrinho, Balaio aparece e, furioso, promete realizar a vingança.

Esta versão de causa nos permitiu refletir sobre a presença feminina na HQ. Sem surpresas, temos sim mulheres e garotas representadas na obra, mas pouquíssimas vezes. Suas aparições vão de encontro à situação analisada no parágrafo anterior. Geralmente são mulheres que se encontram em situação de vítimas, em cenas violentas ou cenas de ambientação, muitas vezes desfocadas. Ao longo das artes sequenciais, temos em torno de nove (09) figuras femininas, distribuídas em esposas de políticos, mulheres quilombolas e camponesas exercendo algum trabalho dentro ou próximo de moradias. Dessa maneira, é possível inferir, que além dos elementos iconográficos, a análise pode se estender a uma questão de presença histórica das mulheres na História da Balaiada e na História, num contexto geral.

Outro ponto destacado na análise foi a aparição dos animais e como estes enriquecem o contexto histórico da realidade maranhense do século XIX. Por toda narrativa, os cavalos são os mais presentes, uma vez que eram a principal forma de locomoção da época, possibilitando a reunião de vários balaios na região centro-sul maranhense e piauiense. Ainda, o gado também é encontrado nos quadrinhos nos ambientes de plantio das pequenas vilas, servindo ou como auxílio de carga, ou como criação. Alguns animais especificamente aparecem uma vez, como a coruja e o cachorro. A primeira é desenhada na página 54, a qual é caracterizada como um sinal de mau agouro para os revoltosos e, por conta da onomatopeia (o som da ave), é perceptível a noção de ambientação, uma vila no meio da noite e bastante silenciosa. Já o cachorro aparece na página 47 em pleno embate entre os moradores de Caxias e os grupos de balaios que acabaram de chegar ao local. Nesse contexto, o animal é morto e servido de alimento para os combatentes, indicando a falta e a não distribuição de alimentos.

Os momentos finais da guerra foram representados de forma rápida, mas de uma maneira bastante reflexiva. A resistência do grupo liderado por Dom Cosme se sustentou por bastante tempo – impressão indicada pela própria HQ ao implementar as falas de resistência em meio ao embate. Negro Cosme é representado pelo seu julgamento, encostado na pequena janela de uma cela com barras de ferro, de cabeça baixa. Em seguida, o episódio de sua condenação à morte pela forca foi representado, cercado por soldados e figuras religiosas, Negro Cosme, descalço, mãos amarradas para trás e sem camiseta, chega até o local cabisbaixo. A cena do enforcamento foi desenhada em um plano pequeno e distante, sem muito foco, mas deixando claro o momento de execução de sua sentença. O fim do líder Raimundo Gomes foi desenhado seguindo a versão de que ele foi obrigado a se entregar. Em um plano de foco, Gomes é acurrulado sendo apontado para si várias armas de fogo, sendo capturado rapidamente. Posteriormente, a arte sequencial expõe o navio em que o vaqueiro fora levado para São Paulo, uma grande embarcação a vapor. Por fim, através dos balões é informado que Gomes não chegou ao seu destino vivo e que as circunstâncias de sua morte ainda são misteriosas. Toda a explicação é mantida levando em consideração a mesma ambientação do navio e do mar.

A análise da HQ Guerra do Maranhão foi muito importante para entender, por várias óticas, como a narrativa da Balaiada abarca questões daquele contexto, mas também pontos do tempo presente, envoltas em processos criativos de percepção textual e visual, juntas. Grande parte dessas percepções foram socializadas na turma através de uma roda de conversa, se atentando a personagens, ambientes, estratégias e suas representações, como mostrado nos parágrafos anteriores. Vale ressaltar que a análise proporcionou um momento de aproximação entre conteúdo e aluno, tornando possível alargar os horizontes em torno da Revolta da Balaiada, contribuindo não apenas para seu entendimento, mas compreender de uma forma geral como se deu revoltas brasileiras durante o Brasil Imperial.

4.5 A produção das tirinhas “BALAYÔS”

Na reta final das aulas-oficinas, o maior desafio até então, agora deveria ser colocado em prática: a criação das tirinhas pelos estudantes. De certa maneira, os alunos já possuem uma ampla visão de como boa parte do universo linguístico e artístico das histórias em quadrinhos funciona, o que facilitou para que colocassem a mão na massa para produzirem suas narrativas expressas por balões e personagens, desenhados à sua maneira. Como pontapé inicial, foi sugerido que os estudantes novamente se dividissem em duas equipes: Equipe de Arte e Equipe de Enredo. Cada um escolheu a equipe que mais se identificava, ou seja, aqueles que possuem

mais habilidade para a criação de desenhos escolheram a Equipe de Arte, enquanto os interessados em recriar as histórias da Balaiada optaram pela Equipe de Enredo.

A orientação para que fossem criadas tirinhas foi algo já exposto desde o começo à turma. Levando em consideração algumas diferenças e semelhanças cruciais, as tirinhas como modalidade de uma HQ, são mais rápidas de serem elaboradas, mas que esta rapidez não indica algo feito de forma simples, pelo contrário, demanda mais atenção ao formular muitas ideias em poucos espaços. Nossas tirinhas foram elaboradas em quatro (04) aulas, seguindo a seguinte ordem: 1) Processo criativo; 2) Rascunhos; 3) Revisão; 4) Finalização. Na primeira etapa aconteceu a escolha do nome da série de Tirinhas, personagens e roteiro; na segunda etapa tivemos o momento de rascunho das dez (10) tirinhas; Na terceira etapa foi realizada a revisão da ortografia, ideias históricas e furos de roteiro; Na última e quarta etapa foi, enfim, concretizado a coloração e digitalização das tirinhas em suas versões finais.

A começar pelo nome da série de tirinhas, foi escolhida pensando em manter o nome da revolta, porém fazendo algumas alterações em sua grafia: “BALAYÔS”. Diferentemente do que se faria normalmente, as tirinhas foram feitas sobre a Balaiada, mas não diretamente dentro de seu próprio contexto. A ideia foi justamente fazer o jogo de temporalidades, ao trazer personagens de nosso tempo e que mais se identificassem com os alunos, juntamente com elementos fictícios embricados por narrativas históricas da Balaiada consideradas “reais”. E foi aí que surgiram Hellen e José. Ambos estudantes da Escola Eliza Moreira Ferraz, 13 anos e moradores da cidade de Formosa da Serra Negra. Os dois personagens convivem juntos, tanto na escola, quanto em locais públicos da cidade porque ficaram responsáveis por elaborar apresentações sobre a Balaiada, mas não imaginavam que logo ficariam muito envolvidos com a revolta sem saber que algo ou alguém os controlava.

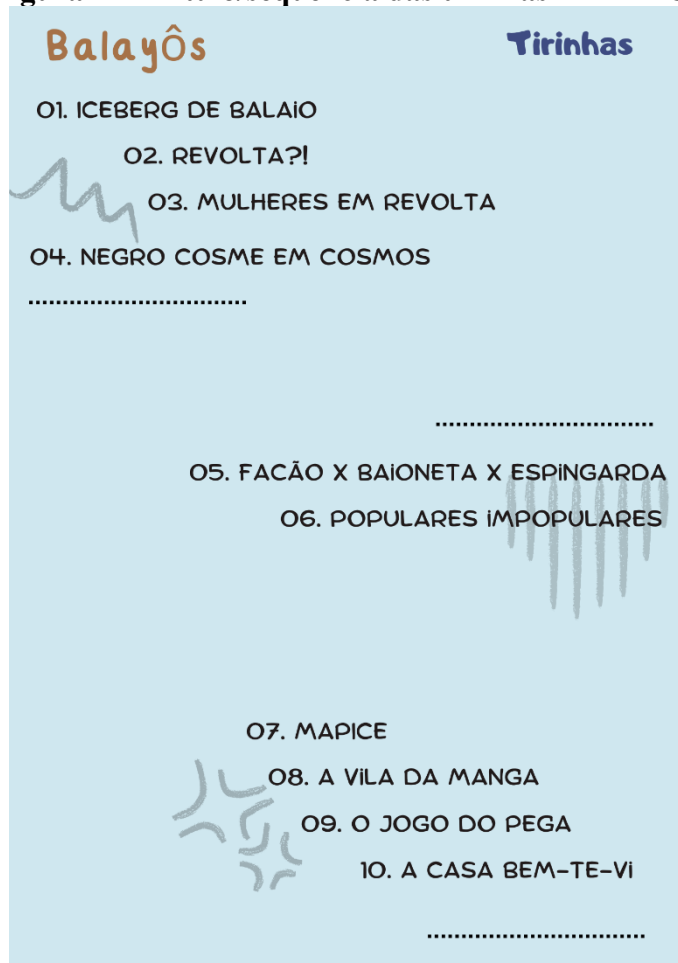
Figura 10 – Pôster dos personagens da tirinha BALAYÔS



Fonte: Acervo do autor, 2023.

A figura acima traz um pouco do processo criativo para a criação das tirinhas, apresentando os personagens em seus devidos traços. Como as tiras foram feitas por alunos diferentes, com estilos de traços diferentes, o padrão dos protagonistas Hellen e José mudaram ao longo da série, mas que representam os mesmos sujeitos em todas elas. Sendo assim, abaixo estão os nomes e dados a todas as dez (10) tirinhas. Para enfatizar cada tema dentro da Balaiada, optamos pela inserção do título em cada uma, seguidas de uma ordem, não necessariamente a ser seguida.

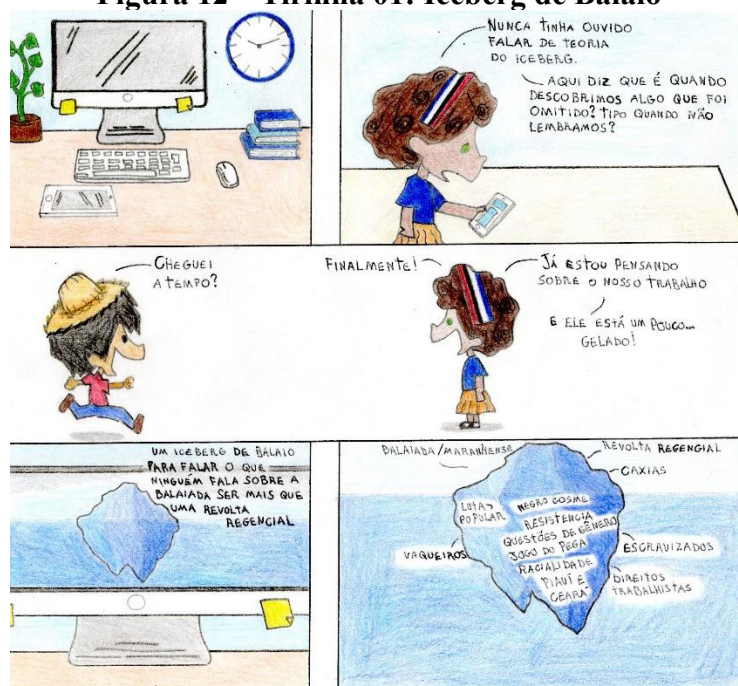
Figura 11 – Título/sequência das tirinhas BALAYÔS



Fonte: Acervo do autor, 2023.

A seguir listamos as dez tirinhas Balayôs produzidas durante as aulas-oficinas. Vale ressaltar que os apontamentos sobre cada uma é uma junção das experiências realizadas em sala, mas que também apresentam seu potencial didático para lecionar acerca da Balaiada no Ensino Fundamental. Desse modo, realizamos uma breve descrição da tira, e, posteriormente, apresentamos qual temática a tira tem como proposta pedagógica.

Figura 12 – Tirinha 01: Iceberg de Balaio



Fonte: Acervo do autor, 2023.

A tirinha 01 é intitulada “Iceberg de Balaio” e funciona como uma breve introdução à série Balayôs. A princípio, a linguagem visual da tira é composta apenas por um plano dividido em cinco quadrinhos, sendo o terceiro em maior extensão. Poucos elementos além dos dois personagens são coloridos, mas o enfoque gráfico da primeira tirinha foca na figura do iceberg, além, claro da apresentação rápida de Hellen e José.

“Iceberg de Balaio” recebeu este nome por influência de uma tendência de disseminação de informações no mundo digital, a “Teoria do Iceberg”, e à temática histórica, com os cestos conhecidos por balaios. Em seu quarto, a protagonista Hellen está em uma tentativa de pesquisar sobre a temática da Balaiada pelo seu computador de mesa. Em seguida, descobre a tal Teoria do Iceberg pela própria internet, uma noção que apresenta ideias do senso comum na parte superior da grande formação de gelo, enquanto embaixo, onde geralmente se encontra uma maior quantidade de gelo do iceberg, as interpretações “invisíveis” aparecem para compreendermos as outras versões dessa ideia principal.

Nesse sentido, puxando para uma abordagem histórica, é perceptível que a Teoria do Iceberg desenhada na tira representa o que comumente os estudantes lembram quando ouvem falar sobre a Revolta da Balaiada, bem assim como que aprendem após ter contado com outras fontes e interpretações a seu respeito. No último quadrinho, percebe-se o ângulo totalmente focado no Iceberg, sendo na parte de cima algumas ideias comuns aparecem: “Revolta Regencial”, “Caxias”, “Do Maranhão”. Ou seja, locais e termos muito citados ao se ouvir sobre

o conteúdo. Já na parte inferior do iceberg, termos como “Resistência”, “Racialidade”, “Piauí e Ceará”, “direitos trabalhistas”, “Negro Cosme” dão a ideia de que a Balaiada é muito mais que uma revolta regencial maranhense, incorporando elementos conceituais ao debate ao se ensinar História.

Figura 13 – Tirinha 02: Revolta?!



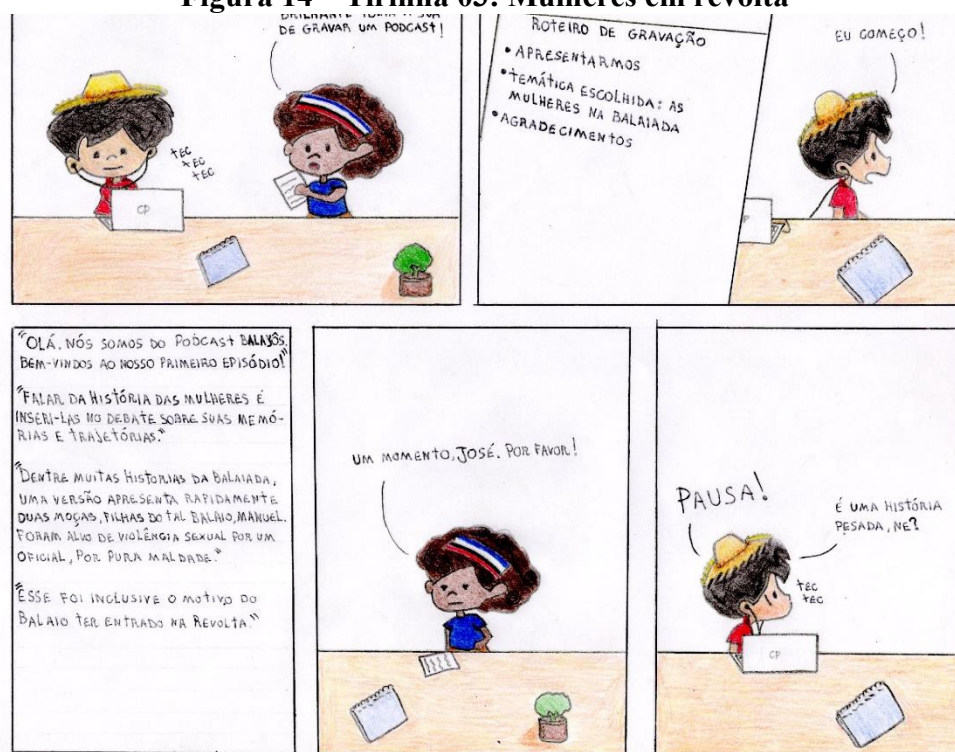
Fonte: Acervo do autor, 2023.

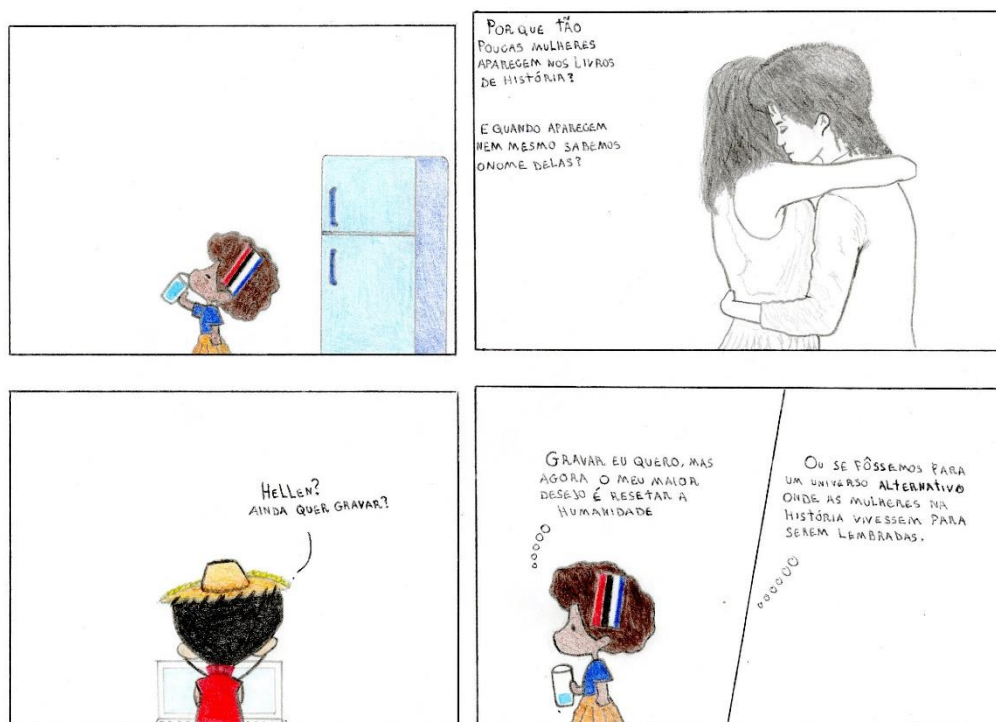
A Tirinha 02 tem como título “Revolta?!” e foi criada para também possibilitar um debate conceitual. A narrativa é contada de forma rápida e simples no decorrer dos cinco quadrinhos. Aqui Hellen vai até a casa de José e se depara com seu colega escrevendo e estudando com auxílio de uma lousa. Impressionada pelo acesso ao quadro, Hellen acaba ouvindo de José algumas dúvidas que ele tinha sobre os conceitos da Balaiada. Na lousa está escrito *Revolta x Revolução* e José, pensativo, analisa que até então seu trabalho de História está mais conceitual que o normal. A seguir, José apresenta os argumentos necessários para diferenciar um da outra. O ar cômico da tira se dá nos últimos quadrinhos, quando Hellen

aparece na cozinha conversando com gato de estimação da família e não dá a mínima atenção aos argumentos de seu amigo. Para finalizar, há um jogo com a palavra “Revolta”, quando Hellen afirma que “é revoltante” não saber que seu colega tinha um gato.

A tirinha 02 foi criada pensando em mesclar o debate conceitual e uma linguagem engraçada. O debate sobre Revolta/Revolução é uma discussão muito importante para a compreensão da história dos conflitos, e no caso da Balaiada é imprescindível para captar as primeiras ideias sobre o conteúdo em si. Ainda, vale evidenciar que os argumentos expostos pelo personagem José é apenas uma das muitas possibilidades para salientar as lutas anticoloniais brasileiras e/ou latino-americanas.

Figura 14 – Tirinha 03: Mulheres em revolta





Fonte: Acervo do autor, 2023.

“Mulheres em revolta” é a tirinha de número 03 e surgiu como uma proposta de inserir a versão feminina durante a Balaiada e alçar problematizações a partir disso. Esta tirinha é uma das poucas que foram produzidas em dois planos, ou seja, sendo compostas em sua totalidade por nove quadrinhos.

A história se desenvolve com os dois colegas tentando gravar um *podcast*, enfatizando a presença de recursos digitais em seus estudos, e conseqüentemente, em seu tempo. Hellen e José estão em uma sala, ou um míni estúdio improvisado, sobre a mesa se encontra alguns materiais escolares, e um roteiro na mão de Hellen. Esta por sua vez, começa a ler uma das versões da origem da revolta dos balaios, o ato de violência sexual contra as filhas de Manoel dos Anjos, o Balaio. Porém, o que acontece em seguida é a tristeza de Hellen ao ouvir a história, destacando a questão da sensibilidade, muito comum principalmente com crianças de sua idade. Nos últimos quadrinhos Hellen vai até à cozinha e toma um copo de água para se acalmar e acaba se questionando sobre a ausência feminina na História.

Dessa maneira, a tirinha 03 traz algumas reflexões necessárias para o campo da História das Mulheres e para questões sensíveis. As falas finais da protagonista representam a questão da invisibilidade feminina na história, acometida pelas narrativas metódicas e tradicionais que sempre prezaram por versões masculinas e patriarcais para se contar a História. Nos últimos quadrinhos, por exemplo, a mesma reflete: “Por que tão poucas mulheres aparecem nos livros de História?” e “E quando aparecem nem mesmo sabemos o nome delas?”. Esses

questionamentos vão de encontro para a versão da causa da revolta dos balaios, especificamente com as filhas de um dos líderes, as quais não temos conhecimento sequer de seus nomes. Isso não significa dizer que a importância está plenamente no nome dessas mulheres, mas no que elas contribuíram em sua época, fazendo com que as narrativas se tornem menos masculinas, abrindo espaço para visões de gênero outras.

Figura 15 – Tirinha 04: Negro Cosme em Cosmos



Fonte: Acervo do autor, 2023.

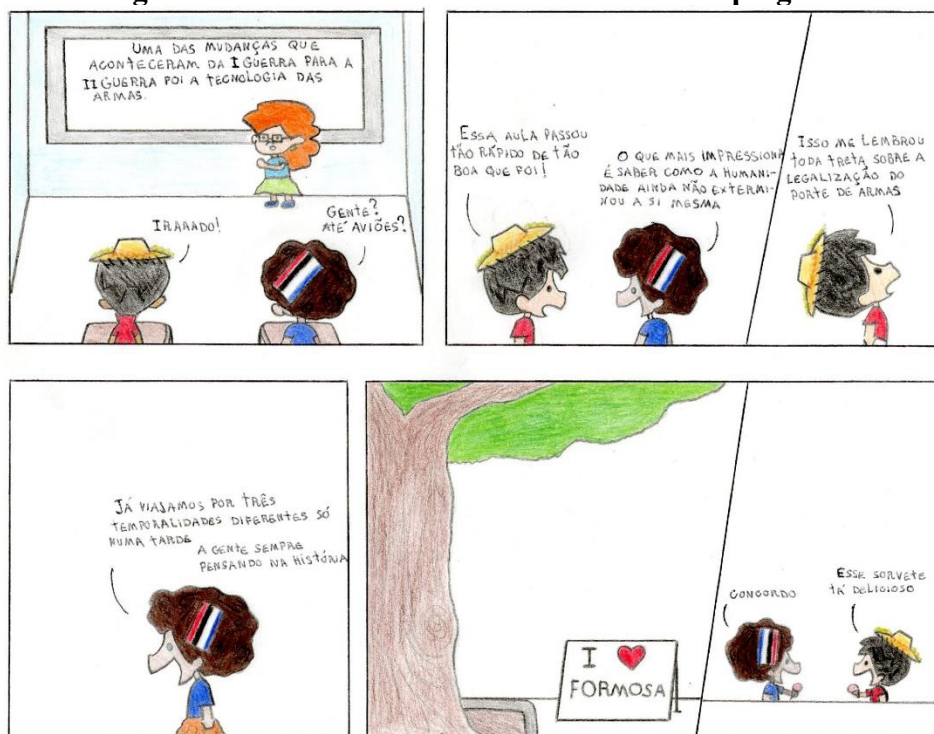
A tirinha 04 é intitulada “Negro Cosme em Cosmos”, e traz o jogo de palavras para oferecer um debate não apenas histórico, mas antropológico. É uma tira simples com apenas um plano, contendo em sua totalidade cinco quadrinhos, os quais receberam pintura. No primeiro quadrinho somos apresentados a uma outra dimensão (não especificada), mas que podemos perceber elementos cósmicos (estrelas, cometas, planetas), simbolizando o universo. No plano central temos, em destaque, o líder Negro Cosme, aqui seguindo um traço inspirado na arte de Ronilson Freire, o qual é representado com adereços de religião de matriz africana.

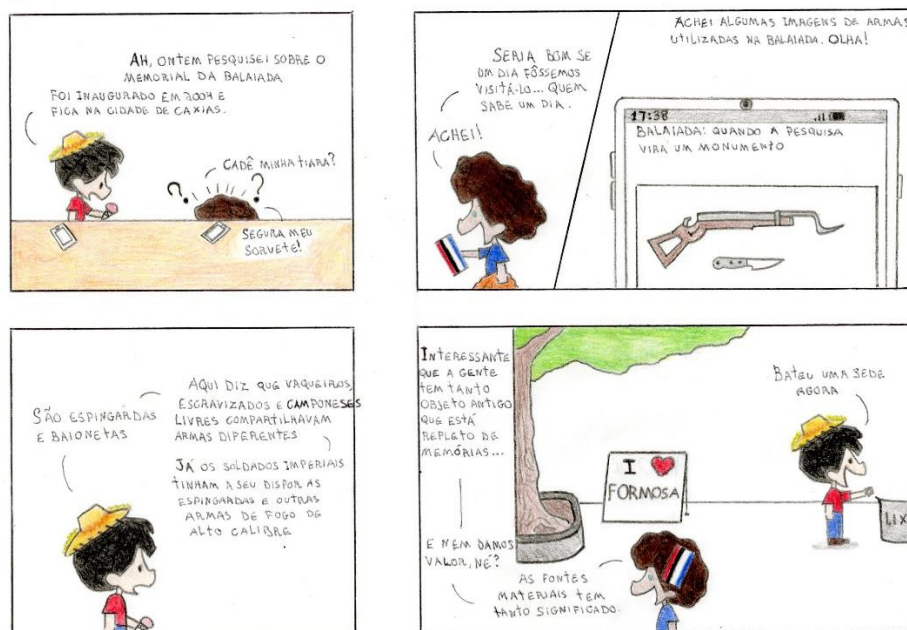
Em seguida, o narrador misterioso responsável pelas muitas falas de toda tirinha aponta para algumas informações sobre a presença do líder negro durante a Revolta e o seu papel. No segundo quadrinho são expostos alguns símbolos que representam sua luta: as algemas quebradas simbolizam a luta antiescravista nas províncias brasileiras do século XIX; o livro

aberto retrata os conhecimentos quilombolas sobre o mundo religioso e também sobre a luta pela abolição; já a prisão reproduz o momento em que Cosme é condenado e julgado pelos “crimes” religiosos e políticos. No terceiro quadrinho nota-se o desenho de uma lagoa amarela, referência direta ao local de encontro de negros libertos/fugidos em que se reuniram junto aos balaios para ajudarem na revolta a partir de seus interesses. Por fim, os orixás também aparecem na tirinha, enfatizando mais uma vez a perspectiva religiosa de Cosme, herança passada através da contação de histórias do povo negro.

Percebe-se, portanto, que a tirinha 04, por mais que seja simples, é recheada de elementos ricos em informações pertinentes para a compreensão racial nas aulas de História. O universo de Negro Cosme pode ser elevado à condição de memória, sobretudo porque ao longo dos anos que sucederam a Balaiada, muitas versões foram criadas em torno da figura de Dom Cosme, como um “feiticeiro”, “analfabeto”, “bandido” e, mais recentemente, como um líder repleto de religiosidades. Além do debate em torno da figura racializada de Cosme, a partir da tirinha é possível trabalhar pontos como o racismo, a luta anticolonial, o processo de abolição da escravidão no Brasil do século XIX por outras óticas além apenas das Leis. Por isso, a resistência destacada nos quadrinhos possibilita externalizar o conteúdo da Balaiada para além do conteúdo, abrangendo discussões de memórias da escravidão/resistência para pensar nas questões do nosso tempo.

Figura 16 – Tirinha 05: Facão x Baioneta x Espingarda





Fonte: Acervo do autor, 2023.

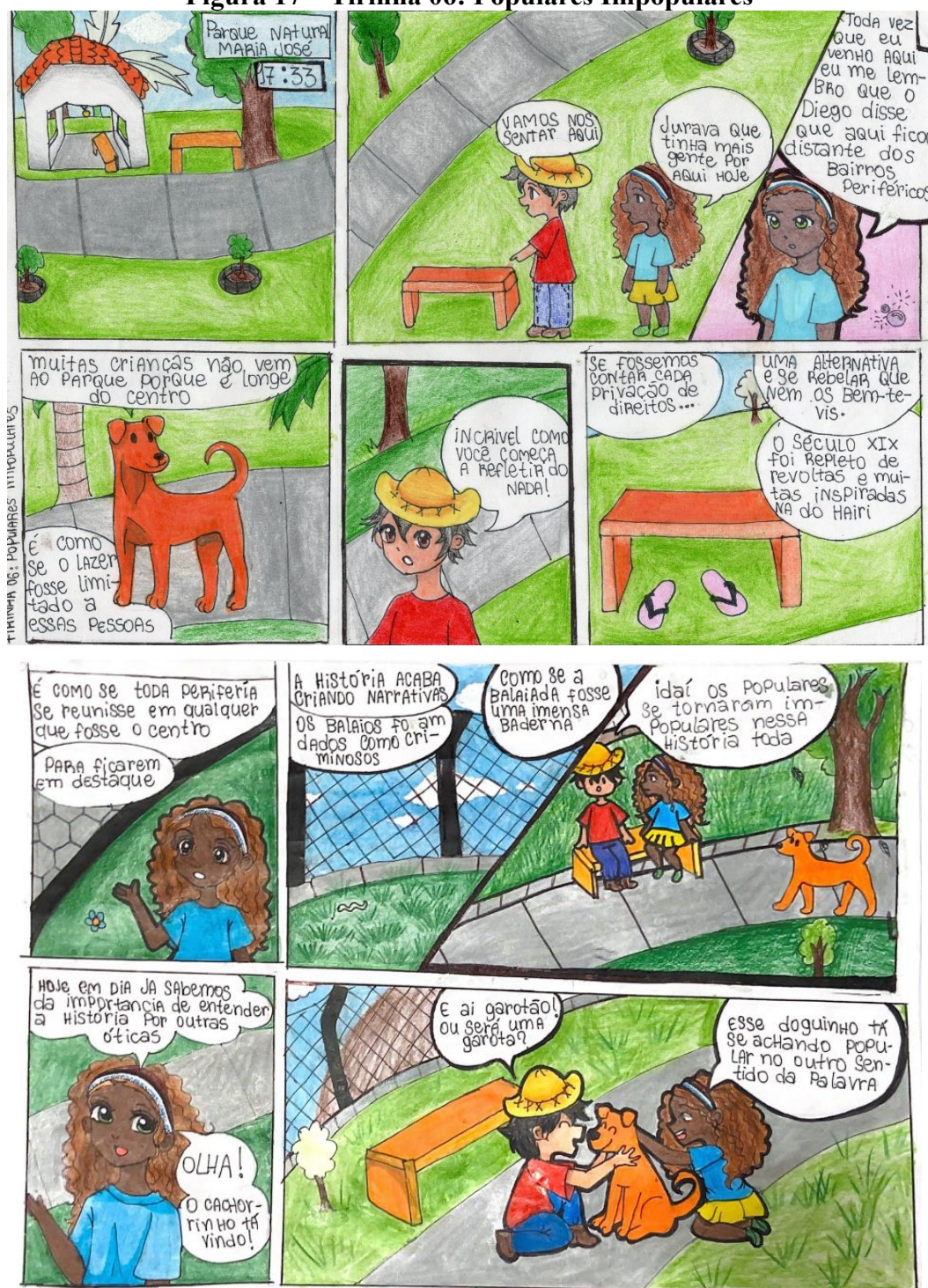
A tirinha 05 traz em seu título os nomes comumente conhecidos de algumas armas. Foi produzida em dois grandes planos, divididos em oito quadrinhos e é rica em ambientação e diálogos. A história começa com Hellen e José numa aula de História na escola Eliza Moreira Ferraz. A aula é sobre pontos importantes da Primeira e Segunda Guerras Mundiais e é dado ênfase a uma das diferenças de uma para outra: o avanço da tecnologia de armas. Impressionados com o novo conhecimento, os dois colegas andam pelo corredor da escola e se lembram do debate sobre a legalização do porte de armas, muito efervescente naquele momento.

Esta tirinha se destaca por inserir áreas de lazer da cidade de Formosa da Serra Negra, escolha dos próprios estudantes para ampliar a ambientação baseada em locais reais. Além da escola Eliza M. Ferraz, a Praça do Tombador, a principal praça da cidade também se torna palco das reflexões da dupla Hellen e José. Nesse sentido, os protagonistas se encontram à tardinha na praça pública da cidade tomando sorvete, e resolvem compartilhar algumas informações sobre o Museu da Balaiada. Com uma breve pesquisa pelo celular, descobrem que no museu muitas armas utilizadas na Balaiada foram preservadas e estão sendo expostas.

“Facão x Baioneta x Espingarda” abre margem para discutir sobre a importância dos museus, as fontes materiais e o porte de armas. O Museu da Balaiada, localizado em Caxias acaba aparecendo na narrativa da tirinha para enriquecer o debate sobre patrimônio dentro e fora da sala de aula. Mesmo não sendo localizado em Formosa, foi possível ter o acesso às fotos internas do prédio via internet, como demonstrado na tira pela representação da ala de armas da

Balaiada. Outrossim, as abordagens históricas em torno dos tipos de fontes também podem ser recorrentes, baseado na tirinha, uma vez que no momento de sua produção foi desenhado, em destaque, as fontes materiais da revolta. Por fim, cabe mencionar a tentativa, mais uma vez, de relacionar as temporalidades. Dessa vez, os personagens mencionam a “polêmica” da legalização do porte das armas pela sociedade, ou seja, abrindo espaço para discutir as circunstâncias políticas do tempo presente.

Figura 17 – Tirinha 06: Populares Impopulares



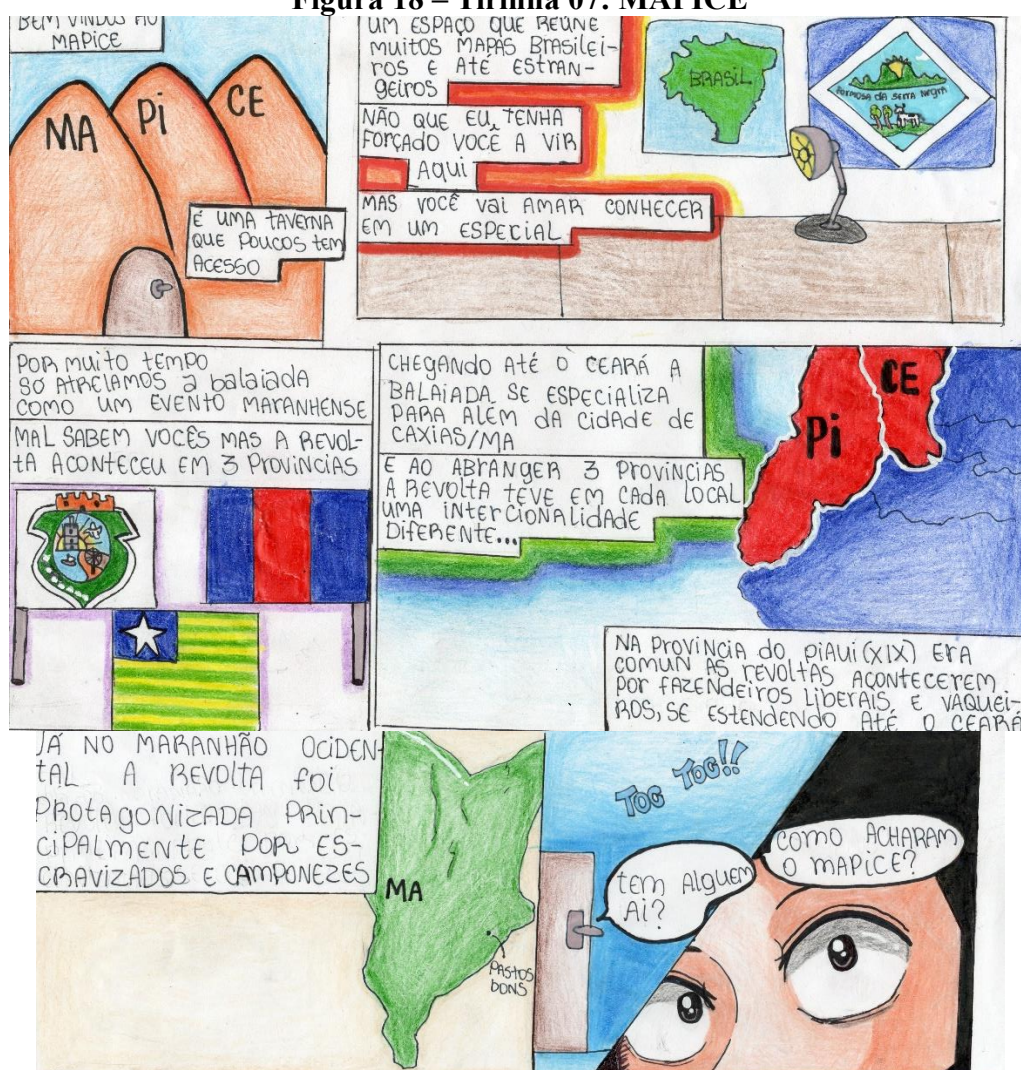
Fonte: Acervo do autor

Os “Populares impopulares”, nome da Tirinha 06, é mais uma tira criada em um plano amplificado, compartilhando uma história com diálogos distribuídos na maior parte de seus nove quadrinhos. Hellen e José resolvem ir até ao parque natural para passarem o tempo, uma alternativa típica de muitas crianças como eles quando o tédio “bate”. Hellen como a boa questionadora que é, se pergunta o motivo do parque estar vazio. Sentados num banco, envolto de muitas árvores e grama, observam o pouco movimento do espaço.

Hellen menciona um novo personagem – até então nunca mencionado –, Diego, o qual lhe disse que pelo fato do parque estar localizado no centro da cidade, muitos moradores dos bairros periféricos não chegam a frequentar o local. Essa pauta os leva a associarem tal problema com as questões sociais do contexto da Balaiada. Nesse caso, cita o nome “baderna” ao mencionar que por muito tempo surgiram versões sobre ela ter sido uma reunião de “baderneiros”. Dessa maneira, faz-se o jogo de palavras do próprio título da tira, os “populares impopulares” seriam os 12 mil revoltosos que, por várias razões, se uniram contra uma série de medidas do governo imperial. O momento cômico da tira fica por conta de um cachorrinho que estava passeando por ali. O famoso cachorro caramelo se junta aos nossos protagonistas, finalizando mais uma breve história.

Os populares impopulares da tirinha, por mais que não sejam representados graficamente, surgem em nossos pensamentos nas aulas sobre Balaiada e outros conflitos parecidos. Na historiografia recente se tornou muito mais comum encontrar pesquisas que estejam ligadas à uma perspectiva popular, ou seja, pesquisadores/as da temática falam muito mais segundo a perspectiva dos vaqueiros, dos escravizados, quilombolas, camponeses, grande quantidade de sujeitos que juntos formaram a enorme massa de pessoas insurgentes à sua maneira. Por isso, a tirinha 06 se torna um possível instrumento para discutir sobre versões únicas dentro da História, sobre grupos revolucionários que tiveram suas pautas invisíveis na História.

Figura 18 – Tirinha 07: MAPICE



Fonte: Acervo do autor, 2023.

A tirinha 07, “MAPICE” é a única tirinha que tem como foco as dimensões geográficas do conflito da Balaiada e apresenta uma narrativa ao mesmo tempo esclarecedora e misteriosa. Sua produção foi realizada em dois planos, porém com menos quadrinhos, apenas seis. Somos apresentados mais uma vez por um narrador-personagem misterioso que nos convida a entrar na “MAPICE”, uma taverna escondida no meio das colinas de muito difícil acesso. Seu ambiente é extremamente sugestivo e mostra a decoração refinada por vários estilos de mapas, antigos e novos, todavia é um espaço com pouca luz. Os últimos quadrinhos são desenhados com o foco nas províncias do MA/PI/CE e como se relacionam no contexto da Balaiada. Ao final da história, uma pessoa misteriosa surge à porta e o narrador se vê num beco sem saída.

A proposta pela criação da “MAPICE” surgiu devido à necessidade de se considerar a dimensão espacial no ensino de História. Assim como outros temas, as interpretações sobre o local da revolta da Balaiada criaram a visão de que esta é unicamente maranhense. Por mais que o palco principal da revolta tenha sido em terras maranhenses, na cidade de Caxias, muitos

sujeitos que se juntaram às tropas dos balaios vieram das províncias vizinhas do Piauí e Ceará. A diversidade dos sujeitos pode ser um ponto de partida para se pensar quais grupos de revoltosos se destacaram em cada província. Na própria tirinha nos é apresentado, sendo no MA, escravizados e camponeses, enquanto no Piauí e Ceará tivemos a ampla participação de vaqueiros.

Figura 19 – Tirinha 08: A Vila da Manga



Fonte: Acervo do autor, 2023.

A tirinha 08 tem como título “A Vila da Manga” e evoca um dos momentos mais conhecidos pela historiografia da Balaiada: o assalto à Vila da Manga e a libertação de presos. Para a produção desta tirinha foi combinado de rascunhá-la em dois grandes planos com ênfase nos diálogos na contemporaneidade e enfatizando o episódio através das reflexões. Os dois planos são desenvolvidos com nove quadrinhos e foram ambientados nos lares dos dois personagens. O processo criativo da tirinha foi executado colocando em prática as “referências”, ou seja, o espaço onde é narrado a história é debaixo de um pé de manga, remetendo assim ao contexto histórico expressado nas falas.

Nesse sentido, “A Vila da Manga” pode promover uma maneira prática e objetiva para tratar da causa da Balaiada, atrelada à compreensão introdutória de território. No primeiro quadrinho, Hellen e José se veem entediados deitados na calçada de casa. Por conta do calor, os dois resolvem ir até o quintal de José, local mais fresco justamente por conta da sombra que o pé de manga fornece. Em seguida, começam a puxar o histórico da invasão à prisão da Vila da Manga, atual município de Nina Rodrigues (MA). Assim, Hellen, que demonstra muito domínio conceitual, discute com José que o episódio é considerado o “estopim”, definido, assim, como “um fato que gera vários outros acontecimentos”. A gota d’água por parte dos revoltosos se deu por uma aversão política, a qual Raimundo Gomes tem seu grupo de vaqueiros presos para prejudica-lo, uma vez que o líder se considerava bem-te-vi, aliado da causa liberal na província. As questões políticas são levantadas até o fim do quadrinho, enquanto José tranquilamente come manga com sal, “prato típico” nos sertões nordestinos.

Figura 20 – Tirinha 09: O Jogo do Pega



Fonte: Acervo do autor, 2023.

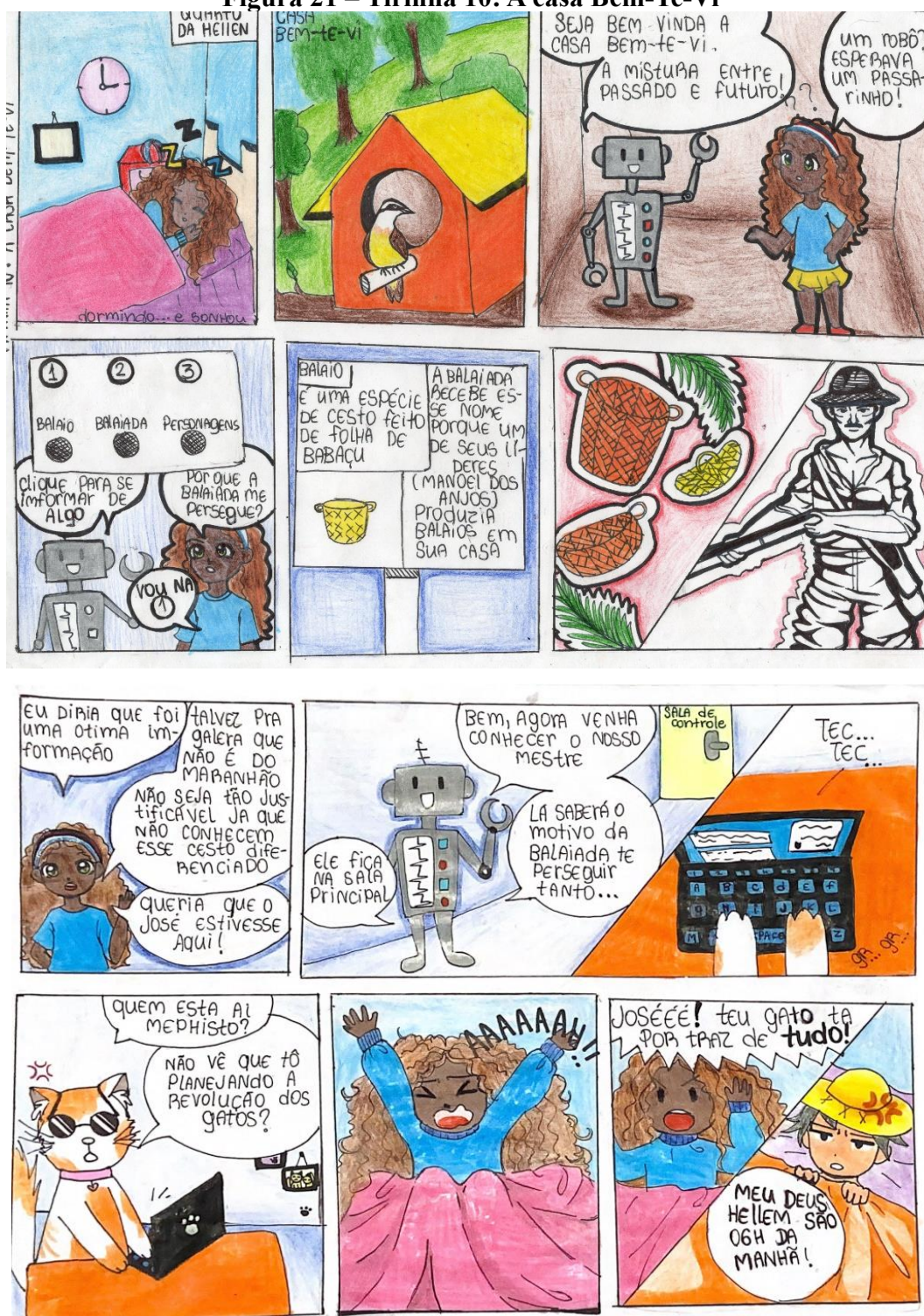
A tirinha “O Jogo do Pega” se alia à anterior também por tratar de um contexto inicial da Balaiada, as fugas de muitos camponeses e/ou negros libertos que tiveram que lidar com o recrutamento forçado na província do Maranhão. Todavia, a tirinha 09 se destaca por representar tais acontecimentos de uma maneira diferente. Ela foi desenhada destacando o espaço da Escola Eliza Moreira Ferraz, em mais uma atividade escolar: o teatro de sombras. A escolha dessa metodologia foi pensada pela equipe criativa por se tratar de uma técnica artística

focada principalmente nos aspectos visuais. As sombras são geradas atrás de um caixa de exposição, esta por sua vez, é iluminada pela parte de trás.

A importância do visual na tirinha foi fundamental para representar sujeitos históricos envolvidos no recrutamento, e que por mais que desenhados na cor preta/cinza para simbolizar a sombra, não atrapalhou o entendimento sobre quem esses personagens representavam, pois a técnica acaba enfatizando os traços e adereços presentes nas sombras. A penúltima tirinha também foi feita em dois grandes planos e foi distribuída em dez quadrinhos. A pintura foi prioridade para o destaque dos personagens em sombra. No primeiro quadrinho somos apresentados às exposições de “Teatro das Sombras”, dando a entender que se trata de um projeto escolar rotineiro. Nossos protagonistas chegam aflitos até à escola com receio de se atrasarem para as apresentações. Com o roteiro em mãos, José e Hellen começam a narrar a história do Jogo do Pega, expressão popular que ficou conhecida pelos moradores do interior da província do Maranhão.

A parte textual (narração) e a parte iconográfica (as sombras) da tirinha a caracterizam como uma tira mais diversificada no que tange à presença de elementos representativos. Os embates entre populares e militares é evidenciando através do domínio por parte do Império, o qual é representado em maior tamanho; um grande navio foi desenhado para simbolizar o destino para onde grande parte dos populares forçados ao recrutamento eram levados, ou seja, para a Marinha; os elementos violentos também foram apresentados através da encenação de sombras, deixando claro que o recrutamento forçado não era apenas um recrutamento, mas uma forma de controle das classes oprimidas naquele contexto, na qual muitas vezes era violento.

Figura 21 – Tirinha 10: A casa Bem-Te-Vi



Fonte: Acervo do autor, 2023.

A última tirinha faz referência ao Partido Liberal, conhecido pela expressão “Bem-te-vi”. A história se passa em uma casa misteriosa chamada “Casa Bem-te-vi”, mesmo nome da tira, e apresenta elementos fictícios juntamente com referências históricas à Balaiada. Com uma narrativa simples, esta foi elaborada em um plano amplo e conta com o total de dez quadrinhos.

A história começa no quarto de Hellen. Imersa num sonho, Hellen se encontra perdida em uma outra realidade e não demora para encontrar a Casa Bem-te-vi. Ao entrar, se depara com uma espécie de robô, o que a surpreende por esperar ver pássaros, e não um androide (sentido cômico da tira). Nossa protagonista já acha todo aquele lugar muito estranho e começa a desconfiar daquela casa. Ao chegar em outro cômodo, Hellen se depara com uma bancada que contém três botões: “balaios”, “Balaiada” e “personagens”. Se perguntando por que o tema “Balaiada” a persegue tanto, e resolve clicar no primeiro botão, “balaios”. Em seguida, é lhe informado que os balaios são uma espécie de cesto, em sua maioria feitos de palhas de babaçu. Também aprende que a Balaiada recebe este nome por causa da grande produção de cestos na região, principalmente utilizados pelos populares.

A narrativa segue apresentando a casa misteriosa que faz referência aos Bem-te-vis, ao mesmo tempo em que expõe as dúvidas da protagonista expressadas através dos balões. Na sequência, o estranho robô resolve apresentar seu “mestre” e garante à Hellen que, ao conhecê-lo, entenderá o motivo da Balaiada estar tão presente em sua vida. Em meio os barulhos de um computador por meio das onomatopeias, Hellen se depara com o gato de estimação de José, planejando sorratamente a “revolta dos felinos”. Assim, Hellen acorda assustada e percebe que tudo foi um sonho e não espera tardar para ir até à casa de José avisá-lo de que tem algo estranho em seu gato de estimação.

A última tirinha foi produzida com a intenção de finalizar a série “Balayôs” dando ênfase na narrativa cômica, com personagens fictícios fundamentais para explicar o que vem acontecendo em todas as outras tirinhas. O ar de mistério por trás da Casa Bem-te-vi é uma referência direta ao poder de persuasão de muitos agentes políticos que agiram durante os desdobramentos da revolta da Balaiada, principalmente por parte dos liberais. A questão de que os nossos dois personagens foram sendo conduzidos a sempre falarem e pensarem a respeito da Balaiada foi explicado, ao final, através de um sonho, mas que deixa claro a tentativa de transmitir ao leitor que as “revoltas” sempre estarão presentes na mente humana enquanto existir desigualdades e senso de justiça.

A produção das tirinhas Balayôs é apenas uma das várias possibilidades para trabalhar com a temática em sala de aula. O Ensino de História da Balaiada deve reunir reflexões sobre seus sujeitos, seus espaços e sua escrita, a historiografia. Dessa maneira, é possível direcionar novos olhares ao campo dos materiais didáticos, uma vez que as HQs podem cumprir o seu papel didático, ao mesmo tempo em que preenche espaço para a complexa tarefa de interpretar e lidar com fontes históricas. O imagético colabora para que os estudantes se sintam mais acolhidos pelas abordagens históricas, muitas vezes limitadas ao texto escrito. Todavia, com o

auxílio representativo das fontes imagéticas, é possível perceber o incentivo e a curiosidade por parte dos estudantes em descobrir o novo e refletir o velho, a partir de seus anseios do tempo em que se expressam.

4.6 Experiências dos alunos no processo criativo das Tirinhas Balayôs

A produção da série de tirinhas foi, com certeza, o passo mais importante para consolidação do que se pretendia desde o início com esta pesquisa: utilizar HQs nas aulas de História da Balaiada. Dessa maneira, cabe neste momento compartilhar as experiências dos estudantes da turma do 8º ano vespertino da Escola Municipal Eliza Moreira Ferraz com você, leitor, uma vez que falar de como foi o processo criativo é dar a devida atenção dos autores criadores das tiras. Toda a execução manual dos quadrinhos foi algo preferencialmente estabelecido em diálogo com a turma, o que gerou um trabalho árduo, porém prazeroso. A seguir, temos alguns relatos de alunos que realizaram falas dos balões, revisão textual das tiras, o processo de desenho/coloração das mesmas, assim como a escolha de personagens, medos e anseios, enfim, um mundo de expectativas de uma turma empolgada com os quadrinhos em suas aulas de História.

Como já explicado anteriormente, a criação das Tirinhas Balayôs passou por quatro (04) processos até sua conclusão: processo criativo, rascunhos, revisão e finalização (digitalização). O processo criativo foi o maior desafio até então segundo alguns estudantes, principalmente porque a tarefa de criar uma história localizada em sua cidade, mas que retratasse uma realidade histórica do século XIX em regiões próximas, e, por isso, foi difícil de unir tais ideias. Tal dificuldade está exposta na fala da aluna A. V.:

Quando o professor falou pra gente que tinha que fazer uma história que tivesse pontos importantes daqui de Formosa e ao mesmo tempo abordasse a Balaiada eu me animei, mas não sabia que iria ser tão complicado de montar uma historinha com começo, meio e fim. Se fosse um evento histórico mais recente talvez fosse mais fácil [...] mas foi bom esse desafio, nós conseguimos criar algo bem interessante, do passado, mas que é atual também (A. V.)

Foi no processo criativo que os estudantes tiveram a missão de selecionar os subtemas da Revolta da Balaiada, ou seja, alguns pontos mais frequentes que apareceram durante a exposição das aulas sobre o tema. Na fala citada acima podemos perceber a preocupação de uma aluna em atrelar duas temporalidades: o seu tempo presente e a Balaiada (século XIX), e

ainda em concluir a série de tirinhas que tivessem de certa forma uma linearidade. A solução para começar a criar as narrativas das tirinhas foi a decisão em conjunto de não incluir os sujeitos da Balaiada como personagens, e sim como pessoas a serem representadas por outras, pelos protagonistas da história. Estes, por sua vez, seriam o elemento de ligação entre passado e presente, ao mesmo tempo em que simbolizaram perfis de sujeitos maranhenses, como exposto na fala de J. P.:

Nosso grupo resolveu criar dois personagens principais, porque é mais interessante pra interagir durante a história. Fizemos o José lembrando de alguns outros personagens como o Luffy de One Piece, porque o chapéu de palha é utilizado por ele, mas como na nossa região também se utiliza muito, daí deu certinho pra colocar esse acessório nele [...] a Hellen nós criamos baseado no perfil da maioria das mulheres maranhenses, cabelos crespos e negra. A tiara foi criada pensando nas cores da bandeira do Maranhão (J. P).

Sobre a “viagem” pelas temporalidades, J. P acrescenta:

A ligação entre passado e presente foi feita pra gente entender que muita coisa que tem hoje, de problemas, revoltas por direitos e outras coisas, não vieram de hoje, vieram bem antes, e a Balaiada foi um exemplo de revolta popular, pela luta de direitos de vários grupos [...] então criamos a história do José e da Hellen como se a todo momento a Balaiada tivesse perseguindo eles, misturando elementos de realidade e ficção nas histórias (J. P).

Algumas temáticas como as da tirinha “Negro Cosme e Cosmos” e “Mulheres em Revolta” significaram para a turma um momento de dar protagonismo a sujeitos que por muito tempo não foram estudados pela historiografia da Balaiada. Essa preocupação gerou narrativas críticas, espirituais e delicadas. A aluna J. N. fala um pouco sobre sua experiência ao participar do processo criativo das duas tiras:

Resolvemos fazer uma tirinha inteira para representar as mulheres na Balaiada. Infelizmente não sabemos muito os nomes das mulheres que resistiram na Revolta da Balaiada para fazer a homenagem, mas como na HQ do Iramir algumas mulheres aparecem como as filhas do Raimundo Gomes, nós decidimos falar da posição da mulher como alvo de violência sexual e de gênero. Na própria tirinha colocamos uma parte em que a Hellen se sente incomodada em falar nessa versão das filhas porque ela como mulher sente bem mais que o José quando os dois estão gravando o podcast (J. N).

Em relação à representação de Negro Cosme, J. N. acrescenta:

A tirinha do Negro Cosme foi importante pra gente pensar sobre as religiões de matriz africana e a sua herança que ainda hoje permanece, principalmente no Maranhão. Na história da Balaiada ele foi por muito tempo representado como algo “maligno”, claramente um preconceito, um ato de intolerância religiosa. Então resolvemos desenhar o Cosme como um líder além do plano terreno, que chegasse no universo, por isso a ideia do “Cosmos”. A gente se inspirou nos traços do Iramir mesmo, porque ele aborda o Cosme como essa influência positiva na luta dos negros maranhenses e piauienses durante a Revolta da Balaiada (J. N).

As narrativas das demais tirinhas também passaram por um processo parecido com as já destacadas anteriormente. Vale mencionar a produção do robô Mephisto da tira A Casa Bem-te-vi, uma alusão clara à influência das inteligências artificiais no contexto educacional. Outro ponto pensado nessa primeira etapa foi a ambientação, ou seja, tivemos a seleção de alguns locais de lazer de Formosa da Serra Negra, da Escola Eliza Moreira Ferraz e locais fictícios, os quais funcionassem como os espaços de interação entre as personagens (Parque Ambiental Maria José, Praça do Tombador, Taverna “MAPICE”, Casas de Hellen e José, Casa Bem-te-vi).

A segunda etapa foi o momento de criação dos rascunhos. Logo depois com as histórias já colocadas no papel, chegou a hora de transferi-las para os balões, e ao mesmo tempo criar as ambientações reais e fictícias. Segundo os alunos, a etapa de desenho não foi tão complicada assim, uma vez que o enredo já estava praticamente pronto em formato de texto (feitos na etapa 1), o que facilitou na hora de encaixar personagens e ambientes em seus devidos quadrinhos. A aluna K. M. compartilhou um pouco de sua experiência com os desenhos:

Os desenhos nós focamos principalmente utilizando lápis normal mesmo, eu mesmo só consigo desenhar se for de lápis. Depois eu passo o contorno com caneta preta ou algum pincel preto fraco, pra realçar o desenho bem. Decidimos que algumas tirinhas precisavam ser mais coloridas, outras nem tanto, só os dois personagens mesmo. Depende do foco que a tirinha vai ter. Não precisa ter também aquela habilidade pra desenho, ver algumas imagens de outros personagens ajuda a gente a fazer os nossos traços que queremos, foi o que eu fiz (K. M).

Os rascunhos foram fundamentais para pôr em prática as HQs oficiais, já coloridas. Esses esboços foram criados como atividade extraclasse, tendo cada grupo se reunido em casa para elaborar mais ou menos o que em cada quadrinho seria feito. Já nas aulas-oficinas, os

rascunhos foram utilizados para fazer as tiras oficiais, em outras folhas tamanho A4. Abaixo temos um exemplo de rascunho da tirinha “Negro Cosme em Cosmos”. Nela, os estudantes colocaram algumas observações como a inserção de sujeitos no quadro, objetos e outros elementos. Muitas dessas imagens foram acessadas remotamente em aplicativos de imagens para servirem como inspiração.

Portanto, de forma geral, as experiências dos estudantes na criação das tirinhas Balayôs foi positiva e desafiadora. No decorrer do processo, os quadrinhos foram criando formas e sendo preenchidos com as narrativas elaboradas também em conjunto. O trabalho em grupo foi fundamental para acrescentar a maior quantidade de temáticas da Balaiada, proporcionando assim momentos divertidos e ao mesmo tempo de aprendizado. Ainda, todo processo criativo favoreceu o reconhecimento das habilidades dos alunos, habilidades estas em escrita, em ortografia, desenhos, pintura, digitalização, entre outras questões técnicas. Sendo assim, mais que o caráter educativo, a produção das tirinhas Balayôs indicaram um caráter afetivo, onde muitos sentimentos foram depositados ali entre sequências de balões e em diálogos entre personagens que falam muito do momento criativo desses estudantes naquele momento memorável em suas trajetórias estudantis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo antes de pensar em ingressar no Mestrado Profissional em Ensino de História, já passava a refletir, diariamente, nos desafios de exercer a minha profissão. A desconfiança não era apenas em unir ensino e pesquisa na nova etapa acadêmica, mas se tornar o professor-pesquisador que precisava, com urgência, aprender a lecionar e pesquisar ao mesmo tempo. Por isso, ainda sinto que todas as dificuldades enfrentadas durante o percurso do Mestrado se mostraram essenciais para me tornar um professor ativo, colaborativo e cada vez mais crítico, buscando não certezas, mas caminhos que possibilitasse a busca por identidades dentro do espaço escolar.

É certo que cada pessoa tem uma trajetória singular, mas tais passos, em algum momento de nossas vidas se entrecortam nas linhas criadas por outras. Minhas incertezas, desse modo, foram sendo esvaziadas ao longo das aulas desta etapa acadêmica, em momentos em que me perguntava sobre qual objeto/temática investigar. Assim, posso dizer que quando se trata de formação de professores, nossos pensamentos são vinculados aos nossos sentimentos, a uma vontade contínua de compartilhar conhecimento com sujeitos que também o compartilham. Por esse ângulo, a ideia de trazer as histórias em quadrinhos para dentro da sala de aula surgiu subitamente, e eu estaria mentindo se dissesse que escolhi este recurso apenas por ser um possível mecanismo utilitário durante as aulas. Todavia, ao mesmo tempo que tem seu poder didático, as HQs desde a infância, estiveram presentes em meu cotidiano, portanto, acabei gerando um certo apreço por elas, em diferentes gêneros, em distintas épocas.

Os caminhos compartilhados também são capazes de conduzir as direções mais “fáceis” para construir qualquer trilha. Desse modo, sentia que só era possível trazer métodos até à sala de aula no momento em que diagnosticamos aquilo que falta na História. Talvez essa seja uma das principais questões do ofício de historiador, preencher as lacunas que por inúmeros motivos não foram encaixadas no decorrer do tempo. Todavia, tais problemáticas podem se tornar um trabalho árduo quando são consideradas muito amplas, sendo assim, levando em consideração a possibilidade das trilhas “fáceis”, optamos em trazer ao nosso tempo discussões que permaneceram e se modificaram ao longo de dois séculos: a luta popular na revolta da Balaiada (1838-1841), suas questões de escrita, interpretações e representações. Dessa maneira, a busca pelas lacunas acaba se transformando em busca por um conhecimento reinterpretado, e mesmo que as lacunas já tivessem, por algum motivo, preenchidas, ainda restam frestas que a depender da época em que forem investigadas, podem demonstrar outras narrativas.

A riqueza das fontes visuais no século XX e nos últimos anos se mostrou propícia para os estudos históricos. A criação das histórias em quadrinhos, primeiramente através das tiras de jornal, brevemente divulgadas para um determinado público, inovou a tarefa dos historiadores, os quais buscavam recriar contextos históricos específicos em que a escrita não era prioridade. Além disso, as meras descrições do que se foi desenhado, pintado ou tingido não poderiam se resumir a descrição, mas ser aprofundado levando em consideração os elementos utilizados para a iconização, o local, o tempo e os motivos da criação daqueles desenhos que passavam sentidos religiosos, culturais e até mesmo econômicos. A força da união entre texto e desenho se intensificou ao redor do mundo e as histórias em quadrinhos começaram a ser distribuídas seguindo a lógica capitalista, tornando-se acessíveis ao mesmo tempo em que traziam consigo discursos, narrativas e ideologias globalizantes.

Investigar as diversas formas de comercialização e divulgação das histórias em quadrinhos foi crucial para mapearmos o potencial dessa arte e suas perspectivas de alcance. Os três sites mencionados anteriormente fornecem apenas um breve panorama de como autores nacionais e internacionais navegam na lógica capitalista ao criar e divulgar seus trabalhos. Frequentemente, questionamos a falta de acesso por parte dos leitores, mas compreendemos também que é fundamental considerarmos também a outra face da moeda: o processo de divulgação da arte sequencial e seu potencial de análise. A intenção dos autores nesse tipo de obra se manifesta através da união entre imagem e palavra, proporcionando uma leitura sequencial, rica em sentidos e representações múltiplas. O quadrinho se torna, portanto, não apenas um produto comercial, mas um objeto de possível análise crítica.

Em uma “jornada” envolvente com os alunos, desvendamos o universo das histórias em quadrinhos. Exploramos HQs que narram, de maneira acessível, a saga de personagens históricos, mergulhando na Balaiada e suas diversas perspectivas. Mais que reproduzir fatos, os elementos quadrinhos - balões, traços, humor e drama - se tornaram pontes para entender a política imperial do século XIX, revoltas populares, questões raciais, de classe e de gênero. Através de uma análise crítica, os alunos questionaram como a História “viabiliza” algumas narrativas enquanto silencia outras, abrindo espaço para reflexões sobre a construção do conhecimento histórico. Essa empreitada nos aproximou de diferentes vozes e olhares do passado e do presente, revelando a riqueza e a complexidade da História, ao considerarmos uma linguagem mais dinâmica e envolvente com ênfase na participação ativa dos alunos e na construção conjunta do conhecimento. Dessa forma, defendemos que por conta da trajetória padronizada e extremamente política, muitas interpretações no ensino de História da Balaiada

devem ser orientadas levando em consideração sua dinâmica popular, por uma ótica que não seja apenas dos opressores.

Ao examinarmos a trajetória do ensino de História no Brasil, somos impelidos a ponderar sobre as diversas conjunturas que moldaram o que se pretendia ensinar e a quem o ensino se destinava. Em seus primórdios, as escolas brasileiras se encontravam sob o julgo da visão religiosa, especialmente no que tange à disciplina de História, que durante muito tempo foi relegada à mera assimilação de valores cristãos. Assim sendo, com o advento do Estado Nacional e a consolidação da pátria, novos métodos de ensino de História foram engendrados. Os valores, por sua vez, assumiram uma dimensão cívica: datas, símbolos e figuras ditas “importantes” para o país passaram a ser propagadas com o intuito de moldar a imagem do cidadão brasileiro imbuído de “orgulho nacional”.

Ensinar História com ênfase popular é mais do que transmitir fatos do passado. Despertamos nos estudantes a consciência de que são protagonistas da história, agentes de transformação social no presente. E para isso, a História Regional enquanto campo de estudo se tornou uma ferramenta essencial para a mobilização de saberes em sala de aula. Sendo assim, partindo da realidade dos alunos, de seus bairros, cidade e região, a História ganha vida tornando-se relevante e significativa. Todavia, para que essa transformação se concretize, precisamos de materiais didáticos e/ou paradidáticos que complementam a gama de informações e interpretações que cheguem a ele. Pensando nisso, a partir da análise da HQ “Guerra do Maranhão” e, posteriormente, no processo criativo das Tirinhas Balayôs, aproximamos a temática da Balaiada ao cotidiano dos alunos formosserranegrenses da escola Eliza Moreira Ferraz, os quais demonstraram em seus procedimentos a tentativa de compreender a luta popular não só dos balaios dos oitocentos, mas principalmente dos sujeitos populares que vivem a sua volta.

Ao revisitarmos a Balaiada na contemporaneidade, somos impelidos a mergulhar nos “regimes de historicidade”, conceito cunhado por François Hartog (2015), os quais definem como a sociedade se relaciona com o tempo, priorizando passado, presente e futuro. Já o tempo histórico emerge, segundo Koselleck (2006), da tensão entre o campo da experiência e o horizonte de expectativas. Dessa maneira, a produção das nossas tirinhas funcionou como um ótimo exemplo de fonte histórica que reúne diversas informações a partir da perspectiva popular, mais ainda, estabelecendo uma relação de temporalidades a partir de demandas do nosso presente, como a justiça social e a luta pelo fim do racismo estrutural.

A questão da imparcialidade/originalidade na obra “Balaiada - A Guerra do Maranhão” gerou debate entre os participantes da pesquisa quando colocamos em prática a discussão de

uma *review*. No campo das Humanidades, é comum questionar narrativas hegemônicas, as quais muitas vezes escondem disputas de discursos e intenções enviesadas. No caso do autor da obra, Iramir Araújo, notamos a diversidade de fontes utilizadas e referenciadas sobre diferentes versões da Balaiada, priorizando sujeitos racializados, evidenciando, através das ilustrações de Ninácio, como os populares foram representados no papel. Nesse sentido, a elaboração das expressões dos personagens também influencia diretamente em seus destaques ao longo da obra, assim como sua espacialidade, ou seja, o local onde foram inseridos. Ainda, as posições em destaque se misturam com as expressões faciais dos sujeitos desenhados, o que acaba enriquecendo a análise imagética no conjunto da obra (texto/imagem).

Com a participação ativa da turma do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Eliza Moreira Ferraz, exploramos de maneira abrangente e eficaz o processo de ensino da Balaiada por meio dos quadrinhos. As dinâmicas das aulas-oficinas não apenas despertaram um renovado interesse pelas histórias em quadrinhos, mas também possibilitaram aos alunos uma imersão mais profunda nesse universo artístico, reconhecendo-as como uma poderosa ferramenta de ensino e aprendizado, capaz de estimular a criatividade e o pensamento crítico. Ademais, as exposições ministradas sobre a linguagem das HQs e seus diversos gêneros proporcionaram aos estudantes uma compreensão abrangente dos princípios da arte sequencial, ampliando sua capacidade de análise e interpretação. Ao explorar a diversidade de narrativas presentes nas histórias em quadrinhos, os alunos puderam não apenas assimilar conhecimento sobre a Balaiada, mas também refletir sobre questões relacionadas à identidade nacional e às peculiaridades regionais, enriquecendo seu entendimento sobre o contexto histórico e social do país. Nesse sentido, a escolha por privilegiar narrativas de origem nacional, especialmente aquelas que abordam temáticas regionais como a Balaiada, contribuiu significativamente para a construção de uma consciência histórica mais ampla e crítica entre os estudantes.

A rica variedade de personagens citados pela turma demonstrou que muitas das figuras passaram por uma remodelagem, o que abriu caminho para se pensar em como os estudantes criaram seus próprios traços para suas tirinhas. Na reta final da pesquisa em sala de aula o maior desafio foi colocar em prática a criação das tirinhas pelos estudantes, tendo em vista o pouco tempo da carga horária das aulas de História. Porém, nota-se que, neste ponto, os alunos já demonstram uma compreensão abrangente do universo linguístico e artístico das histórias em quadrinhos, facilitando a execução de suas narrativas expressas pelos balões e traços artísticos. A série de tirinhas Balayôs demonstrou um processo criativo e inovador ao proporem dois personagens parecidos com seus traços étnicos e sociais, ao mesmo tempo em que decidiram desenhar espaços da própria cidade de Formosa da Serra Negra, como a praça, o parque natural

e também sua própria escola. Dentre as 10 tirinhas elaboradas, nos deparamos com diversos subtemas dentro da Balaiada, entre eles conceitos da História e representações religiosas/políticas. Assim, o foco predominante na maioria das tiras foi as falas dos dois personagens e como eles interpretam a Revolta.

Em suma, a jornada pelo Mestrado Profissional em Ensino de História se revelou como um ciclo de aprendizado contínuo, permeado por desafios e descobertas que moldaram minha abordagem como professor-pesquisador. A integração entre ensino e pesquisa se mostrou não apenas possível, mas essencial para meu desenvolvimento profissional, especialmente ao explorar o potencial das histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica. A análise da Balaiada sob essa perspectiva revelou não apenas lacunas históricas preenchidas, mas também a complexidade das narrativas populares e regionais, ampliando o entendimento dos alunos sobre seu papel como agentes de transformação social. Ao unir teoria e prática, a experiência demonstrou não apenas a relevância das HQs no ensino de História, mas também a importância de abordagens pedagógicas que valorizem a diversidade de vozes e perspectivas, contribuindo para uma educação mais crítica e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Elizabeth Sousa. **A Balaiada e os Balaios: uma análise historiográfica.** Monografia (Graduação em História). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 1996.
- ABRANTES, Elizabeth Sousa; PEREIRA, Josenildo de Jesus; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio (Orgs.) **Histórias e memórias da Balaiada** / Elizabeth Sousa Abrantes; Josenildo de Jesus Pereira; Yuri Givago Alhadeff Sampaio Mateus (Orgs.). São Luís, MA: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.
- ALATAS, Sayed Farid. A definição e os tipos de discursos alternativos. **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, vol. 23, nº 46, jul/dez. 2010, p. 225-245.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARAÚJO, Iramir. *A Guerra do Maranhão*. Ilustrações: Ronilson Freire e Beto Nicácio. São Luís: Ed. do autor, 2009.
- ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. Histórias do Balaio. **Revista História Oral**. Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, v. 1, n. 1, 1998.
- BARBOSA, Alexandre. **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula.** Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela, Angela Rama Waldomiro Vergueiro (Orgs.). 4ª ed, 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.
- BARROS, José D'Assunção. História Cultural Francesa – caminhos de investigação. **Revista de História e Estudos Culturais**, São Paulo, Vol. 2, nº 4, out. 2005.
- _____. Os usos da temporalidade na escrita da história. In: **Saeculum: revista de história**, João Pessoa, jul./ dez. 2005.
- BETTIO, F. D. R.; LOPES, J. C. C.; MARINHO, L. G. C. **A leitura e a imaginação através da história em quadrinhos.** In: GALVÃO, G. D.; GOMES, N. S.; MOURA, S. M. E. S. (Orgs.). #Somos Todos Super-Heróis. Campo Grande: Colégio Alexander Fleming, 2018, p. 43-46.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2009.
- BITTENCOURT, C. F. Reflexões sobre o ensino de História. **Estudos Avançados**: São Paulo, 2018.
- BOULOS JÚNIOR Alfredo. História sociedade & cidadania: 8º ano: ensino fundamental: anos finais. 4. Ed. São Paulo: FTD, 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.** Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio).** Brasília: MEC, 1999.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. O ensino de História do Maranhão no 1º Grau (3ª. e 4ª. Séries). **Cad. Pesq.** São Luís, UFMA, jul./dez. 1987.

CAIXETA, Vera Lúcia; ARRUDA, Daniel Leda. Imagens de mulheres indígenas no livro didático: uma abordagem decolonial. **Revista Escritas**, Araguaína. Vol. 15, n. 1, 2023, p. 187-209.

CARVALHO, Carlota. **O Sertão: Subsídios para a História e a Geografia do Brasil**. 3. ed. rev. E ampliada. Imperatriz: Ética, 2006.

CASTELO BRANCO, José Raimundo Lindoso. **Estudo Regional do Maranhão**. São Paulo: FTD, 1988.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papirus, 2003.

FONSECA, Thais Nívea de Lima e. **História e Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências no tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HOOKS, Bell. **Ensinado a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LEAL, Elenn C. do Socorro Alves. **Quadrinhos no ensino de História: uma experiência para a discussão de racismo na educação básica**. Dissertação (Mestrado) - Mestrado Profissional em Ensino de História, *Campus* Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2020. 118f.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 2017.

MARANHÃO, Governo do Estado. **Terra e Gente: livro de leitura: 4ª série**. São Luís: Tricasil, 1986.

MARTINS, Marcos Lobato. História Regional, In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo, Contexto, 2009.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 32, nº 94, jun, 2017, p. 01-18.

MORAIS; ARAÚJO. Produção científica sobre história em quadrinhos na Scielo (1997-2020): o que dizem as pesquisas. **Revista do PEMO**, Fortaleza, v. 4, e46763, 2022.

NADAI, Elza. Ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/6, p. 143-62, 1992/1993.

PALHARES, Marjory. **História em Quadrinhos: Uma ferramenta pedagógica para o ensino de história**. Secretaria de Educação. Paraná. 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário. In **Revista Brasileira de História**. São Paulo, Contexto/ANPUH, vol. 15, n° 29, 1995, p.16.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, modernidade e racionalidade**. In: BONILLO, Heraclio (Org.). Bogotá: Mundo Ediciones: FLASCO, 1992, p. 437-449.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

SAMPAIO, Yuri, G. A. M. **A Balaiada na sala de aula: ensino de História do Maranhão Imperial e a produção do paradidático “A Guerra da Balaiada”**. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, 2018, 196f.

SANTOS NETO, Elydio dos. SILVA, Marta Regina da (orgs). **Histórias em quadrinhos e práticas educativas**, vol. 2: os gibis estão na escola, e agora? São Paulo: Criativo, 2015.

SANTOS, Roberto Elísio; VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos no processo de aprendizado: da teoria à prática. *EccoS Revista Científica*, núm. 27, janeiro/abril, 2012, pp. 81-95.

SANTOS, S. R. R. **A Balaiada no Sertão: a pluralidade de uma revolta**. 1. ed. São Luís: Editora Uema, 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica**. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, Arlete M., MAGALHAES, Marcelo de S.(orgs). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.

SCHMIDT, M. Auxiliadora. CAINELLI, Mariana. **Ensinar história: pensamento e ação no magistério**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, M. Auxiliadora. **História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização**. *Revista História da Educação (RHE)*: Porto Alegre, v. 16, n. 37, maio/ago. 2012, p. 73-91.

SILVA, Maria Iris Barros e. **Formosa da Serra Negra: trabalho, perseverança e desenvolvimento**. Formosa da Serra Negra: Lithograf, 2009.

SILVA JÚNIOR, Gonçalo. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos (1933-1964)**. São Paulo: Companhia da Letras, 2004.

VIANA, Nildo. *Histórias em Quadrinhos e métodos de análise (Dossiê História em*

Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação). **Revista Temporis [Ação]** (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 41-60 de 469, número especial, 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Estamos realizando uma pesquisa com o objetivo de entender a viabilidade do acesso às Histórias em Quadrinhos (HQs) na cidade de Formosa da Serra Negra, bem como na escola Eliza Moreira Ferraz. Solicitamos sua colaboração para responder o presente questionário.

Certos de contar com seu apoio, agradecemos antecipadamente.

Daniel Leda de Arruda
Mestrando em Ensino de História – UFNT.
Orientador: Prof^o. Dr. Braz Batista Vas

Contato e acesso às Histórias em Quadrinhos

1) Possui histórias em quadrinhos em casa?

Sim Não Não sei

2) Costuma consumir HQs diariamente?

Sim Não Às vezes

3) Costuma consumir HQs mensalmente/anualmente?

Sim Não Às vezes

4) Já comprou ou ganhou de presente alguma HQ?

Sim Não Não lembro

5) Já leu uma história em quadrinhos na escola?

Sim Não Não sei

6) Já leu histórias em quadrinhos dentro dos livros da escola?

Sim Não Não sei

7) Na sua escola há um espaço preferencial para leitura? Como uma sala de estudos ou biblioteca?

Sim Não

8) Na sua escola há HQs?

Sim Não

9) Em qual(is) meios(s) você já viu histórias em quadrinhos?

Livros da escola Bibliotecas Redes sociais Revistas
 Outro: _____

10) Já viu alguém lendo uma HQ no seu dia a dia?

Sim Não

11) Você já teve aulas onde o professor levou ou usou as histórias em quadrinhos?

Sim Não

12) Com que frequência você lê HQs?

Diariamente Mensalmente
 Semanalmente Anualmente
 Raramente Nunca

13) Quais tipos de HQs consome?

Nacionais Internacionais
 Nenhuma Estaduais

14) Na sua cidade tem biblioteca?

Sim Não

15) No arquivo de livros da sua escola possui histórias em quadrinhos?

Sim Não Não sei

16) Você tem apoio financeiro para comprar livros?

Sim Não

17) Já viu algum personagem de histórias em quadrinhos na TV?

Sim Não

18) Você gostaria de uma aula envolvendo histórias em quadrinhos?

Sim Não

19) Qual(is) disciplinas você gostaria que usasse HQs nas aulas?

Português Matemática História
 Geografia Ciências Edu. Física
 Filosofia Artes Inglês Todas Nenhuma

20) Já emprestou ou pediu emprestado alguma HQ?

Sim Não

21) Já viu algum filme ou desenho animado que tem como material original uma HQ?

Sim Não Não sei

22) O quanto você se interessa por HQs?

Bastante Muito Pouco
 Nenhum pouco

23) Você considera ler uma história em quadrinhos mais fácil do que um livro?

Sim Não Às vezes

24) Seus livros didáticos sugerem leituras de HQs?

Sim Não

25) Você já leu ou conhece alguma história em quadrinhos que apresentasse uma história regional (Maranhão ou Formosa)?

Sim Não Talvez

26) Em uma escala de 1 a 10, o quanto você gosta de histórias em quadrinhos? _____

27) Sugira um marco histórico, acontecimento ou evento importante da sua cidade que poderia se torna uma história em quadrinhos:

28) Qual foi a primeira história em quadrinhos que você teve contato?

29) Você se lembra de algum personagem de histórias em quadrinhos? Se sim, qual(is)?

30) Você se interessa por histórias em quadrinhos de quais temáticas?

guerras e conflitos aventura e drama
 comédia romântica

Outro: _____

APÊNDICE B – CARTILHA



O Ensino de História da Balaiada através de HQs

análise e produção de
tirinhas

Daniel Leda de Arruda



L473e Arruda, Daniel Leda de - 1998

O Ensino de História da Balaiada através de HQs: análise e produção de tirinhas / Daniel Leda de Arruda – 1. ed. – Formosa da Serra Negra, MA: Ed. do Autor, 2024.

Produto da dissertação Dos Balaies às tirinhas: Ensino de História da Balaiada por meio dos quadrinhos em Formosa da Serra Negra – MA.

Orientação do Prof. Dr. Braz Batista Vas.

1. Balaiada. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Ensino de História. 4. Tirinhas. I. Título.

CDD 901



Sumário

Apresentação.....	5
1 Balaiada em perspectiva: narrativas e interpretações.....	6
1.1 A Revolta da Balaiada: apontamentos historiográficos.....	6
1.2 Balaiada e memória.....	7
1.3 Balaiada e questões étnico-raciais.....	8
De olho no quadrinho: Sugestões de análise.....	9
2. Concepções teóricas.....	10
3. O Ensino de História e os Quadrinhos.....	14
3.1 Percursos das histórias em quadrinhos.....	14
3.2 Os quadrinhos na Educação.....	15
Razões e argumentos para utilizar quadrinhos em sala de aula.....	15
3.3 HQs nas aulas de História.....	16
Análise de HQ.....	16
3.4 Experiências de análise de HQ.....	17
4. Produção das tirinhas Balayôs e seus usos no Ensino.....	20
4.1 Primeiros passos.....	20
4.2 A série de tirinhas Balayôs.....	22
Mãos à obra: Criação de tirinhas.....	31
Referências.....	32

Apresentação

A prática do Ensino de História potencializa o desenvolvimento de docentes e discentes, estabelecendo uma conexão entre ambos. Ao pensar a História é possível lidar, dentro da própria sala de aula, com saberes prévios e múltiplos, sobretudo quando a temática trabalhada é mais próxima dos nossos estudantes.

Dessa maneira, compartilhamos algumas experiências realizadas com a turma do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Eliza Moreira Ferraz, localizada na cidade de Formosa da Serra Negra / MA.

Desde a análise da HQ “Guerra do Maranhão” até a produção da série de tirinhas “Balayôs”, o ensino da Balaiada por meio dos quadrinhos amplia nossas interpretações sobre a revolta, seus sujeitos e suas narrativas.

Reunimos, portanto, um material teórico-metodológico para você professor(a) que pretende expandir suas metodologias e abordagens teóricas sobre a Balaiada e até mesmo de outros conflitos regenciais brasileiros.

Daniel Leda de Arruda



1. Balaiada em perspectiva: narrativas e interpretações

1.1 A Revolta da Balaiada: apontamentos historiográficos

Mattias Rohrig Assunção (1998) discute no artigo “Histórias do Balaio – historiografia, memória oral e as origens da Balaiada”, sobre uma das primeiras revoltas camponesas no Brasil: a Balaiada. Partindo da ideia de que foi uma revolta importante para a formação do campesinato maranhense, Assunção defende que a Balaiada se estendeu até o estado do Piauí e até mesmo em algumas áreas do Ceará. Por conta de sua pouca atenção por parte da historiografia, a Balaiada, então, acaba por deixar em aberto várias questões, como o fato de que “por conta da amplitude geográfica, ela teve características diferentes em cada revolta.” (ASSUNÇÃO, 1998, p. 69).

Nesse sentido, a diversidade de sujeitos envolvidos no Balaio, assim como suas regiões, contribuiu para o fato de ser considerada uma das primeiras grandes revoltas camponesas no Brasil, principalmente no Maranhão, estado que continua tendo um dos maiores índices de população camponesa do país.

Dessa forma, Assunção apresenta que os envolvidos na revolta no sul do Maranhão e em grande parte do Piauí eram fazendeiros liberais; já no Maranhão Oriental, foi preferencialmente uma revolta protagonizada por escravos e camponeses.

A historiografia da década de 1990 no Brasil esteve, potencialmente à luz dos estudos marxistas, contribuindo com diversas pesquisas que destacaram as camadas populares numa perspectiva de classe. O artigo de Assunção, por exemplo, pode ser considerado como um trabalho, que buscou, na época, um olhar trabalhista do conflito, tanto em dimensões políticas, quanto sociais, destacando a resistência do campesinato maranhense e como estes “vem sofrendo outra vez o impacto violento de um modelo modernizador que ameaça a sua sobrevivência enquanto grupo, ou modo de vida distinto (ASSUNÇÃO, 1998, p. 68).

De um modo geral, o historiador apresenta a especialidade da Balaiada em relação aos outros conflitos da época do Período Regencial Brasileiro (1831-1840), importantes elementos para se entender a luta camponesa mobilizada por múltiplas classes sociais.





A Balaiada foi, como muitas outras revoltas do tempo da Regência, ou seja, a Farroupilha, a Sabinada, a Cabanagem e a Cabanada, uma revolta multiclassista. Ela também envolveu fazendeiros de gado, vaqueiros, e mesmo escravos. Há, no entanto, dois aspectos que a diferenciam das demais (talvez com exceção da Cabanagem). Primeiro, à diferença das outras, contou com uma liderança popular desde o início. Segundo, é também exemplo pouco comum na história do Brasil de um movimento onde se esboçou uma aliança – efêmera, sem dúvida – entre camponeses livres e os escravos. (ASSUNÇÃO, 1998, p. 69).

1.2 Balaiada e Memória

Como fonte principal, Matthias Assunção utilizou-se de uma pesquisa de campo realizada no ano de 1982. Com uma duração de nove meses, tal abordagem concentrou-se na região do Maranhão Oriental, nas microrregiões: Baixada Oriental, Itapecuru, Baixo Parnaíba e Alto Muni. Foram reunidos elementos da memória oral em 20 dos 35 municípios, entrevistando aproximadamente 600 pessoas idosas (ASSUNÇÃO, 1998).

Dessa maneira, o autor interpretou tais memórias em três diferentes níveis:

A) MEMÓRIA INDIVIDUAL

B) MEMÓRIA COLETIVA

C) MEMÓRIA ORAL

“Tempo do Cativoiro”

É lembrado o trabalho diurno e noturno, as atrocidades nas punições dos escravos ou as malandragens destes para conseguir alguma vantagem.

“Tempo do Pega”

Ou recrutamento forçado: é recordado o fato que os homens andavam escondidos nos matos e que havia caboclos com rezas fortes capazes de se transformar num capim ou num toco para escapar da tropa.

“Tempo da Guerra”

Contam-se as fugas generalizadas (inclusive de mulheres e crianças) para os matos e das crianças aparadas na ponta da espada pela tropa. Esta memória permaneceu viva em virtude do trauma que representou a guerra para o campesinato maranhense.

As memórias da Balaiada podem ser uma alternativa para envolver os estudantes na temática.





1.3 Balaiada e questões étnico-raciais

O historiador Mathias Assunção em seu texto intitulado “Antirracismo no Brasil Império: Raimundo Gomes e a luta pelos direitos do ‘Povo de Cor’ na Balaiada”, publicado pela coletânea Histórias e memórias da Balaiada (2022) apresenta interpretações raciais mais específicas acerca não somente de Raimundo Gomes, um dos líderes balaios, mas sobretudo da sociedade mobilizada em torno do conflito, além de analisar algumas representações do que o autor chama de “povo de cor”, termo utilizado na época.

O historiador destaca a necessidade de compreender a Balaiada em seu caráter múltiplo quando se trata da sociedade maranhense do século XIX. Através de uma breve contextualização, é possível, portanto, associar o cotidiano dos sujeitos que vivenciavam o espaço dos vales do Itapecuru e Mearim, bem como nos sertões dos Pastos Bons, às suas resistências ao sistema de trabalho forçado em busca de suas reivindicações próprias.

“Fazendeiros de gado, vaqueiros, camponeses e escravizados – cada um desses grupos sociais entrou em conflito da Balaiada com sua pauta de reivindicações [...] a revolta começou no Maranhão oriental” (ASSUNÇÃO, 2022, p. 38).

A diversidade da sociedade maranhense segundo o autor, foi uma guerra de resistência de camponeses e vaqueiros em meio a uma insurreição de escravizados.

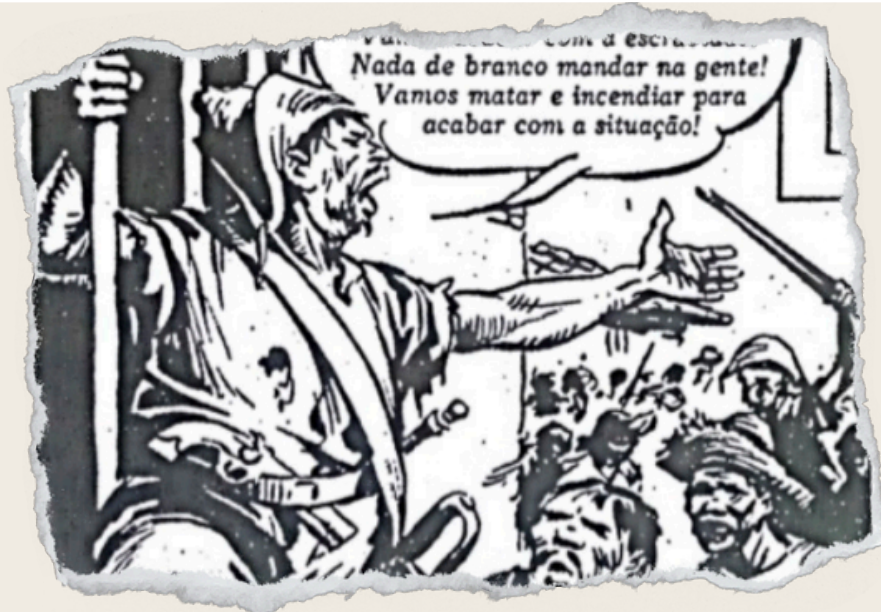
É importante frisar que a formação racial do Brasil e do Maranhão foi alvo de diversas representações ao longo da história. Isso implica que o uso de categorias raciais, em 2023, entrou num outro processo de representação, mas que também pode conter elementos que remetem à época contextualizada, no caso da Balaiada.

As produções imagéticas são um exemplo disso. As visões sobre certo indivíduo podem resultar numa caracterização totalmente distorcida da realidade, uma vez que está submetida a interpretações naquele momento. Ainda, é possível analisar, décadas depois, esses elementos visuais, buscando compreender em como as interpretações mudaram, seja pelo olhar ressignificado, seja pelo arcabouço de pesquisas realizadas anos após a primeira representação.

Ao analisar Raimundo Gomes, se preocupou também em abordar o caráter depreciativo contra o líder a partir de representações imagéticas. Os quadrinhos são de 1970 e apresentam episódios marcantes da Balaiada como o comando de tropas pelo próprio Gomes, além da invasão à prisão na Vila da Manga, como mostrado na figura a seguir.



De no quadrinho



Representação do líder Raimundo Gomes em quadrinho de 1970. ASSUNÇÃO, 2018.

Sugestões de análise

- 1) Quem são as pessoas representadas no quadrinho acima?
- 2) Qual personagem se encontra no primeiro plano do quadro?
- 3) O que essas pessoas estão expressando?
- 4) Descreva as vestimentas dos sujeitos representados e associe à sua condição racial/social.



2. Concepções teóricas

Trabalhar com a Balaiada proporciona alguns pressupostos teóricos que servem como trajetos epistemológicos na prática de ensino e aprendizagem.

Pensadores como Circe Bittencourt (2018), por exemplo, nos norteia pela pesquisa destacando a importância do ensino de História e sua prática para o estabelecimento de saberes escolares.

Já com Aníbal Quijano (1992), é possível colocar em voga as preocupações das teorias críticas da pós-modernidade, a permanência das colonialidades e suas implicações na aprendizagem histórica escolar.

Nesse sentido, para uma maior compreensão da aprendizagem histórica, levamos em consideração a teoria da consciência histórica de Jorn Rüsen (2015), a qual, fomentada por essa ideia, implica em saberes práticos e cotidianos dos estudantes através das experiências do tempo e das narrativas históricas.

A própria prática de se ensinar também é considerada uma forma de saber que é praticada na experiência construída em sala de aula.

Uma História Escolar concebida como “pedagogia do cidadão” mantém-se em currículos do século XXI como importante instrumento educativo de formação para o exercício.

As abordagens em torno da trajetória de poder do ensino de história escolar no Brasil, articulam-se com as indagações proporcionadas pelas teorias críticas da Modernidade. O mundo contemporâneo é herdeiro de um sistema colonial que contempla em sua herança a dominação cultural epistêmica. A própria noção de colonialidade pensada pelos estudiosos decoloniais do grupo Modernidade/Colonialidade, nos faz pensar a concepção de tempo de continuidades, ou seja, alguns parâmetros sociais, políticos e culturais permaneceram ao longo do processo de colonização e inclusive depois de seu “fim” formal. Portanto, as estruturas de dominação estão sendo denunciadas por esses estudiosos, que entendem que a dominação epistêmica parte da Europa e dos EUA, sistemas que criaram o “outro”.

Na tentativa de ressignificar o “outro” pejorativo, as teorias críticas, em especial as epistemias decoloniais, estão engajadas num interesse político no sentido de tornar as zonas periféricas objetos a serem explorados pelos sujeitos cognitivos.





Importante frisar a conexão entre estas teorias e de como elas podem potencializar o exercício do professor-pesquisador. Tratando-se do pensamento pós-colonial, muitas vezes é entendido como uma “teoria de superação”, tendo em vista seu caráter político e de ações diretas no cotidiano. A episteme decolonial não se caracteriza como uma superação das epistemes ocidentais, mas visa alinhar e buscar diálogo com as variadas dimensões, inclusive as ocidentalizadas, de pensamento e experiência.

Toda experiência histórica é possível de ser teorizada, e isso pode fortalecer o protagonismo de intelectualidades além do Ocidente. As potencialidades do ato de aprender, não apenas em sala de aula, mas principalmente, propiciar uma união universal de saberes diversos. Nos últimos anos, no campo de Didática da História, o pensador Jörn Rüsen (2010) tem contribuído para as análises do professor-pesquisador e suas implicações no cotidiano.

Em relação a seu arcabouço teórico, vamos destacar suas contribuições sobre a consciência histórica, logo, no processo de aprendizagem da História em sala de aula. Por consciência histórica entende-se “a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática” (RÜSEN, 2010, p. 57).

Os caminhos para uma prática escolar mais inclusiva são fundamentais para a construção de uma consciência histórica, principalmente partindo das experiências. Logo, não poderia ignorar uma das pensadoras negras que, com fortes influências de Paulo Freire, intensificou os debates sobre educação libertadora. Bell Hooks elaborou em seu livro *Ensinando a transgredir* (2017) uma interação que envolve a pedagogia em três olhares: crítico, feminista e anticolonial.

Lembre-se que é fundamental discutir os caminhos para uma pedagogia crítica, a fim de enriquecer os percursos de aprendizagem para além da pesquisa.





A prática libertadora defendida por Hooks perpassa por experiências enquanto professora e quando mais nova, como aluna. A identidade está sempre interligada em seus estudos, evidenciando o quão os marcadores sociais são objetos pensados no cerne dos debates de educação para a liberdade. Raça, classe, gênero, sexualidade e amor. Dentre estas amplas categorias, a última é uma adição de Hooks, a qual entende que os caminhos para transgredir são também enviesados por amor, onde o professor se torna um agente de cura.

Os caminhos para se pensar o ensino da Balaiada estão ligados a uma iniciativa nova de tratar o tempo, e não como um simples ato narrativo e descritivo do evento histórico,

Discutir a Balaiada (1838-1841) nos dias de hoje pressupõe refletir diretamente com o que François Hartog (2015) entende por “regimes de historicidade”. Estes regimes são a forma como uma sociedade se relaciona com o tempo e como esse tempo (passado, presente ou futuro) tem predominância sobre os outros. Hartog infere que as relações dos sujeitos ao longo da História permitiram inclusive pensar em proposições a partir de seu tempo, dialogando com Koselleck (2006) e seu “horizonte de expectativas”.

O tempo histórico é produzido pela distância criada, levando-se em consideração as reflexões de Koselleck (2006), entre o campo da experiência, de um lado, e o horizonte de expectativa, de outro; ele é gerado pela tensão entre os dois lados.

É essa tensão que o regime de historicidade se propõe a esclarecer, e é dessa distância que essas páginas se ocupam [...] a estrutura temporal dos tempos modernos marcada pela abertura do futuro e pelo progresso, caracteriza-se pela assimetria entre experiência e expectativa. (apud HARTOG, 2015, p. 39).

As visões temporais podem ser classificadas na esteira dos regimes de historicidade através do âmbito da História Quadripartite (Antiga, Medieval, Modernidade e Contemporânea). Na Antiguidade, a chamada História Mestra da Vida ocupou-se de uma visão de que no regime de historicidade passadista havia uma preocupação da sociedade aprender com os erros do passado para não os cometer no presente.

Um exemplo de escritos são as próprias biografias de grandes líderes que serviam como ensinamentos a serem seguidos na História.





A mudança dos regimes não é instantânea, o que infere pensar a dinamicidade do tempo na Modernidade e na Contemporaneidade. Hartog defende que essa mudança se deu na Revolução Francesa. Por mais que ainda existisse na época da Revolução uma exemplificação do passado, mas ao mesmo tempo também quebraria com o passado justamente pela difusão da ideia do “novo”, intenção do evento revolucionário. A mudança, portanto, acaba por gerar a concepção de progresso mencionada no parágrafo anterior.

Sendo assim, o “presentismo” defendido por Hartog funciona como uma hipótese. Nas últimas décadas do século XX ocorreu uma quebra de paradigmas, principalmente por conta do momento histórico nacionalista e ideológico pós Guerra Fria. As ideias de Hartog permitem problematizar que o conceito é ainda muito eurocêntrico e que, mesmo o autor afirmando que não tinha intenção de se tornar “universal”, percebe-se que o presenteísmo está muito associado à uma realidade específica vivenciada pelo historiador. Nesse sentido, o debate ajuda a refletir diferentes regimes de historicidade inclusive na prática da sala de aula.





3. O Ensino de História e os Quadrinhos

3.1 Percursos das histórias em quadrinhos

As imagens sempre estiveram presentes no cotidiano da humanidade. Desde a História Ancestral, pinturas rodeavam o interior das cavernas e marcavam a quantidade de espécies caçadas, frutos colhidos e referências religiosas.

Os elementos imagéticos contidos nesse tipo de gravura não eram acompanhados de escrita, mas expressavam em si uma linguagem própria, externalizada através da comunicação.

Com isso, no último século, os quadrinhos passaram a ser expressos com um apoio gráfico que aprofundou sua linguagem: os balões. As *comics* modernas surgiram no século XIX, na França (1889) e nos Estados Unidos (1896), e contavam com narrativas que mesclavam o fictício com suas realidades locais.

As primeiras publicações em série das histórias em quadrinhos foram realizadas através dos jornais. As famosas “tiras” (ou tirinhas) eram muito comuns no corpo textual dos jornais, uma vez que propiciavam elementos chamativos para manter a atenção de seus leitores.





3.2 Os Quadrinhos na Educação

O ano de 1996 foi muito importante para a aceitação das HQs no ambiente escolar, uma vez que marca a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Não apenas no Brasil, mas muitos outros órgãos governamentais propuseram orientações específicas de desenvolvimento de seus currículos, o que incluía o uso dos quadrinhos como proposta didática.

Por meio de aplicações esporádicas, alguns professores incluíram esse tipo de material em suas aulas, o que possibilitou a dinamicidade de conteúdo. Segundo Vergueiro e Santos (2012, p. 84) apesar do empenho dos educadores, do incentivo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e da compra e distribuição por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) a utilização dos quadrinhos na educação ainda necessita de reflexões que levem a prática como aprendizado.

Razões e argumentos para utilizar quadrinhos em sala de aula

- A) Podem desempenhar um bom papel nas escolas, possibilitando resultados muito melhores do que aqueles que se obteriam sem elas.
- B) Por fazerem parte do cotidiano das crianças e jovens, se tornaram algo popular, tornando o espaço escolar mais participativo, visto seu entusiasmo para com as narrativas. Além disso, elas aumentam a motivação de compreensão de conteúdos destacando personagens e conceitos.
- C) A união dos elementos gráficos e textuais potencializa a compreensão de conceitos e não se limita apenas a um acréscimo de uma linguagem à outra, mas sim o entendimento de conteúdos programáticos.
- D) Os estudantes, pela leitura de quadrinhos, são constantemente instados a exercitar o seu pensamento, complementando em sua mente os momentos que não foram expressos graficamente, dessa forma desenvolvendo o pensamento lógico.

(Barbosa et al, 2022).

BARBOSA, Alexandre. Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula. Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela, Angela Rama Waldomiro Vergueiro (Orgs.). 4ª ed, 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.





São muitas as funções que as HQs desempenham no âmbito educacional. De uma maneira ou de outra, proporcionam, num primeiro momento, um contato de elementos linguísticos textuais e visuais, este último de uma maneira sequencial.

É dessa forma que as histórias contadas por meio dessas trilhas acabam proporcionando maiores interesses em conteúdos também diversificados, desde guerras fictícias e/ou representativas da realidade, abordando temáticas que acabam tomando proporções adequadas de contato do estudante. Portanto, o objetivo de levantar alguns dados envolvendo as HQs é importante no sentido de contribuir para a criação de novas metodologias ou até mesmo uma reformulação de métodos utilizando esse tipo de linguagem.

O Ensino de História e os Quadrinhos

3.3 HQs nas aulas de História

É importante considerar as HQs como fontes históricas e não apenas como uma simples ferramenta didática. Para tanto, levamos em consideração a HQ de Iramir Araújo, “Balaiada - A Guerra do Maranhão para exemplificarmos algumas abordagens para se estudar a Balaiada nas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental.

Análise de HQ

Passo 01: Pesquisar com os estudantes sobre os seus autores, influências e referências utilizadas para a criação do quadrinho.

Passo 02: Observar a capa e a contracapa da obra; elementos visuais e textuais, prestando atenção aos sujeitos representados no centro.

Passo 03: Examinar a representação dos sujeitos da Balaiada, traços, cores, expressões faciais, acessórios.

Passo 04: Explorar as falas dos personagens nos balões, bem como as onomatopeias e como estas se relacionam com a história narrada.

Balaiada – A Guerra do Maranhão. Iramir Araújo, 2009.



3.4 Experiências de análise de HQ

Os processos de análise de histórias em quadrinhos, bem como a produção das tirinhas foram realizados com os estudantes no formato de **aulas-oficinas**, planejadas com intuito de aproximar os estudantes à problemática e ao professor, assim como estruturar o passo a passo dos processos de análise/produção, a fim de pontuar a importância dos quadrinhos no ensino e aprendizagem da Balaiada.

Vale a pena ressaltar as diferentes abordagens utilizadas durante essas aulas, tais como o debate, o trabalho em equipe, aulas exposição de conteúdos, além da instrumentalização de ferramentas didáticas como a Nuvem de Palavras (wordclouds) e Padlet.



Utilize os sites WordClouds/Padlet para fazer um levantamento de personagens mais citados durante a análise.

De  no
949drinho

A HQ “Balaiada – A Guerra do Maranhão” é de autoria do historiador Iramir Alves Araújo e foi lançada em sua primeira edição no ano de 2009. Iramir Araújo nasceu em São Luís, em 1962, é historiador e Mestre pela UFMA. Também atuou como artista gráfico e roteirista, além de ter colaborado no Jornal O Estado do Maranhão, no qual lançava alguns quadrinhos. Em 2007 lançou a HQ “Corpo de Delito”, inaugurando sua entrada no ramo de ficção policial.

Passo 01

A começar pela capa, já mencionada anteriormente, comporta – também em sua contracapa – o ambiente no qual o conflito regencial se apoia: na mata. Combatentes fardados enfrentam os chamados “rebeldes”, que, em maior quantidade, compõem a massa de vaqueiros, escravizados e camponeses, os quais seguram suas armas, brancas e de fogo.

Suas distinções étnicas e sociais são nítidas principalmente pela representação das roupas: os soldados com o fardamento azul e chapéus bem posicionados na cabeça, enquanto os escravizados são representados sem camiseta, apenas com calças brancas; já os vaqueiros/camponeses também portam chapéus de palha, todavia vestem roupas surradas, indicando a atividade de seus trabalhos. Na capa, portanto, percebe-se a tentativa dos ilustradores de demonstrar a diversidade étnica da Balaiada, dando destaque não apenas a um grupo de revoltosos, mas vários, os quais juntos representam as 12 mil pessoas que se rebelaram contra o Império.

Passo 02

O quadrinho começa com as estratégias de invasão do vaqueiro Raimundo Gomes à prisão da Vila da Manga, o qual liberta alguns de seus companheiros forçadamente presos pelos comandantes locais. Na maior parte de suas aparições, Gomes tem suas feições rígidas, sustentadas por suas rugas na testa e bigodes lisos compridos e com seu chapéu amarrado ao seu pescoço. Seus companheiros, por sua vez, a maioria sem camisas e estirados no chão da prisão, foram libertos e se juntaram dando início a uma revolta que reuniria diversos sujeitos, por diferentes razões. No decorrer da narrativa, Gomes aparece mais vezes em embates corpo a corpo contra fazendeiros cabanos, enquanto reúne os revoltosos para chegarem até a cidade de Caxias.

Passo 03

Os momentos finais da guerra foram representados de forma rápida, mas de uma maneira bastante reflexiva. A resistência do grupo liderado por Dom Cosme se sustentou por bastante tempo – impressão indicada pela própria HQ ao implementar as falas de resistência em meio ao embate. Negro Cosme é representado pelo seu julgamento, encostado na pequena janela de uma cela com barras de ferro, de cabeça baixa. Em seguida, o episódio de sua condenação à morte pela força foi representado, cercado por soldados e figuras religiosas,

Negro Cosme, descalço, mãos amarradas para trás e sem camiseta, chega até o local cabisbaixo. A cena do enforcamento foi desenhada em um plano pequeno e distante, sem muito foco, mas deixando claro o momento de execução de sua sentença.

Passo 04

A análise da HQ Guerra do Maranhão foi muito importante para entender, por várias óticas, como a narrativa da Balaiada abarca questões daquele contexto, mas também pontos do tempo presente, envoltas em processos criativos de percepção textual e visual, juntas.

Grande parte dessas percepções foram socializadas na turma através de uma roda de conversa, se atentando a personagens, ambientes, estratégias e suas representações, como mostrado nos parágrafos anteriores.

Vale ressaltar que a análise proporcionou um momento de aproximação entre conteúdo e aluno, tornando possível alargar os horizontes em torno da Revolta da Balaiada, contribuindo não apenas para seu entendimento, mas compreender de uma forma geral como se deu revoltas brasileiras durante o Brasil Imperial.

4. Produção das tirinhas Balayôs e seus usos no Ensino



4.1 Primeiros passos

Partindo da premissa de que os alunos já possuem uma ampla visão de como boa parte do universo linguístico e artístico das histórias em quadrinhos funciona, agora precisam colocar a mão na massa para produzirem suas narrativas expressas por balões e personagens, desenhados à sua maneira.

Como pontapé inicial, foi sugerido que os estudantes novamente se dividissem em duas equipes: Equipe de Arte e Equipe de Enredo. Cada um escolheu a equipe que mais se identificava, ou seja, aqueles que possuem mais habilidade para a criação de desenhos escolheram a Equipe de Arte, enquanto os interessados em recriar as histórias da Balaiada optaram pela Equipe de Enredo.

A orientação para que fossem criadas tirinhas foi algo já exposto desde o começo à turma. Levando em consideração algumas diferenças e semelhanças cruciais, as tirinhas como modalidade de uma HQ, são mais rápidas de serem elaboradas, mas que esta rapidez não indica algo feito de forma simples, pelo contrário, demanda mais atenção ao formular muitas ideias em poucos espaços.

Nossas tirinhas foram elaboradas em quatro (04) aulas, seguindo a sequência de atividades

1) Processo criativo

2) Rascunhos

3) Revisão

4) Finalização e digitalização

Na **primeira etapa** aconteceu a escolha do nome da série de Tirinhas, personagens e roteiro; Na **segunda etapa** tivemos o momento de rascunho das dez (10) tirinhas; Na **terceira etapa** foi realizada a revisão da ortografia, ideias históricas e furos de roteiro; Na **última e quarta etapa** foi, enfim, concretizado a coloração e digitalização das tirinhas em suas versões finais.

4.2 A série de tirinhas BALAYÔS

A começar pelo nome da série de tirinhas, foi escolhida pensando em manter o nome da revolta, porém fazendo algumas alterações em sua grafia: “BALAYÔS”. Diferentemente do que se faria normalmente, as tirinhas foram feitas sobre a Balaiada, mas não diretamente dentro de seu próprio contexto.

A ideia foi justamente fazer o jogo de temporalidades, ao trazer personagens de nosso tempo e que mais se identificassem com os alunos, juntamente com elementos fictícios embricados por narrativas históricas da Balaiada consideradas “reais”.

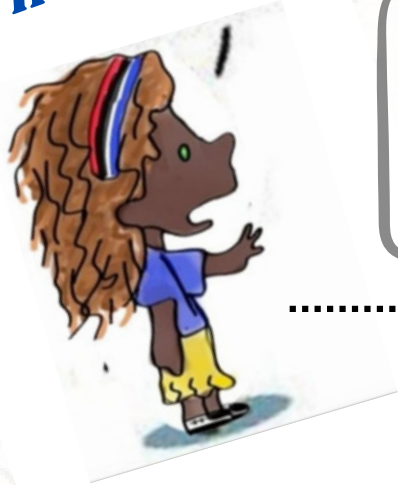
E foi aí que surgiram Hellen e José. Ambos estudantes da Escola Eliza Moreira Ferraz, 13 anos e moradores da cidade de Formosa da Serra Negra.

Os dois personagens convivem juntos, tanto na escola, quanto em locais públicos da cidade porque ficaram responsáveis por elaborar apresentações sobre a Balaiada, mas não imaginavam que logo ficariam muito envolvidos com a revolta sem saber que algo ou alguém os controlava.

Balayôs

Conheça os personagens!

Hellen



13 anos

Se considera inteligente e perfeccionista. Adora estudar História e Geografia. Utiliza uma tiara com as cores da bandeira do Maranhão. É muito apegada a signos e séries de animação.

José



13 anos

É conhecido por toda escola por usar um chapéu de palha. Muito questionador, costuma perguntar a cada 10 minutos. Gosta de estudar História e Ciências e no tempo livre joga videogame.

Banner: Personagens da Balayôs.

Balayôs

01. ICEBERG DE BALAÍO

02. REVOLTA?!

03. MULHERES EM REVOLTA

04. NEGRO COSME EM COSMOS

.....

05. FACÃO X BAIONETA X ESPINGARDA

06. POPULARES IMPOPULARES

07. MAPICE

08. A VILA DA MANGA

09. O JOGO DO PEGA

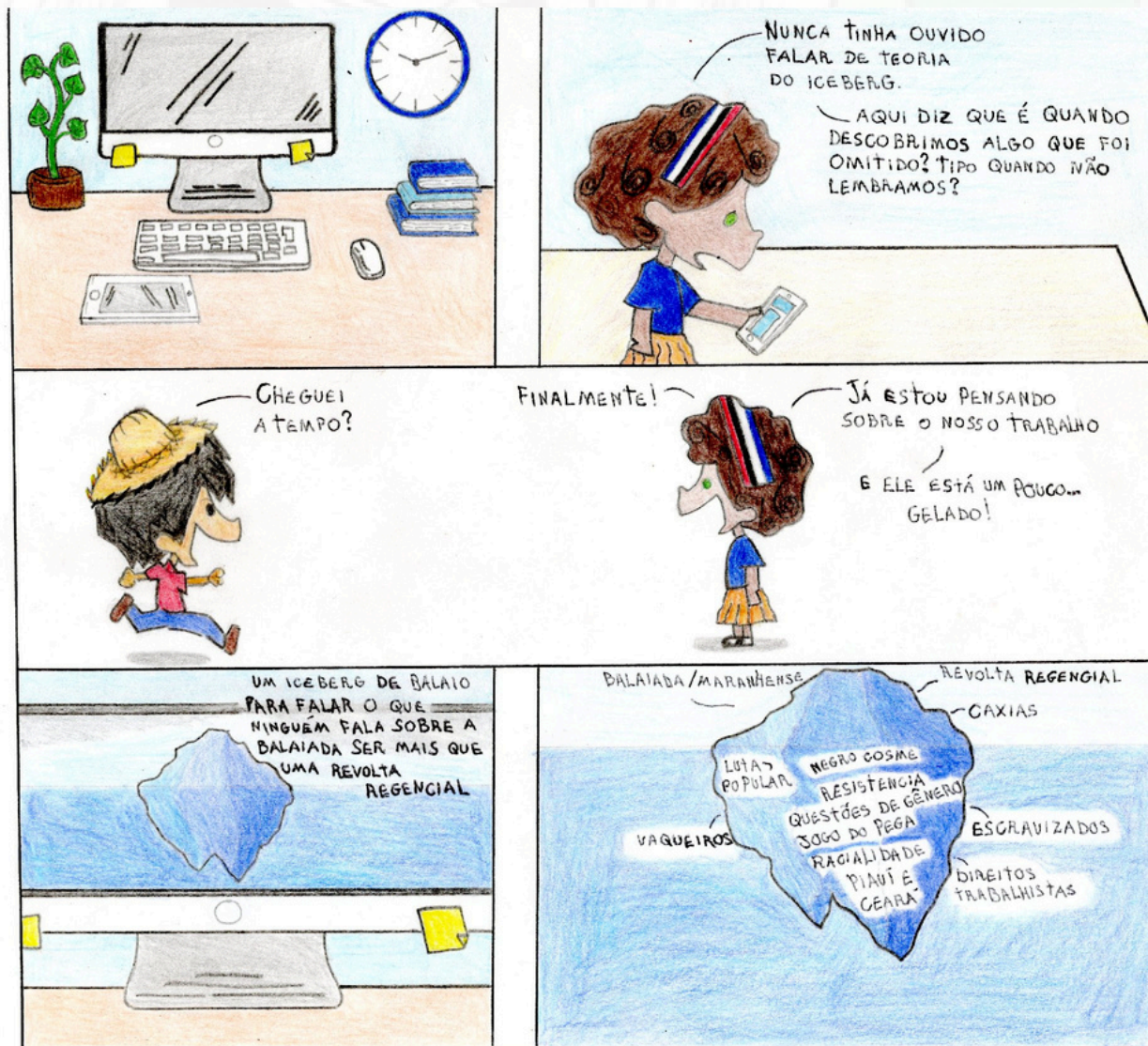
10. A CASA BEM-TE-VI

.....

Títulos das tirinhas

Separamos CINCO tirinhas Balayôs para auxiliar você e seus alunos em suas aulas sobre a Revolta da Balaiada:

Iceberg de Balaio (Tirinha 1)

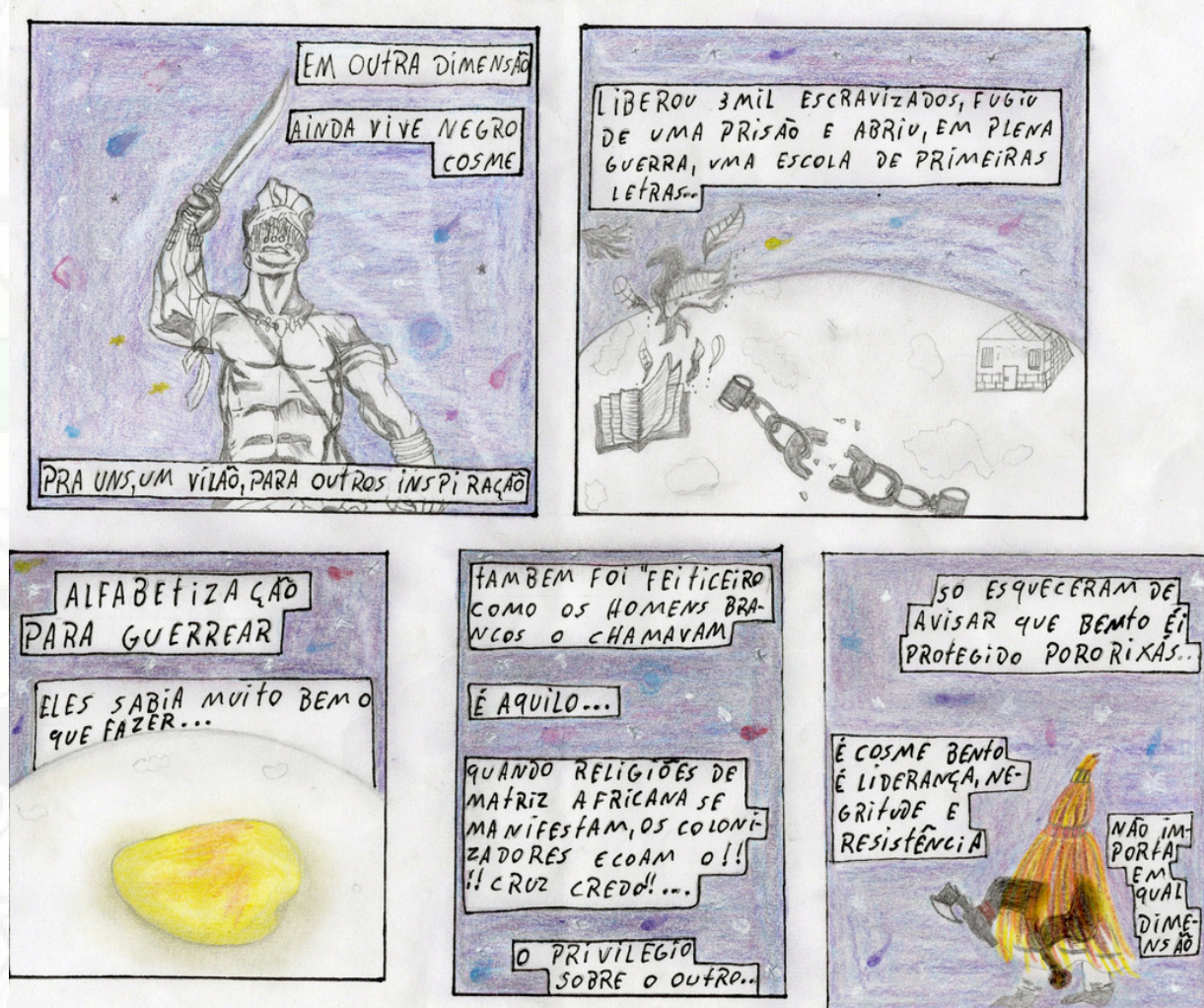


A tirinha 01 é intitulada “Iceberg de Balaio” e funciona como uma breve introdução à série Balayôs. A princípio, a linguagem visual da tira é composta apenas por um plano dividido em cinco quadrinhos, sendo o terceiro em maior extensão. Poucos elementos além dos dois personagens são coloridos, mas o enfoque gráfico da primeira tirinha foca na figura do iceberg, além, claro da apresentação rápida de Hellen e José.

“Iceberg de Balaio” recebeu este nome por influência de uma tendência de disseminação de informações no mundo digital, a “Teoria do Iceberg”, e à temática histórica, com os céstos conhecidos por balaios. Em seu quarto, a protagonista Hellen está em uma tentativa de pesquisar sobre a temática da Balaiada pelo seu computador de mesa. Em seguida, descobre a tal Teoria do Iceberg pela própria internet, uma noção que apresenta ideias do senso comum na parte superior da grande formação de gelo, enquanto embaixo, onde geralmente se encontra uma maior quantidade de gelo do iceberg, as interpretações “invisíveis” aparecem para compreendermos as outras versões dessa ideia principal.

Nesse sentido, puxando para uma abordagem histórica, é perceptível que a Teoria do Iceberg desenhada na tira representa o que comumente os estudantes lembram quando ouvem falar sobre a Revolta da Balaiada, bem assim como que aprendem após ter contado com outras fontes e interpretações a seu respeito. No último quadrinho, percebe-se o ângulo totalmente focado no Iceberg, sendo na parte de cima algumas ideias comuns aparecem: “Revolta Regencial”, “Caxias”, “Do Maranhão”. Ou seja, locais e termos muito citados ao se ouvir sobre o conteúdo. Já na parte inferior do iceberg, termos como “Resistência”, “Racialidade”, “Piauí e Ceará”, “direitos trabalhistas”, “Negro Cosme” dão a ideia de que a Balaiada é muito mais que uma revolta regencial maranhense, incorporando elementos conceituais ao debate ao se ensinar História.

Negro Cosme em Cosmos (Tirinha 4)



A tirinha 04 é intitulada “Negro Cosme em Cosmos”, e traz o jogo de palavras para oferecer um debate não apenas histórico, mas antropológico. É uma tira simples com apenas um plano, contendo em sua totalidade cinco quadrinhos, os quais receberam pintura. No primeiro quadrinho somos apresentados a uma outra dimensão (não especificada), mas que podemos perceber elementos cósmicos (estrelas, cometas, planetas), simbolizando o universo. No plano central temos, em destaque, o líder Negro Cosme, aqui seguindo um traço inspirado na arte de Ronilson Freire, o qual é representado com adereços de religião de matriz africana.

Em seguida, o narrador misterioso responsável pelas muitas falas de toda tirinha aponta para algumas informações sobre a presença do líder negro durante a Revolta e o seu papel. No segundo quadrinho são expostos alguns símbolos que representam sua luta: as algemas quebradas simbolizam a luta antiescravista nas províncias brasileiras do século XIX; o livro aberto retrata os conhecimentos quilombolas sobre o mundo religioso e também sobre a luta pela abolição; já a prisão reproduz o momento em que Cosme é condenado e julgado pelos “crimes” religiosos e políticos. No terceiro quadrinho nota-se o desenho de uma lagoa amarela, referência direta ao local de encontro de negros libertos/fugidos em que se reuniram junto aos balaios para ajudarem na revolta a partir de seus interesses. Por fim, os orixás também aparecem na tirinha, enfatizando mais uma vez a perspectiva religiosa de Cosme, herança passada através da contação de histórias do povo negro.

Percebe-se, portanto, que a tirinha 04, por mais que seja simples, é recheada de elementos ricos em informações pertinentes para a compreensão racial nas aulas de História. O universo de Negro Cosme pode ser elevado à condição de memória, sobretudo porque ao longo dos anos que sucederam a Balaiada, muitas versões foram criadas em torno da figura de Dom Cosme, como um “feiticeiro”, “analfabeto”, “bandido” e, mais recentemente, como um líder repleto de religiosidades. Além do debate em torno da figura racializada de Cosme, a partir da tirinha é possível trabalhar pontos como o racismo, a luta anticolonial, o processo de abolição da escravidão no Brasil do século XIX por outras óticas além apenas das Leis. Por isso, a resistência destacada nos quadrinhos possibilita externalizar o conteúdo da Balaiada para além do conteúdo, abrangendo discussões de memórias da escravidão/resistência para pensar nas questões do nosso tempo.

MAPICE (Tirinha 7)



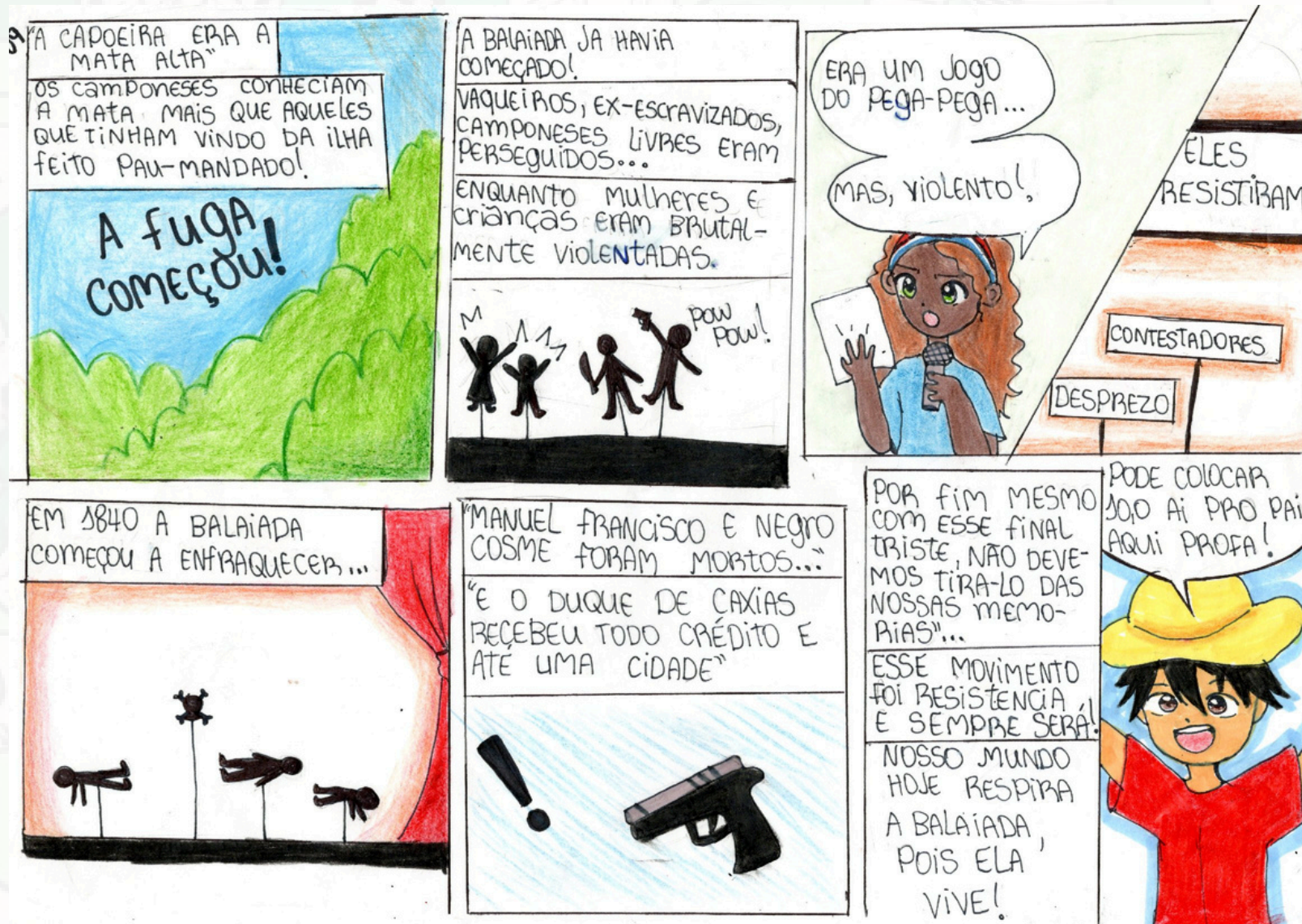
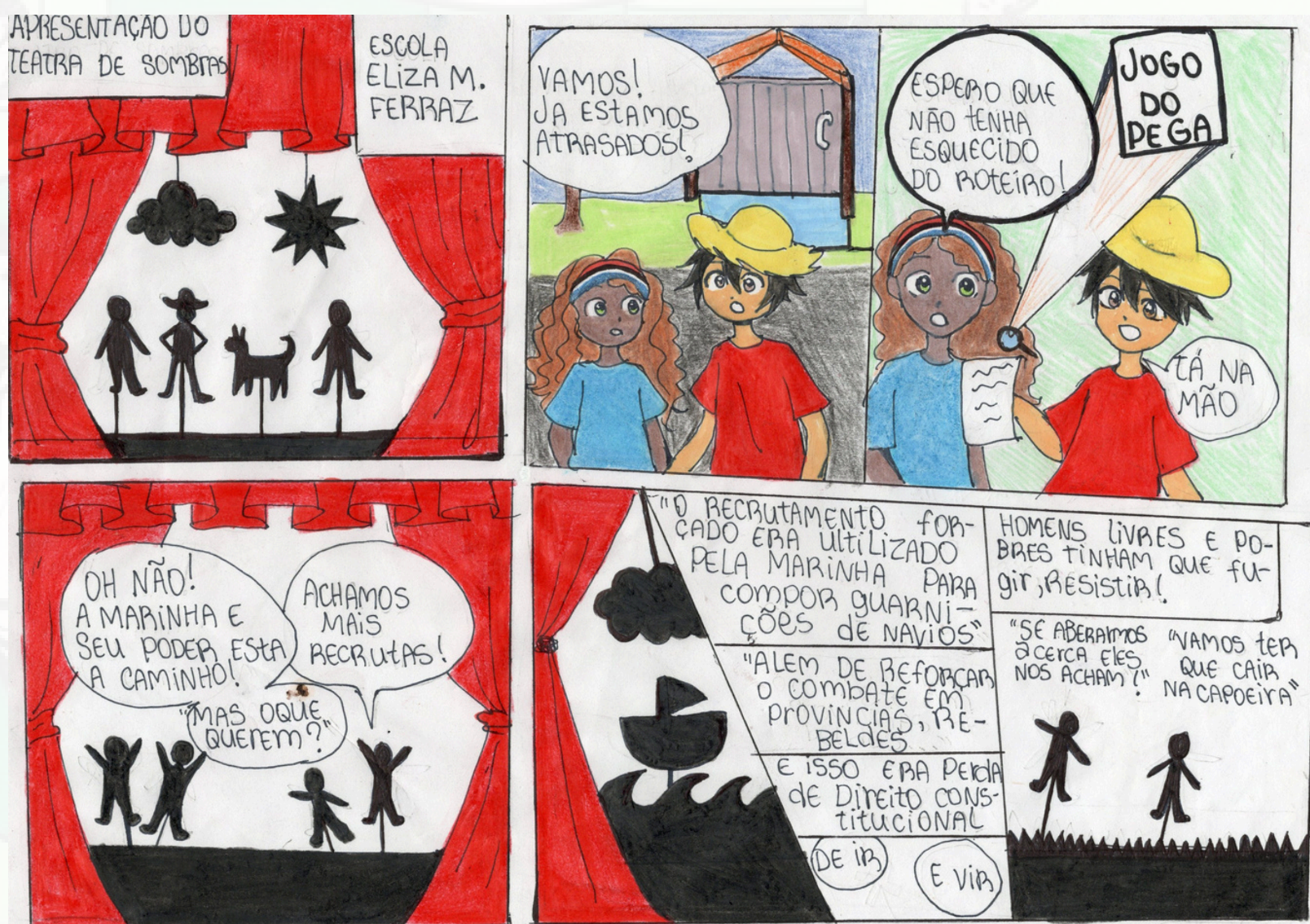
Produção das tirinhas Balayôs e seus usos no Ensino

A tirinha 07, “MAPICE” é a única tirinha que tem como foco as dimensões geográficas do conflito da Balaiada e apresenta uma narrativa ao mesmo tempo esclarecedora e misteriosa. Sua produção foi realizada em dois planos, porém com menos quadrinhos, apenas seis. Somos apresentados mais uma vez por um narrador-personagem misterioso que nos convida a entrar na “MAPICE”, uma taverna escondida no meio das colinas de muito difícil acesso. Seu ambiente é extremamente sugestivo e mostra a decoração refinada por vários estilos de mapas, antigos e novos, todavia é um espaço com pouca luz. Os últimos quadrinhos são desenhados com o foco nas províncias do MA/PI/CE e como se relacionam no contexto da Balaiada. Ao final da história, uma pessoa misteriosa surge à porta e o narrador se vê num beco sem saída.

A proposta pela criação da “MAPICE” surgiu devido à necessidade de se considerar a dimensão espacial no ensino de História. Assim como outros temas, as interpretações sobre o local da revolta da Balaiada criaram a visão de que esta é unicamente maranhense. Por mais que o palco principal da revolta tenha sido em terras maranhenses, na cidade de Caxias, muitos sujeitos que se juntaram às tropas dos balaioiros vieram das províncias vizinhas do Piauí e Ceará. A diversidade dos sujeitos pode ser um ponto de partida para se pensar quais grupos de revoltosos se destacaram em cada província. Na própria tirinha nos é apresentado, sendo no MA, escravizados e camponeses, enquanto no Piauí e Ceará tivemos a ampla participação de vaqueiros.

O Jogo do Pega (Tirinha 9)

Produção das tirinhas Balayôs e seus usos no Ensino



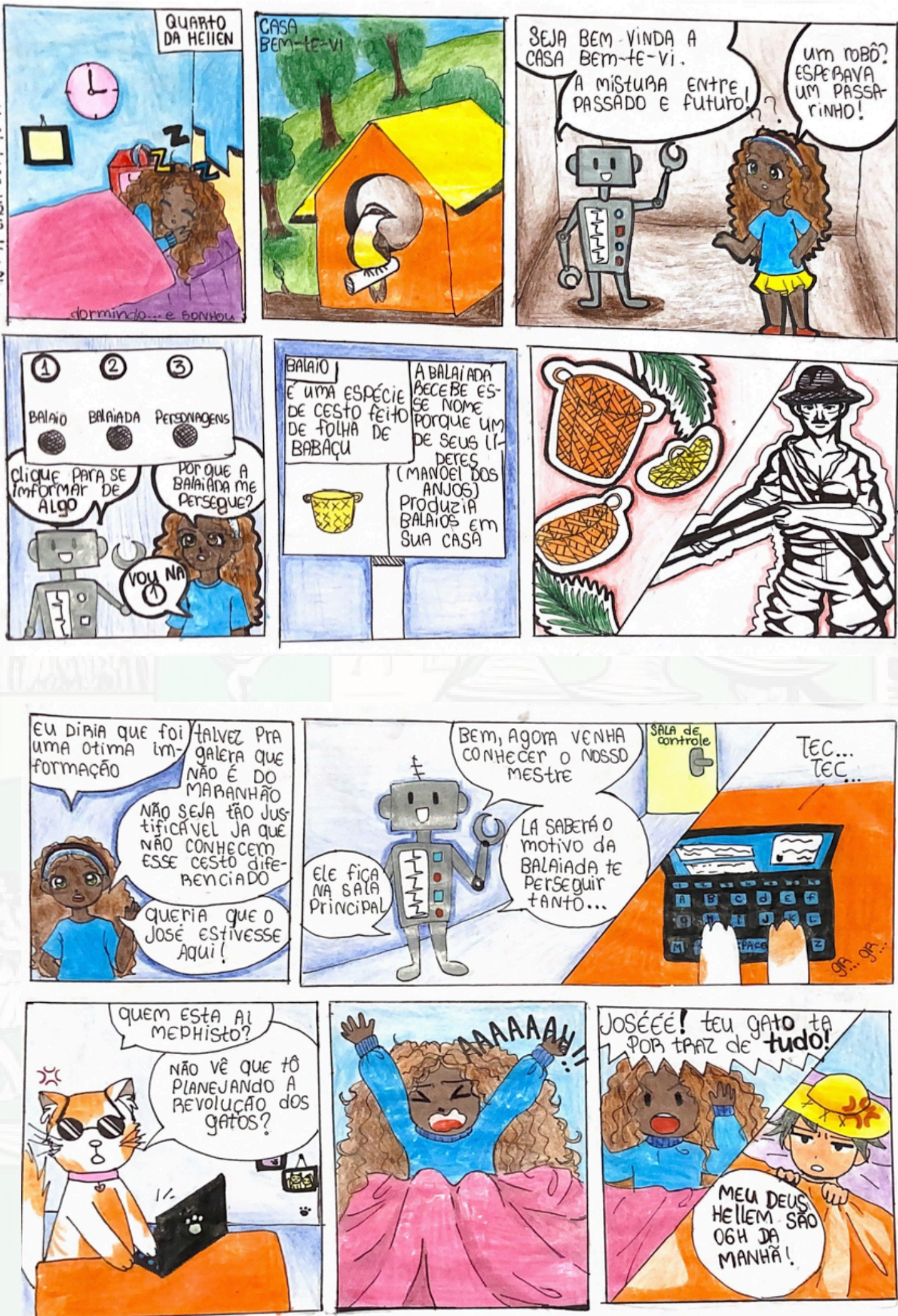
O Jogo do Pega (Tirinha 9)

A tirinha “O Jogo do Pega” se alia à anterior também por tratar de um contexto inicial da Balaiada, as fugas de muitos camponeses e/ou negros libertos que tiveram que lidar com o recrutamento forçado na província do Maranhão. Todavia, a tirinha 09 se destaca por representar tais acontecimentos de uma maneira diferente. Ela foi desenhada destacando o espaço da Escola Eliza Moreira Ferraz, em mais uma atividade escolar: o teatro de sombras. A escolha dessa metodologia foi pensada pela equipe criativa por se tratar de uma técnica artística focada principalmente nos aspectos visuais. As sombras são geradas atrás de um caixa de exposição, esta por sua vez, é iluminada pela parte de trás.

A importância do visual na tirinha foi fundamental para representar sujeitos históricos envolvidos no recrutamento, e que por mais que desenhados na cor preta/cinza para simbolizar a sombra, não atrapalhou o entendimento sobre quem esses personagens representavam, pois a técnica acaba enfatizando os traços e adereços presentes nas sombras. A penúltima tirinha também foi feita em dois grandes planos e foi distribuída em dez quadrinhos. A pintura foi prioridade para o destaque dos personagens em sombra. No primeiro quadrinho somos apresentados às exposições de “Teatro das Sombras”, dando a entender que se trata de um projeto escolar rotineiro. Nossos protagonistas chegam aflitos até à escola com receio de se atrasarem para as apresentações. Com o roteiro em mãos, José e Hellen começam a narrar a história do Jogo do Pega, expressão popular que ficou conhecida pelos moradores do interior da província do Maranhão.

A parte textual (narração) e a parte iconográfica (as sombras) da tirinha a caracterizam como uma tira mais diversificada no que tange à presença de elementos representativos. Os embates entre populares e militares é evidenciando através do domínio por parte do Império, o qual é representado em maior tamanho; um grande navio foi desenhado para simbolizar o destino para onde grande parte dos populares forçados ao recrutamento eram levados, ou seja, para a Marinha; os elementos violentos também foram apresentados através da encenação de sombras, deixando claro que o recrutamento forçado não era apenas um recrutamento, mas uma forma de controle das classes oprimidas naquele contexto, na qual muitas vezes era violento.

A casa Bem-Te-Vi



A casa Bem-Te-Vi

A tirinha 10 faz referência ao Partido Liberal, conhecido pela expressão “Bem-te-vi”. A história se passa em uma casa misteriosa chamada “Casa Bem-te-vi”, mesmo nome da tira, e apresenta elementos fictícios juntamente com referências históricas à Balaiada. Com uma narrativa simples, esta foi elaborada em um plano amplo e conta com o total de dez quadrinhos.

A história começa no quarto de Hellen. Imersa num sonho, Hellen se encontra perdida em uma outra realidade e não demora para encontrar a Casa Bem-te-vi. Ao entrar, se depara com uma espécie de robô, o que a surpreende por esperar ver pássaros, e não um androide (sentido cômico da tira). Nossa protagonista já acha todo aquele lugar muito estranho e começa a desconfiar daquela casa. Ao chegar em outro cômodo, Hellen se depara com uma bancada que contém três botões: “balaios”, “Balaiada” e “personagens”. Se perguntando por que o tema “Balaiada” a persegue tanto, e resolve clicar no primeiro botão, “balaios”. Em seguida, é lhe informado que os balaios são uma espécie de cesto, em sua maioria feitos de palhas de babaçu. Também aprende que a Balaiada recebe este nome por causa da grande produção de cestos na região, principalmente utilizados pelos populares.

A narrativa segue apresentando a casa misteriosa que faz referência aos Bem-te-vis, ao mesmo tempo em que expõe as dúvidas da protagonista expressadas através dos balões. Na sequência, o estranho robô resolve apresentar seu “mestre” e garante à Hellen que, ao conhecê-lo, entenderá o motivo da Balaiada estar tão presente em sua vida. Em meio os barulhos de um computador por meio das onomatopeias, Hellen se depara com o gato de estimação de José, planejando sorratamente a “revolta dos felinos”. Assim, Hellen acorda assustada e percebe que tudo foi um sonho e não espera tardar para ir até à casa de José avisá-lo de que tem algo estranho em seu gato de estimação.



CLICK!



Escaneie o *QR Code* para ter acesso gratuito à série completa das tirinhas Balayôs!





Criação de tirinhas

Passo 01: Reúna o material necessário

Folhas A4, lápis, borracha, caneta esferográfica, pincéis, lápis-de-cor.



Passo 02: Divida a turma em equipes

No caso de alunos que demonstram mais habilidades em desenhos, reúna-os como a equipe responsável pela arte; no caso do texto escrito, selecione estudantes hábeis em resumir ideias para compor a equipe do enredo.

Passo 03: Selecione temas e subtemas de um conteúdo

Importante deixar claro à turma qual conteúdo deve ser utilizado para se transformar em histórias em quadrinhos. Sugira temas e subtemas de algum conteúdo do livro didático e promova debates e discussões a fim de enriquecer as narrativas das HQs.

Passo 04: Revise as tirinhas criadas e oriente para a etapa final

Para finalizar a etapa de criação, oriente seus alunos para revisarem os textos contidos em balões (ou títulos). Posteriormente, certifique-se de que tudo esteja em seu devido lugar para iniciar a etapa de pintura e digitalização.

Passo 05: Divulgue as tirinhas

Divulgue os quadrinhos produzidos em murais interativos pelos corredores da escola ou nas redes sociais. Utilize-as para revisão do conteúdo representado e como futuro material paradidático para outros professores da instituição.



Referências

ABRANTES, Elizabeth Sousa; PEREIRA, Josenildo de Jesus; MATEUS, Yuri Givago Alhadeff Sampaio (Orgs.) **Histórias e memórias da Balaiada** / Elizabeth Sousa Abrantes; Josenildo de Jesus Pereira; Yuri Givago Alhadeff Sampaio Mateus (Orgs.). São Luís, MA: Editora UEMA; Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

ARAÚJO, Iramir. **A Guerra do Maranhão**. Ilustrações: Ronilson Freire e Beto Nicácio. São Luís: Ed. do autor, 2009.

ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. Histórias do Balaio. **Revista História Oral**. Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, v. 1, n. 1, 1998.

BARBOSA, Alexandre. **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula**. Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela, Angela Rama Waldomiro Vergueiro (Orgs.). 4ª ed, 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.

BITTENCOURT, C. F. **Reflexões sobre o ensino de História**. Estudos Avançados: São Paulo, 2018.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências no tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HOOKS, Bell. **Ensinado a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 32, nº 94, jun, 2017, p. 01-18.

PALHARES, Marjory. **História em Quadrinhos: Uma ferramenta pedagógica para o ensino de história**. Secretaria de Educação. Paraná. 2008.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade, modernidade e racionalidade**. In: BONILLO, Heraclio (Org.). Bogotá: Mundo Ediciones: FLASCO, 1992, p. 437-449.

RÜSEN, Jörn. Teoria da História: uma teoria da história como ciência. Trad. Estevão C. de R. Martins. Curitiba: Ed. UFPR, 2015

